



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

CIDÁLIA MENDES CORREIA TAVARES

**A PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO POPULAR EM AÇÕES DE ACESSO AO
ENSINO SUPERIOR NA UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO
INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA POR CLASSES
POPULARES DA GUINÉ-BISSAU**

Rio de Janeiro

Julho, 2025

CIDÁLIA MENDES CORREIA TAVARES

**A PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO POPULAR EM AÇÕES DE ACESSO AO
ENSINO SUPERIOR NA UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO
INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA POR CLASSES
POPULARES DA GUINÉ-BISSAU**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de mestra em Educação.

Orientador: Professor Doutor Enio José Serra dos Santos

Linha de pesquisa: Estado, Trabalho-Educação e Movimentos Sociais

Rio de Janeiro
Julho, 2025

CIP - Catalogação na Publicação

M231p Mendes Correia Tavares, Cidália
A Perspectiva da Educação em Ações de Acesso ao
Ensino Superior na Universidade da Integração
Internacional da Lusofonia por Classes Populares da
Guiné-Bissau / Cidália Mendes Correia Tavares. --
Rio de Janeiro, 2025.
119 f.

Orientador: Enio José Serra dos Santos.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, 2025.

1. Educação Popular. I. Serra dos Santos, Enio
José , orient. II. Título.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais: Victor Mendes Correia Tavares e Carolina Fernando Monteiro, por todo o apoio incondicional durante o meu percurso académico.

AGRADECIMENTOS

Após vivenciar momentos de alegria e dificuldade, dias de preocupação, noites mal dormidas, extensas leituras, pesquisas e o processo de exigente de escrita desta dissertação, é com grande satisfação que concluo esta etapa e registro, com gratidão, meus agradecimentos a todas as pessoas que contribuíram, direta e indiretamente, para tornar essa jornada possível e menos árdua.

Inicialmente, agradeço a Deus e aos meus ancestrais, cuja presença senti intensamente nos momentos de solidão e incerteza durante a realização deste trabalho.

À minha avó materna, Ocília Guilherme Coelho, expresso profundo reconhecimento pelo amor, pelo cuidado constante e por ser um exemplo de mulher trabalhadora e resiliente, cuja força sempre me inspirou.

Aos meus pais, Victor Mendes Correia Tavares e Carolina Fernando Monteiro, minha eterna gratidão por serem a base da minha existência, por acreditarem sempre na vossa filha e por todo o apoio incondicional à minha formação, desde a educação infantil na Guiné-Bissau até a continuidade dos estudos no Brasil.

Ao meu irmão, Ivailton Bartolomeu Gomes, e às minhas irmãs, Italma Mendes Correia Tavares e Vânia Virgínia Mendes Correia Tavares, agradeço por todo o carinho, amor e suporte constante ao longo da minha trajetória acadêmica.

Às minhas manas e manos: Binto Traulé, Naiara Vieira, Ricardo Gomes, Maurício Wilson Camilo da Silva, Salimatu Baldé e Florinda Costa, sou grata pelo afeto e cuidado expressos ao longo dessa caminhada.

Agradeço à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) pela oportunidade ímpar de realizar a minha formação superior no Brasil.

À Prof^a Dr^a Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre, agradeço pela orientação durante a elaboração do projeto de pesquisa, pelos ensinamentos valiosos e pela constante motivação que foram fundamentais para que eu pudesse realizar o sonho de ingressar no mestrado. A sua atenção com o meu bem-estar foi essencial neste processo.

Ao meu cunhado Alfa dos Santos Silom, registro minha gratidão pela paciência, incentivo e apoio durante a realização desta pesquisa.

Agradeço, com carinho, à acolhida calorosa do casal Laisa Eleonora Marostica Stroher e Guilherme Carpintero de Carvalho, que me receberam na sua residência durante a minha estadia no Rio de Janeiro para a entrevista do mestrado.

À Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e o Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE), sou profundamente grata pela oportunidade de continuar minha trajetória acadêmica e desenvolver esta dissertação.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Enio José Serra dos Santos, registro meu reconhecimento pela orientação comprometida, pelo incentivo constante e pela generosidade na partilha de saberes. Sua dedicação foi essencial para a concretização deste trabalho.

Aos/às coordenadores/as da Rede Malês: Zelica Manuel Pereira, Fernando Gonçalves, Joarsem Bacar Embaló, Bacar Baldé, João Eusébio Imbatene, Tito Djata, Habina Luís Nhanque, agradeço pelas contribuições valiosas ao longo deste estudo.

Manifesto meu sincero agradecimento aos/às estudantes que participaram desta pesquisa. Suas vozes e experiências foram fundamentais para a construção deste trabalho.

Aos/às docentes do PPGE/UFRJ, minha gratidão pelos saberes compartilhados e pela formação acadêmica proporcionada.

Às Professoras Doutoradas, Daniela Xavier Haj Mussi e Alessandra Nicodemos Oliveira Silva e Jussara Marques Macedo, agradeço pelas importantes contribuições oferecidas no Exame de Qualificação e Defesa da Dissertação, as quais foram cruciais para o aprimoramento e a construção definitiva da Dissertação.

Por fim, agradeço aos colegas do PPGE/UFRJ pelos momentos de partilha, apoio mútuo e amizade, com especial menção a Monique Azevedo da Silva, Luís Eduardo de Carvalho Brandão, Dayana Maria Silva Simões, Amanda de Oliveira Sampaio, Giulia Simões da Costa e Letícia Moreira.

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento (Freire, 1996).

RESUMO

Este trabalho é uma dissertação de mestrado que busca estudar a perspectiva da Educação Popular em ações de acesso ao Ensino Superior por classes populares da Guiné-Bissau. Seu objetivo principal é analisar o papel da Educação Popular na preparação dos jovens de classes populares da Guiné-Bissau para o ingresso no Ensino Superior na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa, que assentou nas entrevistas semiestruturadas com estudantes guineenses que participaram do cursinho Emancipa Malês e que atualmente estão a estudar na Unilab. Os dados dessas entrevistas foram cruzados com algumas bibliografias de pesquisadores da Educação Popular, cursinhos populares e Ensino Superior. Compreende-se que o Ensino Superior na Guiné-Bissau é muito precário e precisa de políticas públicas eficazes para melhorar o seu funcionamento. Entre muitos fatores que impossibilitam o acesso e a permanência de estudantes guineenses nas universidades, destaca-se a não gratuidade da formação superior e a centralização das universidades no território guineense. Desse modo, as classes populares, principalmente aqueles/as que vivem nos interiores da Guiné-Bissau, não conseguem acessar e permanecer no Ensino Superior e acabam procurando alternativas de estudo fora do país. Nesse sentido, compreende-se a relevância dessa pesquisa na medida em que, ao se debruçar sobre todo o processo de incentivo fomentado por iniciativas de Educação Popular a estudantes no Ensino Superior da Guiné-Bissau e do Brasil, almeja-se que isto poderá colaborar com o desenvolvimento do Ensino Superior dos referidos países e também sirva para que futuros pesquisadores da temática relacionada à Educação Popular possam utilizá-la para fazer embasamento teórico nos seus trabalhos. Esta pesquisa abre caminhos para investigar e aprofundar mais sobre a Educação Popular desenvolvida pela Rede Emancipa Malês, estendendo a análise do processo de preparação de estudantes de Angola, Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe para o ingresso na Unilab, visto que o foco dessa pesquisa foi os/as estudantes guineenses. Além disso, pode-se fazer uma pesquisa aprofundada sobre o desenvolvimento da educação popular nos períodos pré-colonial, colonial e pós-colonial na Guiné-Bissau e o seu impacto na sociedade.

Palavras-chaves: Educação Popular, Ensino Superior, Unilab, Guiné-Bissau, Rede Emancipa Malês.

ABSTRACT

This work is a master's dissertation that seeks to study the perspective of Popular Education in actions for access to Higher Education by working classes in Guinea-Bissau. Its main objective is to analyze the role of Popular Education in preparing young people from the working classes of Guinea-Bissau to enter Higher Education at the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony (Unilab). To this end, qualitative research was conducted based on semi-structured interviews with Guinean students who participated in the Emancipa Malês preparatory course and are currently studying at Unilab. The data from these interviews were cross-referenced with bibliographies from researchers on Popular Education, popular preparatory courses, and higher education. It is understood that higher education in Guinea-Bissau is very precarious and requires effective public policies to improve its functioning. Among the many factors that hinder Guinean students' access to and retention in universities, the lack of free higher education and the centralization of universities in Guinea-Bissau stand out. Thus, the working classes, especially those living in the interior of Guinea-Bissau, are unable to access and remain in higher education and end up seeking alternative study options outside the country. In this sense, the relevance of this research is understandable, as, by examining the entire process of incentives fostered by Popular Education initiatives for students in higher education in Guinea-Bissau and Brazil, it is hoped that this will contribute to the development of higher education in these countries and also serve as a theoretical basis for future researchers on topics related to Popular Education. This research opens avenues for further investigation and exploration of the Popular Education developed by the Emancipa Malês Network, extending the analysis of the process of preparing students from Angola, Cape Verde, Mozambique, and São Tomé and Príncipe for admission to Unilab, given that the focus of this research was on Guinean students. Furthermore, in-depth research on the development of popular education in the pre-colonial, colonial, and post-colonial periods in Guinea-Bissau and its impact on society.

Keywords: Popular Education, Higher Education, Unilab, Guinea-Bissau, Emancipa Malês Network.

LISTA DOS QUADROS

Quadro 1: Instituições guineense de Ensino Superior e Técnico, públicas e privadas com seus respectivos lugares de funcionamento e ano de fundação	24
Quadro 2- Lista de Atividades do Projeto Emancipa Malês em 2024.....	54
Quadro 3- Lista de Candidatos/as à Pós-graduação no Brasil, inscritos/as pela Rede Emancipa Malês	56
Quadro 4 - Lista de coordenadores/as da Rede Emancipa Guiné-Bissau.....	62
Quadro 5 - Lista de coordenadores/as do Núcleo Bissau	64
Quadro 6- Lista de Entrevistados/as da Pesquisa	71

LISTA DAS FIGURAS

Figura 1 - Mapa da Guiné-Bissau com suas respectivas regiões e sectores	21
Figura 2 - Mulheres no cultivo de arroz na Guiné-Bissau.....	22
Figura 3- Logotipo da Rede Emancipa Movimento Social de Educação Popular	39
Figura 4 - Logotipo da Rede Emancipa Malês	46
Figura 5 - Aula de matemática à distância no cursinho Emancipa Malês	49
Figura 6 - Videoaulas do cursinho de Emancipa Malês sobre o texto dissertativo-argumentativo	50
Figura 7- Estudantes de Ensino Médio do colégio estadual Martinho Salles no Auditório da UNILAB/Malês	52
Figura 9 - Logotipo da Rede Emancipa Cabo Verde.....	58
Figura 10 - Logotipo da Rede Emancipa Angola	59
Figura 11 - Logotipo da Associação Kukula Pabhodzi	60
Figura 12 - Logotipo da Federação Nacional das Associações Acadêmicas da Universidade de São Tomé e Príncipe (FNAAU-STP)	61
Figura 13 - Logotipo da Rede Emancipa Guiné-Bissau	62
Figura 14 -Tomada de posse dos Coordenadores do Núcleo Bissau.....	64
Figura 15 - Coordenadores/as e estudantes na primeira Escola de Emancipa em Bula	67

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

UNILAB- Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

BA- Bahia

PAI- Partido Africano da Independência

PAIGC- Partido Africano Para a Independência de Guiné e Cabo Verde

ENS - Escola Nacional de Saúde

CENFA- Centro de Formação Administrativa

ENA- Escola Nacional de Administração

FM – Faculdade de Medicina

ENEFD – Escola Nacional da Educação Física e dos Desportos

FDB - Faculdade de Direito de Bissau

UAC – Universidade Amílcar Cabral

ULG– Universidade Lusófona da Guiné

UCB – Universidade Colinas de Boé

UCAO- Universidade Católica da África Ocidental

ISGB- Instituto Superior de Gestão Superior de Bissau

IES- Instituto de Ensino Superior

LBSE – Lei de Bases do Sistema Educativo

ENEM- Exame Nacional de Ensino Médio

USP- Universidade de São Paulo

UFSCAR- Universidade Federal de São Carlos

UnB- Universidade de Brasília

MG- Minas Gerais

RS- Rio Grande do Sul

GO- Goiás

PA- Pará

RJ- Rio de Janeiro

PR- Paraná

SP- São Paulo

CP- Cursinho Popular

UFPA- Universidade Federal do Pará

IEB- Instituto de Estudos Brasileiros

DEGASE- Departamento Geral de Ações Socioeducativas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1	18
O ENSINO SUPERIOR NA GUINÉ-BISSAU	18
1.1 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA E GEOGRÁFICA DA GUINÉ-BISSAU	18
1.2. HISTÓRICO DO ENSINO SUPERIOR NA GUINÉ-BISSAU.....	23
1.3 ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR	25
1.4 ACESSO E PERMANÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR	27
1.5 PERSPECTIVAS FUTURAS DO ENSINO SUPERIOR.....	29
CAPÍTULO 2	33
EDUCAÇÃO POPULAR E AS REDES DE EMANCIPA NO BRASIL E EM ALGUNS PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA	33
2.1 O CONCEITO DE EDUCAÇÃO POPULAR.....	33
2.2 REDE EMANCIPA: MOVIMENTO SOCIAL DE EDUCAÇÃO POPULAR.....	37
2.3 O PROJETO DE EXTENSÃO EMANCIPA MALÊS: ESTRATÉGIAS INTERNACIONALISTAS DE EDUCAÇÃO POPULAR NA UNILAB	45
2.4 REDE EMANCIPA GUINÉ-BISSAU	61
CAPÍTULO 3	70
ESTUDANTES GUINEENSES DO CURSINHO POPULAR EMANCIPA MALÊS: DA EXPERIÊNCIA EM EDUCAÇÃO POPULAR A EXPERIÊNCIA NA UNILAB.....	70
3.1. HISTÓRIA DE VIDA EDUCACIONAL DOS/AS ENTREVISTADOS/AS	72
3.2. O CURSINHO EMANCIPA MALÊS.....	76
3.3. A UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS	89
APÊNDICE 1	93
ROTEIRO DAS ENTREVISTAS	93
APÊNDICE 2	95
QUADRO METODOLÓGICO DA ENTREVISTADA AUA	95

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa visa a analisar a preparação dos jovens de classes populares da Guiné-Bissau para o ingresso no Ensino Superior da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) através da Educação Popular. Com base nisso, o referido trabalho procura compreender de que forma a Educação Popular pode despertar o interesse das pessoas e possibilitar a entrada das classes populares na formação superior, tanto dentro da Guiné-Bissau quanto fora do país.

Na Guiné-Bissau o Ensino Superior chegou tardiamente. A sua institucionalização aconteceu em 1999 e a abertura das universidades se iniciou em 2003. Para ter acesso à formação superior guineense o estudante tem a obrigação de pagar as mensalidades, requisito que acaba por excluir os estudantes mais pobres. Desse modo, diferente das elites, devido à vulnerabilidade socioeconômica, geralmente as classes populares precisam de muito estímulo para que possam ingressar nas universidades e institutos de formação superior, tanto na Guiné-Bissau como fora do país, a fim de continuarem com os estudos para além da educação básica.

No meu caso específico¹, como nativa da Guiné-Bissau, quando concluí o Ensino Médio fiquei um ano sem estudar porque naquela época meus pais não tinham condições financeiras para custear o meu estudo na universidade. Em 2017, com muito esforço, meu pai economizou e conseguiu me matricular num Instituto de Formação Superior, para o qual ingressei após fazer provas de língua portuguesa e matemática. Para realizar a matrícula, paguei um valor equivalente a três meses de mensalidade. Durante o percurso naquele Instituto de Formação Superior passei muitas dificuldades e uma delas tem a ver com o pagamento das mensalidades porque, às vezes, era impedida de entrar na sala de aula por não pagá-las. Assim sendo, quando voltava a assistir as aulas, geralmente ficava perdida em relação aos conteúdos que os professores e colegas abordavam. Além dessa situação me afetar, também afetava os meus pais, pois eles queriam que eu tivesse uma formação de qualidade.

Naquela época, como minha irmã mais velha estava a estudar no Brasil, na Unilab, Campus dos Malês, situada em São Francisco do Conde, no estado da Bahia, ela comentava sobre a gratuidade e qualidade do ensino nas universidades públicas brasileiras e isso fez

¹ Na introdução será utilizada a primeira pessoa do singular no relato de minhas vivências educacionais na Guiné Bissau e no Brasil. Nos capítulos seguintes, quando cessam os relatos pessoais, será utilizada a primeira pessoa do plural predominantemente.

com que os meus pais prontamente me incentivassem a vir estudar no Brasil. Durante a minha graduação em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, eu e alguns colegas da Unilab/Malês começamos a incentivar amigos, colegas, familiares e conhecidos a vir estudar no Brasil, principalmente na Unilab. Convidamos especialmente estudantes pertencentes às classes populares e durante muito tempo desenvolvemos o trabalho de incentivo e orientação a esses estudantes. A iniciativa foi crescendo e ganhando mais corpo e quando estava a cursar licenciatura em Pedagogia, também na Unilab, foi criado o Projeto de Extensão chamado “Emancipa Malês Estratégias Internacionalistas de Educação Popular”, no qual atuei como bolsista. Através dessa experiência surgiu o interesse de pesquisar a temática “A perspectiva da Educação Popular em ações de acesso ao Ensino Superior na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira por classes populares da Guiné-Bissau”, entendendo que as pessoas, independentemente de classe social, gênero, raça e orientação sexual, precisam ter acesso à formação superior de qualidade para que, posteriormente, possam contribuir com o desenvolvimento do seu ou de outro país.

Partindo da constatação de que as classes populares da Guiné-Bissau encontram uma variada gama de dificuldades para o acesso ao Ensino Superior, tanto dentro quanto fora do país, e das características político-pedagógicas do projeto Emancipa-Malês, surgiu uma inquietação que, conseqüentemente, é a problemática da nossa pesquisa: em que medida a Educação Popular pode contribuir para a emancipação intelectual de estudantes guineenses ao prepará-los para o ingresso na Unilab?

Salienta-se que a Educação Popular tem uma grande importância na transformação social dos indivíduos. Exemplo concreto disso são os trabalhos que foram desenvolvidos ao longo do tempo pela “Rede Emancipa: Movimento Social de Educação Popular” no Brasil. Ao longo de vários anos, essa rede de Educação Popular tem atuado nos cursinhos populares (dentre outras iniciativas, como Educação de Jovens e Adultos, ensino de língua portuguesa a refugiados etc.) apoiando, estimulando, dando formações a jovens da periferia para que possam ingressar no Ensino Superior, principalmente nas universidades públicas brasileiras. De igual modo, nos trabalhos de Educação Popular desenvolvidos pela Rede Emancipa em Guiné-Bissau, Angola, Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe, redes que serão apresentadas mais adiante.

Entende-se que essa pesquisa pretende contribuir com a compreensão sobre como a Educação Popular pode realmente impactar a Guiné-Bissau, considerando que, em função das conseqüências do histórico processo colonial e de crises internas na política do país, a

educação nacional passa por muitas dificuldades, que representam desafios para o seu desenvolvimento. Ao se debruçar sobre todo o processo de incentivo fomentado por iniciativas de Educação Popular a estudantes no Ensino Superior da Guiné-Bissau e do Brasil, almeja-se que essa pesquisa não só possa colaborar com o desenvolvimento do Ensino Superior dos referidos países como também sirva para que futuros pesquisadores da temática relacionada à Educação Popular possam utilizá-la para fazer embasamento teórico nos seus trabalhos.

Portanto, como objetivo geral da pesquisa, pretende-se analisar o papel da Educação Popular na preparação dos jovens de classes populares da Guiné-Bissau para o ingresso no Ensino Superior da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab).

Em relação aos objetivos específicos da pesquisa, pretende-se:

- caracterizar os tipos da educação que existem no território guineenses;
- analisar as políticas públicas de acesso à educação superior na Guiné-Bissau;
- compreender a presença da Educação Popular no período pré-colonial e durante as lutas pela independência da Guiné-Bissau;
- analisar o processo da Educação Popular desenvolvido pela “Rede Emancipa Brasil: Movimento Social de Educação Popular” e compreender a iniciativa da “Rede Emancipa Guiné-Bissau”.

A fim de levar essa proposta a cabo, metodologicamente esta pesquisa apresenta um caráter qualitativo na medida em que vamos nos debruçar em pesquisas bibliográficas a fim de melhor compreender a Educação Popular, em termos gerais. Em termos específicos, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com estudantes guineenses da Unilab que participaram dos cursinhos preparatórios da Rede Emancipa Malês.

Para compreender melhor o nosso tema, debruçamos na pesquisa bibliográfica a fim de aprofundarmo-nos nas narrativas dos/as autores/as que pesquisam sobre o Ensino Superior na Guiné-Bissau, além dos/os pesquisadores/as da Educação Popular, principalmente Paulo Freire, haja vista que ele foi um intelectual que se dedicou à Educação Popular tanto no Brasil como em alguns dos países africanos de língua oficial portuguesa. Assim, sua bibliografia foi de grande relevância na realização desta pesquisa e na construção da desta dissertação. De igual modo, as bibliografias de autores/as como Carlos Rodrigues Brandão, Amílcar Cabral e outros escritores/as também foram úteis, pois permitiram que se

abram espaços para reflexão e diálogo durante a construção do trabalho a fim de atingir os objetivos almejados.

Além desta seção introdutória, o presente texto está dividido em três (3) capítulos. O primeiro trata do Ensino Superior na Guiné-Bissau e contém cinco subcapítulos em que são apresentadas a contextualização tanto geográfica quanto sócio-histórica da Guiné-Bissau; o histórico, a estrutura e a organização do Ensino Superior no país; além de questões relacionadas ao acesso, à permanência e às perspectivas futuras do Ensino Superior no país. No segundo capítulo, o foco é a Educação Popular e a adoção dessa concepção na Rede Emancipa no Brasil e em alguns países africanos de língua oficial portuguesa. Engloba três subcapítulos, sendo o primeiro sobre o conceito da Educação Popular, o segundo sobre a criação, a organização e as ações da Rede Emancipa no Brasil e o último acerca da fundação e do desenvolvimento do “Projeto de Extensão Emancipa Malês: Estratégias Internacionalistas de Educação Popular” na Unilab. As parcerias com outras redes de emancipação e suas ações também são abordadas nesse capítulo. No que tange ao terceiro e último capítulo do trabalho, a metodologia adotada na pesquisa e a análise dos dados empíricos coletados são o enfoque principal. É composto por três subcapítulos: o primeiro mostra os caminhos percorridos para a realização da pesquisa, o segundo analisa os depoimentos dos estudantes da Guiné-Bissau que fizeram o cursinho oferecido pelo Projeto Emancipa-Malês e o terceiro analisa os depoimentos referentes às suas vivências na Unilab.

CAPÍTULO 1

O ENSINO SUPERIOR NA GUINÉ-BISSAU

O primeiro capítulo versa principalmente sobre o Ensino Superior na Guiné-Bissau em que são apresentados um histórico e a evolução do referido nível de ensino, além da sua estrutura e organização. Também são abordadas as questões referentes ao acesso e à permanência dos estudantes e as perspectivas futuras. Para maior compreensão desse processo, será apresentada inicialmente a contextualização da Guiné-Bissau em diversas dimensões, desde a econômica e demográfica como a cultural e histórica.

1.1 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA E GEOGRÁFICA DA GUINÉ-BISSAU

Antes da invasão dos colonizadores portugueses, a atual Guiné-Bissau fazia parte de um grande império africano. Como explica com detalhes Nembali Mané (2021), o país conhecido atualmente como Guiné-Bissau era um império africano propriedade de grandes reinos dos povos sudaneses, como o Império de Gana. No referido império, devido à sua grandeza, a Guiné-Bissau era uma das regiões que estavam sob o seu domínio. A capital era chamada de Kumbi Salé e ficava à margem do deserto de Saara. Geograficamente, o Império de Gana e Guiné-Bissau eram muito diferentes, apesar de historicamente serem considerados o mesmo lugar. O primeiro existiu entre 830 e 1.235 da Era Comum, período da sua decadência, sendo substituído pelo Império de Mali, um grande império pertencente a África Ocidental que inicialmente fazia parte do Império de Gana.

O país conhecido hoje como Guiné-Bissau foi invadido pelos portugueses, em 1446, e passou pelo processo de colonização durante vários anos, ou seja, o território e os nativos foram dominados e explorados pelos colonizadores portugueses durante séculos e em diferentes fases.

Na segunda metade do século XX, alguns intelectuais guineenses insatisfeitos com o processo da colonização se organizaram e criaram o Partido Africano da Independência (PAI), mais tarde conhecido como Partido Africano Para a Independência de Guiné e Cabo Verde (PAIGC). De acordo com Reis (2020, p. 14):

Segundo Luís Cabral, no dia 19 de setembro, em 1956, é criado na clandestinidade um novo partido político: o PAI (Partido Africano da Independência), na cidade de Bissau, resultante de um encontro onde estavam presentes, além de Luís e Amílcar Cabral: Aristides Pereira;

Fernando Fortes; Júlio Almeida e Elysée Turpin. Esta é também a data assumida como a fundação do partido pelo próprio PAIGC, tal como se pode constatar na sua página oficial.

O PAIGC naquela época contava com os membros guineenses e caboverdianos e tinha o objetivo de unir esses membros por uma causa maior, que é a luta contra o regime colonial português e a independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde. Desse modo, foi realizada uma luta armada conjunta. De acordo com Teixeira (2015), o PAIGC desenvolveu um trabalho demorado de mobilização e conscientização das massas populares que viviam no interior da Guiné-Bissau, região em que se encontrava a base do mencionado partido. Esse trabalho do PAIGC resultou no início da luta armada para a libertação do país no dia 23 de janeiro de 1963 nas regiões sul e leste do território guineense. Foram dez anos de muita luta entre os guerrilheiros nativos com os invasores portugueses e, finalmente, no dia 24 de setembro de 1973, o país conseguiu a independência unilateral, reconhecida pelos colonizadores portugueses apenas em 1974. Destaca-se que, ao longo da luta pela independência de Guiné-Bissau e Cabo Verde, existia uma experiência de educação popular desenvolvido pelo PAIGC, esse partido construiu escolas nas zonas libertadas, lugares que estavam sob o domínio dos guerrilheiros do PAIGC.

As escolas construídas naquelas regiões tinham sentidos e significados importantes, pois, além de caráter alfabetizador, representavam símbolos de resistência contra violências perpetuadas pelo regime colonial através do ensinamento dos princípios ideológicos do PAIGC, o que possibilitou a população a ter a consciência da revolução em defesa do país, neste sentido, as zonas libertadas assumiram papéis de emancipação, libertação e alfabetização. (Mendes, 2019, p. 59)

A partir disso, compreende-se que o processo educativo desenvolvido pelo PAIGC nas zonas libertadas não se limitava apenas em alfabetizar a população local, mas era uma ferramenta de resistência, conscientização política e emancipação. As escolas nas zonas libertadas desempenhavam um papel importante na construção da identidade coletiva, a preparar a população local a enfrentar a opressão local em consonância com os princípios de educação popular defendidos por Paulo Freire. Mas, após a independência da Guiné-Bissau, a experiência da educação popular do PAIGC desenvolvida nas zonas libertadas não continuou devido a vários fatores como crise econômica, falta de recursos, interferência externa entre outros. Os organismos internacionais, além disso, adotavam modelos educacionais mais técnicos e voltados para as exigências do mercado, deixando de lado a proposta de educação popular defendida por PAIGC. Assim sendo, essa educação acabou se

perdendo e foram adotados outros modelos de educação, como pode se verificar no capítulo sobre o ensino superior na Guiné-Bissau.

Conforme Sucuma (2017), Guiné-Bissau é um país localizado na costa ocidental da África, banhada pelo Oceano Atlântico, com uma superfície de 36.125 km². O território guineense é composto por uma parte continental e outra insular, sendo a parte continental limitada ao norte com o Senegal e ao leste e ao sul com a Guiné-Conacry (Figura 1). Segundo Teixeira (2015, p. 128 e 129), “a República da Guiné-Bissau é subdividida em oito regiões, trinta e seis setores, além do setor autônomo de Bissau e o arquipélago dos Bijagós, este composto por dezenas de ilhas.” Na figura 1 estão representados em caixa alta e pintados com a cor-de-rosa os nomes das regiões da Guiné-Bissau e as outras escritas menos destacadas correspondem aos nomes dos setores e secções do país.

A Guiné-Bissau tem um clima tropical e úmido e contém duas estações de ano: úmida e seca. A época chuvosa se inicia no mês de maio e vai até novembro e a época seca dura de dezembro a abril. Sani e Oliveira (2014) explicam que a fonte principal da economia da Guiné-Bissau provém da exportação de castanhas de caju e da pesca, que é um acordo firmado com a União Europeia. A maior parte das pessoas vive no interior do país cultivando os alimentos para o seu sustento e da família.

Figura 1 - Mapa da Guiné-Bissau com suas respectivas regiões e sectores



Fonte: Mapa da República de Guiné-Bissau (ResearchGate, 2024, s.p.).

Compreende-se que as pessoas que vivem nas regiões que ficam no interior da Guiné-Bissau dependem da agricultura e pesca para sobreviver (Figura 2). Através dessas atividades conseguem comprar produtos de primeira necessidade, mas, às vezes, os efeitos das mudanças climáticas podem prejudicar tanto a pesca quanto a agricultura, enfraquecendo a economia do país e trazendo a fome para as populações, principalmente aquelas que vivem fora da capital Bissau. Além disso, adiam o desenvolvimento do país.

Figura 2 - Mulheres no cultivo de arroz na Guiné-Bissau



Fonte: Mulheres no cultivo de arroz na Guiné-Bissau
(PortalAfro, 2024, s.p.)

A Guiné-Bissau é constituída por vários grupos étnicos. Cada um deles vive majoritariamente em uma das regiões do país e possui a sua própria cultura formando uma diversidade cultural guineense muito rica. Segundo Campos (2013, p.5):

O território da Guiné-Bissau é atualmente povoado por diversos grupos étnicos que, no seu conjunto, constituem o povo guineense. No litoral, do norte para o sul, encontram-se os felupes, baiotes, banhuns, cassangas, cobianas, manjacos, brames (mancanhas), balantas, balantas-manés, mansoancas (cunantes), papéis, bijagós, beafadas, nalus, sossos, bagas, landumãs e tandas. No interior, existem fulas (futa-fulas, fulas forros e fulas pretos) e mandingas, além de pequenos grupos de pajadincas e saracolés.

O território guineense também é composto por uma diversidade linguística. Além do português, que é a língua oficial, a população também se comunica em crioulo guineense, além das outras línguas locais pertencentes aos diferentes grupos étnicos citados anteriormente. O crioulo é a língua que permite a comunicação entre os diversos grupos sociais guineenses. Segundo Scantamburlo (2013, p. 1), “hoje o Crioulo Guineense é a língua nacional mais falada, porque é língua materna ou língua segunda de mais de metade da população, é entendida pela maioria e é símbolo de identidade nacional”. O crioulo, mesmo sendo a língua do dia a dia da maior parte da população, não é a língua de ensino na Guiné-Bissau, pois esse espaço foi ocupado pelo português que é a língua do colonizador e

considerada oficial. O português como língua de ensino traz muitos desafios para os estudantes, pois a dificuldade de se expressar e compreender os conteúdos compromete a formação desses estudantes.

1.2. HISTÓRICO DO ENSINO SUPERIOR NA GUINÉ-BISSAU

Inicialmente é importante informar que durante o período colonial na Guiné Portuguesa (atual Guiné-Bissau) os colonizadores não estavam interessados em oferecer uma educação de qualidade para os nativos, tampouco estavam engajados em criar universidades para que os estudantes tivessem uma formação superior. Sendo assim, o autor Costa (2023, p. 9) informa que o “[...] Ensino Superior na Guiné-Bissau surgiu muito tarde. A ex-potência colonial, Portugal, parece não ter colocado o Ensino Superior como uma das suas prioridades na antiga Província Guiné Portuguesa.”

Após a independência, o país precisava com urgência de quadros qualificados para governar e ajudar no seu processo de desenvolvimento. Em relação à educação superior, infelizmente, naquela época, Guiné-Bissau não tinha professores qualificados suficientes para trabalhar no Ensino Superior. Por isso, a implantação e o desenvolvimento do referido ensino começaram de forma lenta. De acordo com Sucuma (2015, p. 6) “[a] construção e evolução do Ensino Superior na Guiné-Bissau começaram de uma forma paulatina e em fases, através das escolas de formação profissional. A primeira delas foi a Escola Técnica vocacionada na área de formação industrial e outros.” Essa escola foi criada pelos colonizadores e depois da independência ela foi herdada pelos nativos, mas, ao longo do tempo, a Escola Técnica foi desativada, o processo completo da sua desativação aconteceu após o conflito político militar de 7 de junho de 1998, período em que o país passava por uma crise econômica.

Salienta-se que, além da Escola Técnica, outras instituições foram herdadas, o que fez com que “a Guiné-Bissau [levasse] certa vantagem, porque depois da independência o país já tinha algumas escolas de formação superior como Escola Superior de Direito e Faculdade de Medicina” (Sucuma, 2018, p. 123). Em relação ao Ensino Médio, na época da Guiné-Portuguesa existia apenas uma escola cujo nome era Liceu Honório Barreto e era situada em Bissau. Com a independência, foi mudado o nome para o Liceu Kwame Nkrumah. Os colonizadores não construíram nenhuma instituição de Ensino Superior, apenas escolas técnicas.

Destaca-se que existe uma pequena discrepância de informações entre os autores em relação ao ano da criação das instituições de formação do Ensino Superior e técnico em Guiné-Bissau. Dessa forma, essas informações dependem de cada fonte de pesquisa. Segundo a pesquisa de Sani e Oliveira (2014), o quadro abaixo apresenta os dados referentes ao ano da criação das instituições de Ensino Superior e técnico guineense públicos e privados e seus respectivos lugares de funcionamento.

Quadro 1: Instituições guineense de Ensino Superior e Técnico, públicas e privadas com seus respectivos lugares de funcionamento e ano de fundação

Ano	Instituição de Ensino Superior e Técnico	Pública e Privada	Local
1974	Escola Nacional de Saúde (ENS)	Pública	Bissau
1975	Escola de Formação Amílcar Cabral	Pública	Bolama
1979	Escola Normal Superior Tchico Té, atual (Escola Superior da Educação que integra Escola de Formação Amílcar Cabral, Escola Nacional de Educação Física e Desportos e Escola de Formação 17 de Fevereiro)	Pública	Bissau
1982	Centro de Formação Administrativa (CENFA), atual Escola Nacional de Administração (ENA)	Pública	Bissau
1986	Faculdade de Medicina de Bissau (FDB)	Pública	Bissau
1986	Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD)	Pública	Bissau
1990	Faculdade de Direito de Bissau	Pública	Bissau
2003	Universidade Amílcar Cabral (UAC), atual Universidade Lusófona da Guiné (ULG)	Privada	Bissau
2003	Universidade Colinas de Boé (UCB)	Privada	Bissau
2007	Universidade Católica da África Ocidental (UCAO)	Privada	Bissau
2008	Instituto Superior de Gestão Superior de Bissau (ISGB)	Privada	Bissau
2009	Sup Management	Privada	Bissau
2010	Universidade Jean Piaget	Privada	Bissau

Fonte: Sani e Oliveira (2014).

1.3 ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR

Como dito anteriormente, o Ensino Superior chegou tardiamente no território guineense devido à falta de interesse dos colonizadores em oferecer um ensino de qualidade à população local. A Guiné-Bissau enviava os seus estudantes para cursarem o Ensino Superior no exterior do país nos diferentes lugares do mundo: Brasil, Marrocos, Portugal, Argélia, Cuba, Rússia etc. Com o passar do tempo, alguns intelectuais guineenses começaram a sentir a necessidade de criação de Instituições de Ensino Superior (IES) no país. Sendo assim, foram desenvolvidos alguns trabalhos que resultaram no surgimento das primeiras universidades da Guiné-Bissau: Universidade Amílcar Cabral (UAC) e a Universidade Colinas de Boé (UCB). Segundo Sucuma (2018, p. 108 e 109):

[...] a Universidade Amílcar Cabral/UAC, criada em 1999, começou a funcionar em 2003/2004, numa parceria pública privada entre o Governo da Guiné-Bissau e a Universidade Lusófona, que é uma universidade privada; paralisou suas atividades de parceria com a Universidade Amílcar Cabral/UAC nos finais de 2008. O encerramento desta parceria se deve ao cumprimento de acordo assinado entre as partes. Ou seja, problemas de choque de gestão entre os parceiros envolvidos no processo, que culminou com a crise institucional na UAC, gerando greves dos docentes e outros. De 2009 a 2014, a UAC não funcionou, apesar de ter uma reitora nomeada em 2013 com a finalidade de restabelecer o funcionamento da universidade.

Compreende-se que a UAC não funcionou por muito tempo na Guiné-Bissau devido aos problemas entre os gestores e consequentemente a crise institucional. Apesar disso, os responsáveis pela Universidade Lusófona, através do diálogo com o governo guineense, conseguiram implantar a Universidade Lusófona da Guiné (ULG) na mesma instalação da UAC. Antes da desativação da UAC, a ULG oferecia diversos cursos dentre os quais, de acordo com os autores Sani e Oliveira (2014), Arquitetura, Economia, Enfermagem e Ciências Médicas, Administração e Gestão de Empresa, Comunicação Organizacional e Jornalismo, Engenharia Informática, Sociologia e Pedagogia e Ciências da Educação.

A iniciativa da ULG é boa, oferecendo para estudantes uma formação superior na Guiné-Bissau, mas era preciso criar mais universidades para atender mais pessoas. Nesse sentido, foi criada a Universidade Colinas de Boé (UCB).

Ainda, em 2003, foi criada a primeira universidade privada do país, pela iniciativa de um grupo de intelectuais guineenses, Universidade Colinas de Boé (UCB), que ministra os seguintes cursos: Administração Pública e Economia Familiar, Gestão e Contabilidade, Comunicação Social e

No que se refere à infraestrutura, essas universidades tinham muitos problemas, pois possuíam poucas salas de aulas, geralmente não tinham corrente elétrica e ventiladores, falta de quadros, giz, carteiras etc. Esses problemas de infraestrutura impactam diretamente o funcionamento das aulas e consequentemente a aprendizagem dos estudantes.

No que concerne aos conteúdos ofertados no Ensino Superior em Guiné-Bissau, lamentavelmente a grade curricular é constituída por conteúdos que não se relacionam com a realidade da população local, mas com a realidade do mundo ocidental que é um contexto diferente da Guiné-Bissau. Como detalha Sucuma (2018, p.126):

Um dos grandes desafios que o sistema do Ensino Superior Bissau-Guineense enfrenta está no campo curricular. O currículo escolar para o Ensino Superior carece de disciplinas voltadas para os aspectos ligados às histórias e culturas locais, regionais, que ajudam a estimular iniciativas voltadas para o estudo da realidade sociopolítica, histórica, econômica e cultural do país. Percebe-se o grande predomínio de aspectos da cultura eurocêntrica em termos disciplinares nos currículos escolares oferecidos no Ensino Superior guineense.

A partir disso, percebe-se que a Guiné-Bissau, apesar de ser um país independente há 50 anos, ainda permaneceu com a herança colonial, sendo uma delas o currículo eurocêntrico. Como havia apresentado anteriormente, a Guiné-Bissau é um país composto por uma diversidade cultural muito rica, assim sendo, essa questão poderia ser incluída para os estudantes aprenderem. Além disso, poderia servir como um meio para a valorização da cultura guineense, visto que alguns momentos são desvalorizados por algumas pessoas. Durante a colonização na Guiné-Bissau, os colonizadores portugueses inferiorizavam a cultura guineense enaltecendo a cultura europeia, a partir disso, várias mentes foram colonizadas e, como consequência dessa ação, infelizmente, atualmente ainda existem pessoas que, pela falta de desconstrução da mente colonizada, acabam desvalorizando a cultura guineense em detrimento de outra cultura. Também devido a constantes instabilidades políticas e falta de recursos disponibilizados ao setor de cultura guineense, percebe-se a desvalorização da cultura em Guiné-Bissau.

1.4 ACESSO E PERMANÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR

No que tange à legislação do Ensino Superior guineense, percebe-se que o Estado não se preocupava muito com esse Ensino Superior similarmente com outros níveis de escolaridade, por exemplo, o ensino básico. O Estado não trabalhava afincadamente na elaboração de projetos que pudessem contribuir significativamente para o desenvolvimento do Ensino Superior no país. No entendimento de Sucuma (2018), é importante destacar que o Ensino Superior não é gratuito, uma vez que o Estado não tem a obrigação de garantir o direito à educação superior aos estudantes, mas deixa evidente que o Estado pode implantar políticas públicas visando atender as necessidades do Ensino Superior, as universidades. Além disso, o Estado não garante o atendimento das necessidades básicas dos estudantes nas Instituições de Ensino Superior (IES), ou seja, não existe, por exemplo, a garantia de assistência estudantil nas instituições de Ensino Superior em Guiné-Bissau.

Sendo assim, é evidente que a maioria das classes populares guineenses não consegue ingressar ao Ensino Superior no país, visto que, para ter acesso e permanecer na educação superior, é necessário possuir condições financeiras para pagar as mensalidades (propinas), ter o dinheiro para pagar os transportes para ir às aulas e ter o dinheiro para comprar o lanche na instituição que estuda, uma vez que, como já dito, não existe assistência estudantil para esses estudantes. Algumas pessoas pertencentes às classes populares guineenses que conseguem cursar o Ensino Superior na sua totalidade estudam e trabalham em algum lugar do país para que possam conseguir o dinheiro para pagar as mensalidades, outros/as são ajudados pelos/as seus/suas pais, mães ou encarregados de educação, funcionários/as ou aposentados/as. Alguns/algumas estudantes entram, mas não conseguem permanecer por causa da falta de condições financeiras e acabam por desistir. A não gratuidade do Ensino Superior, a não responsabilidade do Estado para garantir o direito à educação superior, a falta de assistência estudantil são questões que não contribuem para o avanço da educação superior guineense. Nesse sentido, é fundamental que essas questões sejam debatidas, analisadas com vista a encontrar soluções para o progresso do Ensino Superior.

Apesar das dificuldades que os/as estudantes passam no que diz respeito ao acesso ao Ensino Superior em Guiné-Bissau, mesmo assim alguns/algumas conseguiam ingressar nas universidades e institutos de formação superior, o problema era a permanência, ou seja, continuar a pagar as mensalidades para estudar. Assim sendo, houve uma grande procura

que resultou na proliferação das Instituições de Ensino Superior no país sem regulamentação para o funcionamento. Conforme pontua Costa (2023, p.33):

Nesta perspetiva, os Reitores e os Diretores das IES consideram que o Ensino Superior começou a funcionar na Guiné-Bissau sem nenhuma regulamentação, por um lado. Por outro lado, eles admitem que a propagação das universidades e IES, sem aquilo que denominaram de “nenhum amparo legal”, provocou um caos no setor, resultando numa Apresentação, Discussão, Aprovação e Publicação da Lei de Bases do Sistema Educativo em 2011, da Lei do Ensino Superior e da Investigação Científica e, por fim, do Estatuto da Carreira Docente Universitária, aprovado em 2012 e publicado em 2014.

Constata-se que a não existência de leis à volta da criação e funcionamento das universidades e IES em Guiné-Bissau trouxe muitas complicações para o Ensino Superior porque qualquer pessoa podia criar as IES e começar a receber os/as estudantes, mesmo que a sua instituição não tivesse condições mínimas para funcionamento.

No que tange ao acesso ao Ensino Superior, existem alguns critérios que foram estabelecidos, de acordo com a Lei de Bases de Sistema Educativo (LBSE), de 2010, da Guiné-Bissau. No seu Art. 25º, que trata de Organização e Acesso, informa que, para ter acesso ao Ensino Superior, o/a estudante precisa ter diploma correspondente ao ensino secundário ou equivalente a esse ensino, também é necessário conseguir resultado positivo na prova especial de conhecimento que o/a estudante é submetido a realizar com vista a avaliar o seu conhecimento em relação a uma determinada área que ele/a pretende cursar no Ensino Superior. Caso o/a estudante pretenda cursar o Ensino Superior numa área que não tenha relação com o que cursou no ensino secundário, segundo o Art. 21º, ele/a vai conseguir ingressar apenas se for aprovado/a na respectiva prova especial. As pessoas que têm a idade superior aos 25 anos e que não tenham habilitação podem ingressar no Ensino Superior se forem aprovadas na prova especial de avaliação de conhecimentos. A legislação se encerra mostrando a relevância da qualidade da educação para o avanço do Ensino Superior, objetivando suprir as necessidades e desenvolvimento do país com o progresso cultural e científico dos guineenses.

Quanto aos docentes do Ensino Superior guineense, existe uma inadequação, visto que as pessoas que lecionam, em sua maior parte, são licenciadas e mestres, e um número reduzido de doutores. A contratação dos docentes envolve questões políticas, pois, em concordância com Seidi (2024), tanto a contratação dos docentes quanto a seleção de

estudantes acontecem através da politização² e, como consequência disso, percebe-se a existência de estudantes que não se adequam ao critério para ingressar no Ensino Superior e professores sem condições mínimas para dar aulas aos universitários. O autor continua dizendo que, mesmo com a regulamentação do acesso ao Ensino Superior obrigando a aprovação no exame para ingressar no referido ensino, é evidente a irresponsabilidade dos docentes no que diz respeito a esse processo, pois mesmo que o estudante não esteja apto para ingressar nas universidades, os docentes permitem a sua entrada no Ensino Superior³.

1.5 PERSPECTIVAS FUTURAS DO ENSINO SUPERIOR

Como está o Ensino Superior na Guiné-Bissau? Quais são os desafios? E quais as propostas de melhoria desse ensino? O Ensino Superior guineense apresenta muitos desafios, entre eles a falta de infraestrutura adequada, atraso no pagamento de salário dos professores, dificuldade de acesso para estudantes que vivem fora da capital Bissau, falta de recursos e investimento no setor educativo etc. Apesar de muitos desafios enfrentados por este setor, é visível o esforço dos estudantes na procura de uma formação superior no país. De acordo com o Estudo Diagnóstico do Ensino Superior e Investigação Científica (ESIC) (2022, p. 31), “o número de matrículas no Ensino Superior em 2021/2022 já ultrapassa largamente as 15000 previstas para 2025 evidenciando um considerável dinamismo da procura guineense de Ensino Superior. Aliás, a taxa de crescimento nos dois últimos anos letivos foi de 31% aproximadamente.”

Assim sendo, é importante destacar que não basta apenas ter um crescimento significativo do número das pessoas matriculadas no Ensino Superior, mas é preciso que sejam criadas condições para que esses estudantes tenham realmente uma formação de qualidade. Como nos assegura Sucuma (2018), é relevante evidenciar que, para garantir o direito à educação, é necessário muito investimento nesse setor, mas, infelizmente, os governantes da Guiné-Bissau não têm demonstrado interesse em relação a essa questão. Como consequência de não investimento na educação, o país apresenta um sistema de ensino

² Politização porque o primeiro-ministro, considerado chefe de governo, nomeia o ministro da Educação, os ministros de outras áreas e nomeia também os reitores das universidades. Assim, o partido político que estiver no poder acaba contratando os/as professores/as do seu partido, acarretando um processo sem transparência.

³ O autor se refere à irresponsabilidade dos docentes porque, mesmo que os estudantes não alcancem notas para ingressar nas universidades, muitos professores acabam aprovando esses estudantes. A política exige que todos os estudantes façam exame para poder ingressar as universidades, mas é comum que muitos docentes realizem esse processo sem transparência.

mais enfraquecido comparado com os países que estão em caminhos de desenvolvimento, principalmente na África Ocidental. Um Estado que investe pouco na educação não pode sonhar em ter um desenvolvimento do país. É essencial que sejam feitos investimentos e criação de políticas públicas voltadas à educação, de forma particular no Ensino Superior. Os estudantes não precisam apenas estar nas IES, mas permanecer até o fim das suas formações e uma das ações que podem ser feitas diz respeito à descentralização geográfica das IES, pois a maioria fica situada na capital Bissau. Segundo o ESIC (2022), o Ensino Superior da Guiné-Bissau é constituído por 31 IES públicas e privadas, a maioria fica localizada na região de Bissau, onde existem 17 instituições, o que correspondendo a 54,8%. A segunda zona que tem mais IES na Guiné-Bissau é a Região Biombo com 5 IES. Na região de Oio existem 3 IES nas localidades de Farim, Bissorã e Mansôa, nas regiões de Bafatá, Quínara e Gabu existe apenas uma IES e em Tombali não existem IES. Através dos dados apresentados, compreende-se que a maior parte das IES se fixou em Bissau e Biombo, sendo que nas outras regiões existem IES, mas em número bastante reduzido. A região de Tombali foi excluída porque não existe IES. Essa é uma situação preocupante porque se trata de uma desigualdade social, já que aos estudantes que vivem na região de Tombali é negado o direito de ter uma formação superior, tendo, portanto, que migrar para outra região.

Então, devido a não existência das universidades tanto públicas quanto privadas e à falta das escolas de formação superior não universitário nos meios rurais, a maioria dos jovens guineenses, quando terminam o Ensino Médio no interior do país, recorrem à capital à procura de formação superior nos diferentes espaços de formação, tanto nas universidades particulares, assim como nos centros de formação do Ensino Superior público. (Mendes, 2023, p. 84)

Esse processo de migração apresenta muitos desafios para o estudante que pode morar sozinho ou ser hospedado na casa de um amigo, familiar, conhecido etc. Economicamente é evidente que o estudante migrante sinta a diferença do custo de vida da capital em relação à zona rural. Além disso, a migração dos estudantes do campo para a cidade para estudar muitas vezes impulsiona esses estudantes a viver definitivamente na cidade, o que, de certa forma, poderá impactar no desenvolvimento do campo, ou seja, da região que foi abandonada pelo estudante. A descentralização das IES poderá contribuir para que esses estudantes estudem no lugar que residem tendo a oportunidade de estar com a família e ajudar no desenvolvimento da sua região.

Vale salientar que o processo de migração de estudantes em algumas regiões do país para a capital Bissau com a finalidade de ter uma formação superior exige condições

financeiras. Desse modo, pode se concluir que os estudantes que não têm condições financeiras acabam por ficar fora desse processo. Assim sendo, o Estado precisa fixar as IES em todas as regiões da Guiné-Bissau e criar condições necessárias para que os estudantes que não possuam condições financeiras possam ter o acesso e a permanência nas IES onde vivem, por exemplo oferecendo bolsas de estudos a esses estudantes. Também é preciso oferecer uma formação contínua e de qualidade para os docentes das referidas IES, além do pagamento em dia dos seus salários para que também não sintam a necessidade de migrar para a capital como os estudantes. Essas ações poderiam contribuir para o desenvolvimento das IES nas diferentes regiões do país.

Um dos desafios do Ensino Superior na Guiné-Bissau está relacionado com investimento na tecnologia educacional nas IES e promoção da formação de pós-graduação no país. Segundo Sucuma (2018, p. 115):

O país carece de investimentos que permitam a existência de um desenvolvimento tecnológico alimentado pelas instituições do Ensino Superior e pela criação da pós-graduação. Uma boa parte de elite intelectual e política Bissau-guineense se formou no exterior, e alguns fizeram pós-graduação também no exterior. Essa lacuna de investimento pode ser interpretada como ausência de vontade política por parte da elite política.

A falta de investimento na tecnologia educacional nas IES e criação de pós-graduação cria limitações por parte dos estudantes durante o estudo em Guiné-Bissau, pois, para adquirir uma formação de qualidade com vista a responder os desafios atuais, alguns estudantes guineenses acabam por emigrar para outros países que oferecem mais condições de estudo, principalmente na realização de pesquisas. Diferente do Brasil, as universidades na Guiné-Bissau enfrentam dificuldades em relação ao cumprimento da extensão universitária.

No que se refere à extensão, as universidades na Guiné-Bissau, sejam públicas ou privadas, têm tido dificuldades de cumprir com a componente de extensão, que ocupa uma função de extrema importância em uma universidade, mas também para a sociedade. Entende por Extensão, uma atividade acadêmica articulada com o Ensino e a Pesquisa, tendo como missão promover a relação de diálogo, transformação e integração entre a universidade e a sociedade, tendo como partícipe professores, funcionários administrativos, alunos e comunidades. Mas também a extensão implica em promover cursos junto às comunidades. (Sucuma, 2018, p. 165)

As dificuldades que as universidades na Guiné-Bissau enfrentam para desenvolvimento da extensão universitária se devem à falta de recursos financeiros e à infraestrutura inadequada para desenvolvimento das atividades de tais projetos. Destaca-se que as atividades de extensão universitária são importantes na formação dos estudantes, pois a partir das suas atividades são conectadas a universidade e a sociedade, ou seja, através da extensão universitária os estudantes conseguem levar os conhecimentos acadêmicos para resolver os problemas sociais e também conseguem adquirir conhecimentos e experiências das pessoas nas comunidades. São momentos de troca de saberes que enriquecem a formação dos estudantes e das pessoas de uma determinada comunidade.

Em suma, as propostas para melhorar o Ensino Superior na Guiné-Bissau se referem ao maior investimento do Estado no setor da educação, à descentralização regional das universidades e IES, a promoção da formação contínua dos professores, a criação de infraestrutura adequada, a criação de políticas públicas que permitam o acesso e a permanência dos estudantes na formação superior, o desenvolvimento da tecnologia educacional e da extensão universitária, além da implementação de ensino bilíngue, em português e em crioulo guineense.

CAPÍTULO 2

EDUCAÇÃO POPULAR E AS REDES DE EMANCIPA NO BRASIL E EM ALGUNS PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA

O segundo capítulo aborda sobre o que entendemos por Educação Popular, suas principais características e iniciativas, principalmente a partir da experiência brasileira. Sua presença na Guiné-Bissau em diferentes momentos históricos também será objeto de descrições e reflexões.

2.1 O CONCEITO DE EDUCAÇÃO POPULAR

Para iniciar a reflexão e discussão sobre a Educação Popular, convém ter uma compreensão sobre o seu conceito. Nesse trabalho são apresentadas as concepções de alguns autores que explicam o que seria uma Educação Popular. No entendimento de Freire e Nogueira (1993, p. 19), a Educação Popular é um “esforço de mobilização, organização e capacitação das classes populares; capacitação técnica e científica”. Compreende-se que o processo da Educação Popular permite às camadas populares adquirirem conhecimentos teóricos e práticos, ter uma consciência crítica sobre a sua realidade com a finalidade de ter uma vida melhor. Nessa mesma lógica, Santos (2020, p. 1) explica que “a Educação Popular é uma possibilidade que acende a esperança para as camadas populares, visto que é um movimento de busca na luta pelos direitos humanos”. As camadas populares, sendo um grupo pertencente à classe dominada, passa por desigualdades sociais, sendo, assim, a Educação Popular é uma das formas de combater as opressões. Na referida educação, as classes populares têm o direito de apresentar as suas ideias em relação a um determinado assunto.

Chamamos de Educação Popular aquela que busca um modelo de conhecimento racional baseada no entendimento das leituras advindas de temas com palavras que fazem parte do cotidiano das pessoas. Abrindo assim o espaço, que antes fora retirado das pessoas que não possuíam o direito ao conhecimento. Sendo sempre oprimidas e esquecidas pela sociedade egocêntrica. Esse era objetivo da luta de Freire dar voz e vez ao povo, que foi calado por terríveis formas de opressão. (Bruno, 2020, p. 4 e 5).

A Educação Popular, no entendimento de Freire, é uma ferramenta importante para a libertação das pessoas oprimidas e consequentemente na transformação social. O que a caracteriza, na perspectiva de Torres-Carrillo (2021, p. 31 e 32), é um conjunto de fatores:

- 1) Su posicionamiento crítico e indignado frente a diversos contextos y relaciones de injusticia presentes en la sociedad y que se reproducen en las instituciones y prácticas educativas predominantes. Por ello, en el discurso de él, han estado presentes críticas a la opresión, el colonialismo, la explotación social, las exclusiones y discriminaciones raciales y culturales, el patriarcalismo y el capitalismo.
- 2) Su horizonte emancipador. Expresado en su identificación con los sentidos utópicos y discursos alternativos al capitalismo y a todo sistema de opresión en general; desde Freire se sostienen apuestas por la esperanza, los inéditos, el socialismo, la construcción de “otros mundos posibles” y el buen vivir.
- 3) Su intencionalidad política y pedagógica de contribuir a la conformación como sujetos, las diferentes poblaciones populares con quienes se interactúa (llámense “oprimidos”, pobres, trabajadores, campesinos, indígenas, mujeres, jóvenes etc.). Dicho propósito de empoderamiento, generalmente se ha asumido como promoción y apoyo a sus procesos organizativos y a sus luchas.
- 4) Como acción pedagógica, centra su atención en la transformación subjetiva de los sujetos educativo; ya sea desde la concientización, la acción cultural, la potenciación y diálogo de saberes o la expansión de los marcos interpretativos, las prácticas educativas populares buscan afectar la subjetividad de educandos y educadores en todas las dimensiones (cognitiva, emocional, volitiva, mnémica y corporal).
- 5) Creación e incorporación de estrategias metodológicas y didácticas de carácter democrático, dialógico, participativo e interactivo tales como el diálogo freireano, el diálogo de saberes y el diálogo intercultural, la construcción colectiva de conocimiento y las cartografías corporales.

As classes populares, além de terem consciência crítica, precisam exercitar a reflexão sobre as formas de ultrapassar os seus problemas. Segundo Lucena et al. (2019, p. 299), “para formar pensamentos e subjetividades críticas e emancipadoras, é necessário que a prática pedagógica incorpore estratégias e critérios para alcançar tal objetivo e não se dedique meramente à difusão de conteúdos críticos”. A partir disso, pode-se criar momentos de participação ativa de educando e educadores na aquisição de conhecimentos, pois destaca-se que na Educação Popular os educandos, além de aprenderem, também ensinam os educadores e vice-versa, ou seja, os educadores não são detentores do saber. Durante o processo de aprendizagem, os educandos têm a liberdade de opinar, concordando ou

discordando com os seus educadores porque não são apenas receptores do conhecimento. Quando o educador é considerado o detentor único do conhecimento estamos perante uma educação bancária que não valoriza o conhecimento dos educandos (Freire, 1970). O educador, como o detentor do saber e os educandos aqueles que estão apenas para absorver os conhecimentos, leva-lhes a decorar o conteúdo, a narração é entendida como um processo em que os educadores depositam as informações nos educandos como se fossem recipientes a serem enchidos. Nessa abordagem, quanto mais os educandos aceitarem ser enchidos de informações melhores serão, por outro lado, quanto mais os educadores encherem seus educandos de informações melhores serão. Dessa forma, o processo de aprendizagem acontece com os educadores sendo depositantes e educandos depositários. Partindo desse pressuposto, pode-se perceber que não existe a educação pautada na coletividade e nem na criatividade dos envolvidos. Nesse sentido, é relevante a comunicação entre educandos e educadores.

Sob o mesmo ponto de vista, Santos (2020) explica que o diálogo é uma parte fundamental da Educação Popular porque através dele acontece a partilha do conhecimento entre o educador e o educando. Ele destaca que o conhecimento não é algo imutável, sendo assim, precisa ser aprimorado durante essas partilhas, além disso, o diálogo é essencial não apenas na educação, mas na convivência das pessoas na sociedade, permitindo o fortalecimento de vínculos com base no respeito e na confiança. Salienta-se que, por meio do diálogo, o educador e o educando conseguem refletir, questionar sobre as suas realidades, com a finalidade de emancipar a todas as pessoas envolvidas no processo. O diálogo não é apenas para as pessoas mostrarem o que sabem, mas para permitir que o processo de conscientização possa levar a uma transformação crítica da sociedade. As pessoas precisam refletir sobre o meio em que vivem e lutarem para ter uma vida melhor.

Portanto, para Paulo Freire, a conscientização não significa um ato mecânico, instantâneo, de tomada de consciência da realidade. Ela é um processo construído por momentos onde se caminha do nível espontâneo e ingênuo, que ocorre quando a pessoa se aproxima da realidade, para uma tomada de consciência. (Gohn, 2017, p. 15)

Entende-se que o processo da tomada de consciência não acontece rapidamente, a pessoa precisa refletir sobre um determinado assunto, compreender que precisa fazer uma mudança para depois agir. Em uma situação de nossa vivência, um educando de baixa renda estava participando da Educação Popular, dialogando com educadores e seus colegas educandos sobre o tema da educação como um direito de todas as pessoas. Dentre as

perguntas que surgiram, uma delas era: *Como se dá o acesso a esse direito?* Depois da interação, o educando começou refletir e percebeu que no seu bairro o direito à educação é negado enquanto, por outro lado, em outros bairros onde vivem pessoas com maior poder aquisitivo existe mais facilidade de acesso à educação. Desse modo, depois de tomar a consciência e perceber que o Estado não está dando a devida atenção às pessoas do seu bairro por serem da baixa renda, o educando dialogou com os seus educadores, colegas educandos e outras pessoas interessadas do seu bairro para que coletivamente pudessem pensar numa estratégia para que também possam ter o acesso à educação. Essa tomada de consciência aconteceu porque, durante o processo da Educação Popular, o educando teve a oportunidade de refletir e passou a requerer uma mudança na sua vida e da sua comunidade. A partir desse exemplo, constata-se que estamos perante uma educação libertadora que é aquela que se importa com a transformação social, ou seja, na construção de uma sociedade justa e igualitária.

Com esse fundamento, percebe-se que a Educação Popular é um modelo educacional relevante, visto que não se limita apenas ao modelo tradicional de educação. Na perspectiva de Brandão (1986), a Educação Popular parece que não está apenas no exterior ou à margem de uma educação escolar, de ações educativas criadas pelas instituições públicas ou privadas, ou mesmo no próprio ato de educar, mas essa educação parece ser resistente a tudo isso. Assim sendo, a educação escolar formal, fundamentalmente oferecida pelo Estado, não se resume como o único modelo para ensinar as pessoas. A Educação Popular é pautada na inclusão valorizando também os conhecimentos não escolares. De acordo com Ferreira e Campos (2017, p. 73), “a aproximação das vidas dos sujeitos, das suas histórias, de seu contexto social, é fundamental na criação de trabalhos dialógicos, construídos em espaços humanizados, não hierárquicos, nos quais o cuidado se manifeste”. Os conteúdos científicos são importantes para os estudantes, mas não se pode descartar conteúdos que estão relacionados com a vida dos educandos, lembrando que eles não são apenas aqueles que estão para serem enchidos de informações dos educadores, mas sim pessoas que carregam uma experiência e história de vida que precisam ser contadas por eles, já que são os protagonistas das suas histórias. Esse processo formativo é essencial no fortalecimento da identidade cultural desses sujeitos, particularmente das classes populares que são marginalizadas.

Tendo em conta as diversas desigualdades no Brasil, principalmente a desigualdade educacional, essa concepção de educação surgiu e se estabeleceu no território brasileiro no

momento de luta política e social. Gohn (2017) afirma que o principal modelo da Educação Popular no Brasil foi composto por pensamentos políticos, pedagógicos e filosóficos, que apareceram através dos Movimentos de Educação de Base e Cultura Popular no final dos anos 1950 até o início de 1960. Esse modelo se firmou por meio das lutas e resistências entre 1970 e 1980, sendo instaurado ao ter como base principal o pensamento de Paulo Freire sobre as desigualdades educacionais e sociais no Brasil.

2.2 REDE EMANCIPA: MOVIMENTO SOCIAL DE EDUCAÇÃO POPULAR

No Brasil, apesar da existência de universidades públicas que oferecem uma formação superior de qualidade e gratuita destinadas a todas as pessoas, promovendo a inclusão dos grupos excluídos na sociedade, nem todas as pessoas têm o acesso às universidades, principalmente as camadas populares enfrentam muitas dificuldades que impedem a sua entrada nas universidades públicas e uma dessas dificuldades tem a ver com a falta de recursos financeiros para custear os pré-vestibulares, visto que um dos critérios para entrada dos estudantes nas universidades públicas é a aprovação no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Segundo Aragão (2015), a educação superior brasileira favorece as classes mais altas e setores mais abastados da classe média da sociedade excluindo a maior parte das classes populares. Isso acontece devido a dois fatores. O primeiro é o crescimento do setor privado, visto que, 75% das matrículas no Ensino Superior estão em universidades privadas, dificultando, desse modo, a entrada dos estudantes de baixa renda nessas universidades. O segundo fator se deve ao crescimento considerável de cursinhos que são pagos para a preparação de estudantes a fim de ingressar nas universidades. Por outro lado, os diferentes problemas enfrentados pelas redes públicas de ensino também acabam dificultando os estudantes a ingressarem nas poucas vagas disponibilizadas pelas universidades públicas. Com base nisso, surgiu a Rede Emancipa, movimento social de Educação Popular, através da iniciativa de um grupo de pessoas que estavam preocupadas em auxiliar os estudantes das classes populares a lutar pelos seus direitos e ingressar nas universidades públicas.

A Rede Emancipa é uma ideia que começou em 2005, a partir de um grupo de professores, estudantes universitários e de cursinho pré-vestibular que se encontraram em uma luta. Na época, o então Cursinho da Poli, que havia sido uma referência de cursinho popular, sofre um golpe e se torna um cursinho de prática comercial. O fato é que nesta luta se percebe a necessidade de construir uma alternativa popular de cursinho, que buscasse

não só aprovar os estudantes, mas organizá-los na luta por esse direito que é o acesso à Universidade pública. Então começa a se organizar um coletivo que vai amadurecendo a ideia, e em 2008 nasce na cidade de Itapevi o 1º cursinho da Rede, o Chico Mendes. (Lopes, 2015, p. 1)

Segundo a publicação “Emancipa 10 anos: educando para a liberdade” (2017), a Rede Emancipa foi fundada por algumas pessoas, nomeadamente: Priscila Schmidt, Alex da Mata, Gilberto Franca, Roberto Goulart e Maurício Costa. Todos eles tinham um contato com a Educação Popular, sendo que Priscila Schmidt e Alex da Mata foram estudantes do cursinho e atualmente são professores. Maurício Costa foi estudante universitário sendo atualmente professor e doutor pela Universidade de São Paulo (USP), Gilberto Franca e Roberto Goulart foram professores do cursinho e hoje são professores universitários na Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) e Universidade de Brasília (UnB), respectivamente.

No que se refere à escolha do nome *Rede Emancipa: Movimento social de Educação Popular*, percebe-se que foi uma escolha assertiva porque o nome está relacionado com os objetivos e ações da rede. Nessa mesma publicação comemorativa, Roberto Goulart informa que o nome Emancipa apareceu através de uma conversa com Gilberto, destacando que sempre pensaram que a função da educação era libertar e transformar as pessoas na sociedade e que as práticas da Rede Emancipa não focalizassem apenas em ensinar os conteúdos dos pré-vestibulares das universidades públicas aos estudantes, mas, principalmente, promover a emancipação dessas pessoas. Gilberto Franca complementou a informação explicando que o subtítulo, conhecido anteriormente como “Movimento Social de Cursinhos Populares” e substituída atualmente com o nome Educação Popular, ressalta a ideia de que existe espaço para jovens e adultos se reunirem cotidianamente para adquirir formação e autonomia.

Em relação à escolha do logotipo para a Rede Emancipa, de acordo com Machado (2020, p. 74):

[...] era necessário um logotipo que simbolizasse “um movimento social de educação, fugindo à lógica da maioria dos cursinhos pré-vestibulares”, conforme declaração de Priscila Schmidt, encarregada de criar o logotipo da Rede Emancipa. No início foi escolhido “o boneco de punho cerrado” que acompanhou a trajetória da rede Emancipa por 11 anos. De acordo com Maurício Costa o boneco “foi inspirado na juventude católica, a intenção era mostrar que o estudo para nós não seria algo passivo, mas que o estudante deveria se empoderar, tomar em suas mãos as rédeas do próprio destino”.

A autora explica que, como a Rede Emancipa se importa com a causa social e com a injustiça social, foi publicado o manifesto “Marielle Somos Nós” no site da Rede 30 dias

depois do assassinato de Marielle Franco e Anderson Gomes. Esse acontecimento culminou na troca de logotipo da Rede Emancipa substituindo o boneco de punho cerrado pela fotografia da Marielle, mostrando que essa Rede não está a favor da injustiça social.

Figura 3- Logotipo da Rede Emancipa Movimento Social de Educação Popular



Fonte: Logotipo da Rede Emancipa Movimento Social da Educação Popular (Facebook, 2024, s.p.).

A Rede Emancipa visa a apoiar os estudantes pertencentes às classes populares brasileiras a ingressar nas universidades públicas do país, que é um direito deles, mas que é um desafio usufruir desse direito. Priscila Schmidt explica que o objetivo principal da referida rede era juntar um grupo de pessoas a fim de contribuir para a entrada de estudantes das escolas públicas nas universidades públicas, além de possibilitar um espaço de debates e lutas por uma verdadeira democratização do Ensino Superior e da qualidade de educação. A partir dessa lógica, compreende-se que a Rede Emancipa acabou se transformando na esperança de muitos estudantes das classes populares para ter uma formação superior nas universidades públicas.

A Rede Emancipa, assim como outros movimentos, também possui um documento que orienta o seu funcionamento: a carta de princípios. Nela são apresentados os caminhos

que as pessoas que faziam parte do Emancipa deveriam seguir com vista a alcançar os objetivos preconizados.

1. Defesa da educação pública, gratuita e de qualidade como direito de todas e de todos. 2. A gratuidade como premissa na participação dos estudantes em nossos cursinhos. 3. Educar para a liberdade, desenvolver o pensamento crítico contra a doutrinação e promover o protagonismo estudantil. 4. Compromisso com a luta da classe trabalhadora por direitos e pela transformação social. 5. Defesa de um projeto anticapitalista para a sociedade. 6. Direito à cidade, entendido como o direito de usufruir dos serviços sociais básicos, dos espaços de lazer e de cultura. 7. Autonomia política e financeira, sem interferência de qualquer outra organização ou do Estado. 8. Promoção dos Direitos Humanos, contra qualquer forma de opressão e preconceito e para a realização da cidadania. 9. Aliança com outros setores a partir de acordos políticos programáticos e táticos. Não temos e não teremos relações com organizações de direita e com organizações que atuem para nos dividir, cooptar ou instrumentalizar. 10. Promoção da solidariedade e do coletivismo como valores fundamentais. (2017, p. 5)

É relevante a compreensão do funcionamento do cursinho popular desenvolvido pela Rede porque, através disso, podem ser pensadas estratégias a fim de melhorá-lo e, consequentemente, promover a sua expansão para um maior número de jovens das classes populares. Em 2020, a Rede Emancipa continha cerca de 63 projetos espalhados em diferentes lugares no Brasil, concretamente nos estados de Minas Gerais (MG), Rio Grande do Sul (RS), Goiás (GO), Pará (PA), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP) e Paraná (PR). Segundo as informações do site da Rede, no primeiro semestre de 2020, foram encontradas unidades em 32 cidades brasileiras, contando que, no decorrer da criação dessas unidades, foram recebidos mais de 20 mil estudantes (Machado, 2020). Destaca-se que todos os cursinhos existentes nesses diferentes estados do Brasil têm o mesmo propósito e metodologia de trabalho.

Nesse movimento de expansão, Barros et al. (2023) informa que, em 2011, começou o trabalho para a fixação da Rede Emancipa na região Norte, concretamente na cidade de Belém, conhecida como “metrópole da Amazônia”. Nessa região, a Rede Emancipa passou a ser programa de extensão universitária.

[...] Em Belém, o Emancipa se constrói também como um Programa de Extensão da Universidade Federal do Pará (UFPA), por meio do Instituto de Ciências da Educação (Campus Guamá). Atualmente são sete turmas, sendo que duas delas funcionam no Campus da UFPA e as demais em bairros da cidade de Belém e uma ainda na cidade de Ananindeua. Para as turmas dos bairros, há a parceria com organizações sociais. O programa envolve cerca de 300 estudantes e aproximadamente 100 educadores/as

voluntários/as, sendo a maioria, estudantes de cursos de graduação ou pós-graduação da UFPA e outras universidades. 85% dos envolvidos se declaram pessoas negras e 75% têm até 30 anos de idade. (Conceição Silva et al. 2022, p. 62)

A grande presença de pessoas negras na Rede Emancipa é uma forma de inclusão e incentivo para a população negra a quem é negado o direito ao Ensino Superior. A Rede Emancipa Belém do Pará se espalhou em diferentes lugares daquela região e atende diferentes públicos. Segundo Cordeiro (2023), o movimento contava, em 2023, com oito cursinhos populares pré-universitários gratuitos, dois deles se encontravam no Bloco de Pedagogia do Instituto de Ciências da Educação da UFPA (Campus Guamá). Os outros estão situados nas periferias, nomeadamente, em Condor, Sevilha, Vila da Barca, Matinha, Bengui, na cidade de Belém, e na Cidade Nova IV, em Ananindeua. O movimento também conta com a parceria do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) no curso de Português Instrumental destinado a pessoas indígenas, venezuelanos refugiados Warao. Com isso, a Rede demonstra sua preocupação com a democratização do acesso de diferentes grupos sociais e étnicos ao seu projeto.

Além de descentralizar e oferecer cursinhos em diferentes estados brasileiros, a Rede não atua apenas em escolas e universidades, mas em diferentes espaços sociais e com pessoas em diversas circunstâncias da vida.

A Rede vai além dos cursinhos populares, estendendo-se a projetos como, Emancipa Sem Fronteiras a imigrantes e pessoas em situação de refúgio; Emancipa Mulheres, voltado a debates de gênero; Emancipa voltado à alfabetização de jovens e adultos; Emancipa Quilombo; Emancipa Esporte; Emancipa com atividades de Educação Popular para jovens em privação de liberdade em centros de internação do DEGASE-RJ, além de cursinhos destinados à preparação de provas de Institutos Federais. E, recentemente, inaugurou-se a Universidade Emancipa, um projeto de formação de intelectuais orgânicos das classes populares [...]. Ademais, destacam-se outras atividades da Rede, tais quais ações de formação de professores e de quadros de liderança, cursos formativos e grupos de discussão. (Silva, 2020, p. 234 e 235).

É fundamental a atuação da Rede Emancipa nos referidos espaços sociais porque contribui com a luta pela transformação social e pela construção de uma sociedade menos desigual. O trabalho que a Rede Emancipa faz com os privados de liberdade no Departamento Geral de Ações Socioeducativas (DEGASE) na cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, poderá contribuir para que esses adolescentes e jovens que estão encarcerados possam voltar a sonhar, visto que a maioria dessas pessoas se sentem impossibilitadas de

sonhar com uma vida longa. De acordo com Pinheiro et al. (2023, p.378), “Muitos educandos do Emancipa no DEGASE, ao serem questionados sobre seus planos de futuro, respondem que não se enxergam vivos em um futuro muito distante”. A partir disso, compreende-se como o processo de encarceramento afeta psicologicamente esses estudantes, a fim de não pensarem em coisas boas, momentos bons. A Rede Emancipa surge como uma possibilidade real para os privados de liberdade, mostrando a importância de reconstrução da vida, conhecer os seus direitos e deveres, cumprir os deveres, exigir e usufruir dos seus direitos e, sobretudo, mostrar a possibilidade de terem uma vida digna e duradoura, numa sociedade marcada por racismo e violência policial.

Ainda sobre o trabalho com o DEGASE, Pinheiro *et al.* (2023) afirmam que, em 2016, a Universidade Federal Fluminense, em colaboração com a DEGASE, decidiu fazer um estudo voltado para a história de vida dos encarcerados. Esse processo ocorreu através de uma entrevista, em que as pessoas entrevistadas foram escolhidas de maneira aleatória. A partir desse estudo, as seguintes informações foram obtidas: 76, 2% se afirmam serem pessoas negras, 96,7% são de sexo masculino, 81, 1% estavam na faixa etária entre 16 e 18 anos de idade. Desses privados de liberdade, 74 foram capturados quando não estavam a estudar, aproximadamente 30% informaram que sofriam violência por parte de seus encarregados de educação e 86% contaram que foram vítimas de brutalidade policial. Conforme os dados apresentados, constata-se que a maioria das pessoas que se encontram em privação de liberdade são meninos (adolescentes) negros que, de certa forma, durante a infância tiveram direitos negados, como o direito à educação, o direito de crescer saudável sem sofrer qualquer tipo de violência. É preciso levar em consideração a trajetória de vida desses adolescentes para que se possa compreender as suas ações e pensamentos, ou seja, não julgar apenas as ações que originaram os seus encarceramentos, mas analisar e compreender suas histórias de vida. Este é o trabalho que a Rede Emancipa fez com os seus estudantes do DEGASE, na cidade do Rio de Janeiro.

Além de levar a educação para os adolescentes, a Rede Emancipa também se preocupou em oferecer uma educação transformadora para adultos. Na perspectiva de Aquino (2023), a alfabetização de adultos em Guaíba, município do Rio Grande de Sul (RS), surgiu através de um projeto de estágio de acadêmicas que estavam a cursar Pedagogia na Universidade Luterana do Brasil (Ulbra). A autora ainda informa que a Rede Emancipa, nos primeiros momentos, não conseguiu um espaço para desenvolver as suas ações, entrou em contato com a secretária municipal de Guaíba para falar sobre o assunto, mas, não tiveram

êxito de início. Posteriormente, os educadores do Emancipa, que naquela altura eram estudantes de Pedagogia, conseguiram rapidamente um espaço para atuarem por meio de um pastor de uma igreja da Assembleia de Deus, localizada nas extremidades do bairro Santa Rita e perto de um terminal de ônibus. Em agosto de 2018, foi a abertura do projeto Rede Emancipa Alfabetização de adultos dos 30 aos 62 anos. No ano seguinte, uma escola municipal do bairro de Santa Rita cedeu uma sala para que a Rede Emancipa pudesse continuar os seus trabalhos num espaço de uma escola pública que também trabalha com a Educação de Jovens e Adultos (EJA), mas que já são alfabetizados. Este relato demonstra o comprometimento da equipe do Emancipa, que mesmo sem muitas condições, passando por dificuldades, continuaram firmes na luta por uma educação de qualidade para todas as pessoas, particularmente para as classes populares. Salienta-se que essa ação do Emancipa em alfabetizar os adultos é uma oportunidade para que eles possam ter o acesso à educação de uma forma gratuita.

É importante esclarecer que a Rede Emancipa também desenvolve ações com pessoas estrangeiras, ou seja, imigrantes vulneráveis no Brasil, concretamente em São Paulo conforme expõe Simões (2023, p.416) sobre sua experiência:

[...] foi em 2019 na Rede Emancipa de Educação Popular. Me tornei coordenadora de um curso pré-universitário para imigrantes e brasileiros interessados em continuar os seus estudos depois da escola. Hoje coordeno um curso de português como língua de acolhimento (PLAC) juntamente com o cursinho popular. O formato do cursinho surgiu no início de 2020, com a chegada da pandemia.

A Rede Emancipa, apesar do momento difícil que o mundo estava a enfrentar, que foi a chegada brutal da pandemia de covid 19, sentiu a necessidade de incluir os imigrantes no processo de ensino de PLAC. Esse é um trabalho necessário porque vai possibilitar aos imigrantes, além de saberem se comunicar em português para facilitar no cotidiano, também poderão sentir que fazem parte da sociedade brasileira, eliminando, desse modo, a exclusão social e abrindo portas para integração dessas pessoas no território brasileiro.

Constata-se ainda que os trabalhos realizados pelo Emancipa não se restringem apenas a fazer os imigrantes aprenderem a língua oficial do país, mas orientar e empoderar essas pessoas com vista a terem uma vida melhor no Brasil. Simões (2023) afirma que, quando se iniciou a pandemia de covid 19, foram reduzidos muitos direitos dos imigrantes em estado de vulnerabilidade na cidade de São Paulo. Em 2020, durante a pandemia eu ajudava os estudantes de várias maneiras. Relatam com frequência a xenofobia que sofriam,

não tinham produtos de primeira necessidade, ou seja, a falta de alimentos e de assistência à saúde, também não possuíam dinheiro para pagar aluguéis e recebiam ordens de retirada nas habitações, e muito menos, tinham acesso à internet para estudarem. A autora explica que a partir disso, o seu trabalho aumentou, não se centralizou apenas no ensino de português como língua de acolhimento para esses imigrantes, mas, ultrapassou esses limites porque sempre que possível ajudava esses estudantes no que podia.

Em relação à metodologia, já foi dito que todos os cursinhos adotam a metodologia participativa, tanto os educadores quanto os estudantes participam do processo de ensino e aprendizagem construindo o conhecimento de maneira coletiva. Geralmente, acontecem círculos de debates e são discutidos temas relacionados ao cotidiano dos participantes. No caso da Rede Emancipa em Montes Claros, através o cursinho Darcy Ribeiro, ao longo de 2015, os estudantes tiveram a chance de discutir sobre vários temas políticos e sociais nesses círculos de conversa, que é um lugar que os estudantes se sentam de forma circular e a opinião de todos/as sobre um determinado assunto é muito fundamental. Nesses debates circulares são debatidas temáticas que afetam os participantes: a violência contra as mulheres, o racismo, o direito à cidade, a LGBTfobia etc. (Souto et al. 2023). Compreende-se, assim, que boa parte dos conteúdos abordados nos cursinhos são aqueles que tratam do dia a dia dos estudantes, ou seja, são valorizados experiências e conhecimentos desses estudantes.

Além de trabalhar com cursinhos populares, oferecer a educação para privados de liberdade no Rio de Janeiro, promover a alfabetização de adultos em Guaíba (RS), ensinar o português como língua de acolhimento para imigrantes vulneráveis em São Paulo (SP), a Rede Emancipa desenvolveu muitas outras ações em vários lugares do Brasil, como no período das mobilizações e ocupações de escolas públicas, em meados dos anos 2010, que tiveram como finalidade reivindicar para que as classes populares pudessem ter acesso de qualidades às escolas brasileiras e a melhoria desses espaços.

A Rede Emancipa, apesar das dificuldades estruturais e econômicas que passou no início das suas atividades, trabalhava, e continua a trabalhar, afincadamente, para a democratização do acesso à educação de qualidade, com o foco numa educação transformadora. Como visto, a Rede também se empenha em outras lutas sociais baseadas na raça, classe e gênero, além de ajudar a promover a inclusão das classes populares nos espaços de poder.

2.3 O PROJETO DE EXTENSÃO EMANCIPA MALÊS: ESTRATÉGIAS INTERNACIONALISTAS DE EDUCAÇÃO POPULAR NA UNILAB

Para o melhor entendimento dos leitores em relação à este subcapítulo, inicialmente foi feita uma breve contextualização da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), antes de adentrar sobre o Projeto de Extensão Emancipa Malês: Estratégias Internacionalistas de Educação Popular na UNILAB.

A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) é uma instituição de ensino superior existente no território brasileiro, que funciona através da integração do Brasil e a Comunidade dos Países da Língua Portuguesa (CPLP): Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor. Esses países pertencem ao continente africano com exceção do último que fica situada no sudoeste asiático. De acordo com Gomes e Vieira (2013) a UNILAB), considerada uma das universidades federais mais nova no Brasil, foi fundada e implementada nos dois pequenos municípios brasileiros: uma situada no interior do Ceará concretamente em Redenção e Acarape, e a outra está localizada no Estado da Bahia no município de São Francisco do Conde. A referida instituição foi fundada por meio da Lei Federal nº 12.289/2010, as atividades acadêmicas começaram no dia 25 de maio de 2011, data comemorada como dia da África. No Ceará, a universidade contém três (3) campus: Liberdade, Palmares e Auroras e na Bahia existe apenas um campus chamada Malês. A UNILAB tem a finalidade de proporcionar o desenvolvimento do Ensino, Pesquisa e Extensão universitária por meio de integração do Brasil com os países da CPLP, como informado anteriormente.

No que se refere ao Projeto de Extensão, atualmente conhecido como “*Emancipa Malês: Estratégias Internacionalistas de Educação Popular na UNILAB*”, ou simplesmente “*Emancipa Malês*”, segundo o seu Relatório Final de 2024, pretende continuar com estratégias de Educação Popular auxiliando estudantes para ingressar nas universidades, divulgar a Unilab para estudantes internacionais guineenses, moçambicanos, são-tomenses, cabo-verdianos, angolanos, de igual modo divulgar a Unilab para estudantes brasileiros que se encontram próximos da Unilab, campus dos Malês. Para que se pudesse alcançar esses objetivos, foi feita uma parceria entre a Unilab e a Rede Emancipa: movimento social de Educação Popular no Brasil, Cabo Verde, Angola e Guiné-Bissau, com a Associação Kukula Pabhodzi de Moçambique e com a Federação Nacional das Associações Acadêmicas da

Universidade de São Tomé e Príncipe (FNAAU-STP), essas parcerias e colaborações serão desenvolvidas mais adiante.

Figura 4 - Logotipo da Rede Emancipa Malês



Fonte: Logotipo da Rede Emancipa Malês (Coordenação da Rede Malês, 2025, s.p.)

No Brasil, os estudantes conseguem acessar o Ensino Superior através do ENEM, já em relação aos estudantes internacionais, o acesso se dá através PSEI para entrar nos cursos de graduação da Unilab. Tanto o ENEM quanto o PSEI têm uma prova de redação e outra voltada a conhecimentos específicos. Dessa forma, o Projeto de Extensão Emancipa Malês tem a iniciativa de promover aulas e oficinas no formato online, ou seja, cursinho popular virtual. Salienta-se que estes cursos acontecem de forma remota para permitir que estudantes internacionais também participem.

Apesar do momento conturbado e triste que foi a propagação do vírus da Covid 19, uma professora e alguns estudantes da Unilab/Malês, pensando numa possibilidade de acesso das classes populares à Unilab, iniciaram os trabalhos para a criação de um projeto e consequentemente atuação na área da Educação Popular na referida universidade. De acordo com Balsalobre et al. (2024), em 2020, foram feitas reuniões para pensar em oportunidades de oferecer um Ensino Superior de qualidade e gratuito, pensando uma colaboração entre o Brasil e os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). No decorrer desse

processo, foram feitos planejamentos e ações práticas como a realização de cursos de formação para educadores populares e a organização e ampliação da Rede Emancipa nos países do PALOP. Também foram pensadas e desenhadas estratégias para o cursinho popular, organizadas e divididas as pessoas para corrigir as redações dos estudantes, feita a divulgação das referidas universidades em diferentes lugares próximos à Unilab e, principalmente, além de ouvir as perspectivas das pessoas envolvidas no processo. O projeto Emancipa Malês, apesar de ter realizado várias mobilizações de Educação Popular, em 2020, conseguiu se vincular e ser considerado Projeto de Extensão da Unilab/Malês só em 2021.

Oficialmente, em agosto de 2021, a Rede Emancipa Malês inicia suas atividades, por meio de sua aprovação como projeto de extensão da UNILAB, em fluxo contínuo, isto é, sem bolsa ou nenhum tipo de financiamento. Entretanto, em setembro de 2021, abriu o edital de seleção do PIBEAC (Programa de Bolsa de Extensão e Ação Comunitária), para o qual submetemos o mesmo projeto, tendo sido considerado aprovado (com colocação final em sétimo lugar, após ter concorrido com projetos de extensão de todas as áreas da universidade). Assim sendo, a partir de 2022, passamos a contar com uma bolsista remunerada, que, entre outras funções, contribuiu de forma decisiva para a articulação entre estudantes de diferentes países e para a divulgação da universidade e do cursinho popular. (Balsalobre et al, 2024, s.p.)

A autora desta pesquisa foi a primeira bolsista do projeto tendo atuado durante dois anos (2022-2023). Sua saída se deveu à conclusão do curso de licenciatura em Pedagogia e à aprovação no curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGE-UFRJ).

O projeto Emancipa Malês em conformidade com o seu relatório de 2024, tem como objetivo geral: Promover cursinho popular com foco no ENEM e no PSEI para estudantes brasileiros de cidades do Recôncavo Baiano, para estudantes caboverdianos da Ilha de Santiago e da Cidade de Praia, para estudantes angolanos da cidade de Luanda, para estudantes guineenses das cidades de Bula, Ingoré, Bissau e São Domingos e para estudantes são tomenses e moçambicanos, que queiram acessar à universidade pública, particularmente a UNILAB.

Objetivos Específicos:

- Fomentar a educação popular com vistas a um propósito de democratização do ensino superior;

- Estimular o acesso à universidade pública de estudantes do Ensino Médio, EJA (Educação de Jovens e Adultos) e egressos da educação básica;
- Em função do objetivo anterior, intenta-se estimular o desenvolvimento econômico e social das localidades alvos deste Projeto de Extensão, por meio da formação superior qualificada;
- Aprimorar as práticas de escrita e de letramento dos concluintes do Ensino Médio, bem como favorecer um olhar crítico e reflexivo a temas de cunho social e político, em função também da colaboração em um processo de formação para a cidadania;
- Oportunizar momentos de diálogo entre comunidade universitária e comunidade escolar, estimulando a troca de dizeres, de saberes e a produção do conhecimento em perspectiva coletiva;
- Contribuir com a formação inicial docente dos estudantes dos cursos de graduação da UNILAB, ao oportunizar momentos de preparação de aulas e de material didático, além de ocasiões de regência e de contato direto com os estudantes da educação básica e/ou egressos.
- Promover trocas interculturais entre estudantes brasileiros, angolanos, guineenses e caboverdianos.

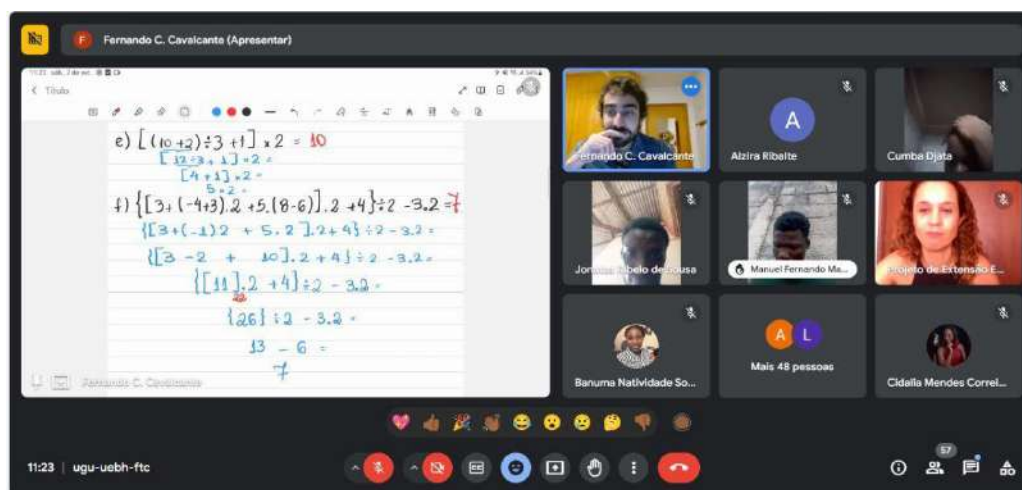
O Projeto Emancipa Malês recebe apoio de estudantes de diferentes cursos que ainda estão a estudar na Unilab, assim como os seus egressos da mesma universidade. Além disso, o projeto tem a colaboração de professores que atuam em diversas áreas do conhecimento, na sua maioria da Unilab/Malês, mas também recebe apoio de professores colaboradores que atuam em outras universidades brasileiras.

O Projeto Emancipa desenvolve muitas ações, de acordo com o seu relatório final de 2024, são feitas as divulgações da Unilab nas cidades do Recôncavo da Bahia, em Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola, Moçambique e em São Tomé e Príncipe. Também são realizadas formação de educadores populares, Oficina de Redações, Oficina de Interpretação crítica do texto, Oficina de Conhecimentos específicos, Círculos de cultura, Projeto de vida (planejamento da vida, do trabalho, saúde mental, acompanhamento pedagógico), Reuniões de avaliações contínuas do projeto etc.

A principal ação do Projeto Emancipa Malês é o Cursinho Popular cujas aulas acontecem de forma síncrona e assíncrona. As aulas síncronas acontecem todos os sábados das 10 às 12 horas, horário de Brasília, por meio da plataforma *google meet*, com a

transmissão via Canal da Rede Emancipa Malês no Youtube. Os estudantes internacionais do PALOP assistem às aulas síncronas de forma simultânea. Para receber melhor os participantes, as aulas do cursinho começam com uma música que pode ser escolhida por um estudante ou professor, geralmente é informada o motivo da escolha da música. Depois do relaxamento com a música, a aula é iniciada com a apresentação do professor e, a seguir, é anunciado o tema que vai ser abordado e começa a sua explanação. Destaca-se que os estudantes podem apresentar as suas opiniões ou dúvidas em relação ao tema que está sendo discutido. Nas aulas são abordadas diferentes temáticas de diversas áreas do conhecimento: história, português, matemática, filosofia, entre outros. Salienta-se que esses conteúdos são abordados levando em consideração a realidade dos estudantes participantes do cursinho.

Figura 5 - Aula de matemática à distância no cursinho Emancipa Malês



Fonte: própria (2023)

No cursinho da Rede Emancipa os estudantes não aprendem apenas as técnicas de fazer uma boa redação ou concluir com sucesso um exercício matemático, para aprovação e ingresso no ensino superior brasileiro. Mas, também o cursinho visa conscientizar e promover uma formação crítica desses estudantes em relação à sociedade em que se encontram inseridas e nem só. Por exemplo, ao abordarem a temática sobre as mudanças climáticas, os participantes acabam por entender a importância de cuidar do meio ambiente, não cortar abusivamente as árvores, não colocar o lixo nos lugares inapropriados etc.

Inicialmente, a coordenadora do projeto Emancipa Malês, professora doutora Sabrina que ministrava as aulas do cursinho, ao longo do tempo além da professora Sabrina, alguns estudantes coordenadores começaram a dar as aulas dos temas que têm domínio.

Atualmente, além dos coordenadores do projeto Emancipa Malês, as aulas são ministradas por professores doutores de diversas áreas do conhecimento e que lecionam em algumas universidades públicas brasileiras, principalmente docentes da Unilab/Malês.

Em relação às aulas assíncronas, os estudantes têm o acesso ao canal do Youtube da Rede Emancipa Malês, dessa forma, conseguem assistir as videoaulas e realizar as suas atividades de acordo com as suas disponibilidades, visto que, alguns estudantes não conseguem assistir as aulas síncronas, ou seja, em tempo real devido às suas ocupações que podem ser trabalho, estudo etc. Infelizmente, esses estudantes não conseguem interagir com professores e colegas porque estão a assistir às aulas assíncronas, mas, eles têm a oportunidades de tirar as suas dúvidas enviando uma mensagem de *whatsapp* para os seus orientadores, ou com os professores durante as aulas síncronas.

Figura 6 - Videoaulas do cursinho de Emancipa Malês sobre o texto dissertativo-argumentativo



Fonte: Videoaula da redação (youtube da Rede Emancipa Malês, 2022, s.p.).

Como o projeto Emancipa Malês trabalha com a preparação de estudantes brasileiros que querem prestar o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e estudantes internacionais que pretendem participar do Processo Seletivo de Estudantes Internacionais (PSEI), e entendendo a importância de uma boa redação nos dois processos de ingresso às universidades no Brasil, geralmente no final das aulas síncronas os professores informam

um tema baseado na aula para os estudantes fazerem as redações. Cada estudante é orientado por um corretor de redação do projeto Emancipa Malês, eles mantêm contato por meio do WhatsApp durante o período de orientação. De forma manual, os estudantes escrevem as redações e enviam a foto para o corretor que analisa a redação, faz a correção e envia áudios para o estudante para falar sobre a redação. Além dos brasileiros, também participam das aulas online estudantes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). O processo de orientação é feito nos períodos antes do ENEM e PSEI para que os estudantes possam se preparar bem para realizar um bom exame e consequentemente a aprovação e o ingresso nas universidades públicas brasileiras. Os estudantes têm a oportunidade de praticar a escrita de redações com diversos temas, que possivelmente podem aparecer no ENEM ou no PSEI.

A coordenadora do projeto, professora Sabrina, realizava aulas online de correção de redações destinadas aos corretores com a finalidade de preparar essas pessoas para que possam auxiliar melhor os estudantes em relação à orientação, principalmente na correção das redações. Além das redações, os estudantes também assistiam aulas online de matemática e praticavam os exercícios, visto que a matemática também faz parte das avaliações do ENEM e PSEI.

Segundo o relatório do Projeto Emancipa Malês de 2024, de 1º de abril de 2024 a 30 de abril de 2024, os membros do projeto foram às escolas públicas de Ensino Médio das cidades próximas à Unilab/Malês com o objetivo de divulgar a referida universidade, o cursinho popular Emancipa Malês e o prazo de isenção do ENEM. Além de ir ao encontro desses estudantes nas suas escolas, eles também foram convidados a participarem de forma presencial de um evento no Campus dos Malês. De acordo com o portal da Unilab, o projeto Emancipa Malês em colaboração com a UNILAB/Malês, no dia 20 de julho de 2022, realizou um evento denominado “UNILAB de Portas Abertas”. O referido evento aconteceu no auditório da universidade, recebendo estudantes de Ensino Médio do Colégio Estadual Martinho Salles, que fica situado no município de São Francisco do Conde, no estado da Bahia.

Figura 7- Estudantes de Ensino Médio do colégio estadual Martinho Salles no Auditório da UNILAB/Malês



Fonte: Estudantes de Martinho Salles na Unilab Campus dos Malês (Unilab, 2022, s.p.)

No evento, os estudantes puderam conhecer a experiência dos estudantes universitários brasileiros e internacionais da Unilab, além de terem a oportunidade de conhecer detalhadamente sobre os seis cursos oferecidos particularmente no campus dos Malês. Também foram apresentados os princípios institucionais que fundamentam a universidade, destacando a integração entre as pessoas pertencentes à CPLP. A programação do evento “UNILAB de Portas Abertas” incluiu uma visita guiada pelos diferentes espaços do *campus* Malês.

Figura 8- Estudantes de Ensino Médio do colégio estadual Martinho Salles na Biblioteca da UNILAB/Malês



Fonte: Estudantes na Unilab Campus dos Malês (Unilab, 2022, s.p.)

Essas atividades são importantes porque além da divulgação da Unilab e do projeto de Emancipa Malês, permite a interação e trocas de experiências entre os estudantes do Ensino Médio com os universitários enriquecendo o aprendizado de ambos. Essa aproximação também poderá servir como uma motivação para os estudantes do Ensino Médio continuarem a estudar, podendo reduzir medos e inseguranças, além de possibilitar que os universitários e secundaristas tenham escolhas de vida mais alinhadas com seus interesses e objetivos.

Para além desse evento, os membros e coordenadores da Rede Emancipa também realizaram e foram convidados para participarem de outros eventos de Educação Popular, que aconteceram tanto no município de São Francisco do Conde quanto em outro estado, particularmente São Paulo. Nesse evento, foram convidados para participarem apenas dois coordenadores de Emancipa Malês, mas nos demais eventos estavam presentes membros da coordenação, estudantes e ex-estudantes do cursinho da Rede Emancipa Malês. O quadro abaixo explica com detalhes os eventos que participaram.

Quadro 2- Lista de Atividades do Projeto Emancipa Malês em 2024

EVENTOS	PERÍODO DE REALIZAÇÃO	MUNICÍPIOS BENEFICIADOS	LOCAL DE REALIZAÇÃO
I Seminário internacional em Educação Popular	06 e 07/04/2024	São Paulo	Escola de Ciência Política-São Paulo
Roda de conversa sobre Educação Popular	05/02/2024	São Francisco do Conde	UNILAB Campus dos Malês
Festa de boas-vindas aos ex-alunos da Rede Emancipa Malês	06/08/2024	São Francisco do Conde	UNILAB Campus dos Malês
Roda de conversa: Movimentos sociais e educação popular	06/08/2024	São Francisco do Conde	UNILAB Campus dos Malês
Semana universitária	05/11/2024	São Francisco do Conde	UNILAB Campus dos Malês

Fonte: Relatório do Projeto Emancipa Malês de 2024

Inicialmente, o Projeto Emancipa Malês auxiliava apenas estudantes brasileiros e internacionais que pretendiam ingressar na Unilab, mas, ao longo do tempo, foi constatada a existência de grande número de estudantes, principalmente internacionais, que já haviam concluído a graduação nos seus países de origem, mas que tinham o interesse em fazer pós-graduação (mestrado e doutorado) nas universidades públicas brasileiras. Esses estudantes queriam se formar em diferentes cursos, alguns ofertados na Unilab e outros em outras universidades do Brasil. Diante disso, o projeto decidiu ampliar o seu trabalho apoiando também estudantes que pretendem fazer pós-graduação no solo brasileiro. Desse modo, os membros da coordenação de Emancipa Malês se reuniram e no dia 30 de maio de 2023 foi criado um grupo em aplicativo de conversas denominado Emancipa Pós-Graduação com o objetivo de auxiliar estudantes de Guiné-Bissau, Brasil, Angola, Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe para que possam ingressar nas universidades brasileiras. Como dito anteriormente, alguns estudantes queriam fazer cursos que não eram ofertados na Unilab, nesse sentido, o Emancipa Pós-Graduação iniciou os seus trabalhos a partir da abertura do Edital GCUB-Mob nº01/2024, do Grupo de Cooperação Internacional de Universidades

Brasileiras (GCUB), o qual permite a entrada de estudantes de todos os continentes para cursarem mestrado e doutorado nas universidades brasileiras associadas. Ingressando no Ensino Superior através da GCUB, o estudante é contemplado com a bolsa de estudos.

Vale destacar ainda que esse Programa de mobilidade internacional conta com a garantia de bolsa de estudos para a realização de mestrado e doutorado, com os mesmos valores praticados atualmente pela CAPES/MEC, o que representa uma fundamental política de permanência na pós-graduação, haja vista a situação socioeconômica do público-alvo para o qual a Rede Malês se dedica. (Projeto Rede Malês Pós-graduação, 2025, s.p.)

Essa garantia de bolsa de estudos é importante, na medida que vai permitir que esses estudantes internacionais possam arcar com os custos de moradia, alimentação entre outras despesas que eles/as possam ter. Geralmente as universidades públicas brasileiras têm residência estudantil, auxílio alimentação, transporte e a bolsa financiada por algumas instituições como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e as Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa (FAPs). Mas salienta-se que é difícil ser contemplado com essas bolsas, visto que, geralmente, são disponibilizadas poucas bolsas para muitos estudantes e existem critérios para que os estudantes as consigam. Diante disso, contata-se que GCUB tem uma iniciativa boa de garantir as bolsas para que os estudantes internacionais mantenham focados nos estudos, evitando os trancamentos das matrículas ou a desistência por parte desses estudantes, a bolsa acaba sendo uma das motivações para que os estudantes continuem os seus estudos, principalmente estudantes internacionais.

Conforme o relatório de Emancipa Malês de 2024, para estudantes de Emancipa Pós-Graduação foram realizadas as seguintes atividades:

- Contribuição com o processo de inscrição para o PSEI 2024;
- Auxílio durante de inscrição para o PSEI 2025;
- Apoio com o processo de inscrição para o PRÉ-PECG;
- Oficina sobre o edital GCUB-MOB nº001/2024 – Programa GCUB de Mobilidade Internacional;
- Oficina de elaboração do projeto de pesquisa;
- Oficina de elaboração da carta de intenções;
- Oficina: Por que estudar no Brasil? A universidade brasileira;

- Oficina em parceria com o MEL Malês e com a Coordenação de pesquisa da PROPPG: formação de orientadores/as voluntários aos/as candidatos ao edital GCUB-MOB;
- Oficina de corretores de redações.

A Rede Emancipa Pós-graduação capacitou cerca de 70 educadores populares, pessoas que estavam a formar em diferentes áreas e universidades no Brasil. Dessa forma, esses educadores começaram a acompanhar de forma individual cada candidato/a, nas inscrições dos editais de pós-graduação, na elaboração do projeto de pesquisa e cartas de intenções. Segundo o projeto:

[...] considerando a metodologia adotada pela Rede Malês, em que estudantes de pós-graduação da UNILAB e de outras universidades públicas brasileiras contribuem com os candidatos/as ao edital GCUB-mob, objetiva-se ainda contribuir com a formação de estudantes de pós-graduação, na medida em que eles/elas podem experienciar a tarefa de orientação, a partir dos conhecimentos acumulados em metodologia de pesquisa. Nesse sentido, é vital o apoio do Mestrado em Estudos de Linguagens: contextos lusófonos Brasil-África (MEL Malês) e de outros Programas de Pós-graduação da UNILAB, como o de Enfermagem, para que esse projeto de pesquisa se concretize. (Projeto Rede Malês Pós-graduação, 2025, s.p.)

Entende-se que esse processo de orientação é importante tanto para estudantes orientadores quanto para estudantes candidatos. Em conformidade com as informações do Projeto Rede Malês Pós-graduação (2025), foi feita a tabela abaixo com os resultados de inscrição da edição 2025 de estudantes que pretendem ingressar na pós-graduação nas universidades públicas do Brasil.

Quadro 3- Lista de Candidatos/as à Pós-graduação no Brasil, inscritos/as pela Rede Emancipa Malês

NACIONALIDADE DOS ESTUDANTES	NÚMERO DE CANDIDATOS/AS
Angolanos	13
Guineenses	107
Moçambicanos	48
Santomenses	2
Total	170

Fonte: própria (2025).

Dos 170 inscritos, 142 pretendiam ingressar no mestrado, 28 desejavam fazer o doutorado e 11 inscritos/as são estudantes internacionais que atualmente estão no Brasil, alguns egressos da Unilab e outros que estavam quase finalizando seus cursos de graduação. De acordo com os dados apresentados, houve um número elevado de candidatos/as. Desse modo, a Rede Emancipa Malês precisa ter uma rede de apoio suficiente para que possa auxiliar todos/as na elaboração dos projetos de pesquisa e cartas de intenção. Dos/as orientadores/as que se voluntariaram para auxiliar os/as candidatos/as da pós-graduação, 14 fazem parte de MEL Malês, 13 são da Pós-graduação em Enfermagem da Unilab, seis são egressos da Unilab que estão a fazer pós-graduação em outras universidades públicas do Brasil, dois fazem parte do movimento social *Confluências de Educação Popular*. Também tem outros/as voluntários/as orientadores/as indicados por colegas de cursos provenientes de outras universidades. (Projeto Rede Malês Pós-graduação, 2025, s.p.)

Os/as candidatos/as se inscreveram em diversas áreas, tanto nas ciências humanas quanto nas exatas, mas tiveram as áreas que despertaram mais atenção deles/as.

As principais áreas de interesse dos candidatos são: 43 em educação, ensino, educação linguística; 24 na área da saúde, saúde pública, medicina, nutrição; 19 em biologia, meio ambiente, sustentabilidade; 13 em administração; há ainda interessados em sociologia, ciências políticas, antropologia, história, relações internacionais, física, agronomia, engenharias, filosofia, direito etc. (Relatório Final de Emancipa Malês de 2024, s.p.)

É evidente a diversidade em relação à escolha das áreas de formação, destacando educação, saúde e meio ambiente. Isso demonstra o interesse desses/as candidatos/as com as questões sociais e é provável que as escolhas das áreas de formação deles estejam ligadas às dificuldades enfrentadas nos seus países de origem, ou seja, os candidatos/as devem ter percebido lacunas em uma área no seu país ou em outro lugar e decidiram fazer a sua formação naquela área para posteriormente poder ajudar o seu país ou o país em que reside. Neste sentido, salienta-se a relevância de Programas de Pós-Graduação que recebem e oferecem uma educação de qualidade para os estudantes.

Como informado anteriormente, o Projeto Emancipa Malês, além de fazer parceria com a Unilab e a Rede Emancipa Movimento Social de Educação Popular no Brasil, também tem parceiros internacionais entre os quais a Rede Emancipa Guiné-Bissau, a Rede Emancipa Cabo Verde, a Rede Emancipa Angola, a colaboração de Associação Kukula

Pabhodzi de Moçambique e a Federação Nacional das Associações Acadêmicas da Universidade de São Tomé e Príncipe (FNAAU-STP). Esses parceiros e colaboradores internacionais atuam nos seus países, ou seja, em Guiné-Bissau, Angola, Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe e participam das atividades do Projeto Emancipa Malês de forma remota.

O livro *Paulo Freire e a Educação Popular: esperar em tempos de barbárie* publicado em 2023, tem um capítulo denominado *Nô Sta Djuntu! Estamos juntos: o surgimento de Emancipa Malês*, que é transcrição da aula inaugural do cursinho Emancipa Malês realizada à distância, no dia 14 de maio de 2022. Nesse dia, Andreia Mosso, coordenadora da Rede Emancipa Cabo Verde, informou que a referida rede foi fundada em novembro de 2020, período da pandemia de Covid-19. O motivo da criação da Rede Emancipa Cabo Verde se deve ao entendimento de que com a pandemia ficou evidente que os maiores problemas sociais e econômicos existentes em Cabo Verde naquela altura era a baixa escolaridade. A maior parte das pessoas que estavam no setor informal não tinham acesso aos sistemas de proteção social e essa informalidade estava fortemente associada às dificuldades de inserção no mercado de trabalho formal, as quais estavam diretamente relacionadas com o acesso à formação e à educação.

Figura 9 - Logotipo da Rede Emancipa Cabo Verde



Fonte: Logotipo de Emancipa Cabo Verde (Plano de Ação da Rede Emancipa Cabo Verde, s.p.)

Em conformidade com o Plano de ação da Rede Emancipa Cabo Verde, a referida Rede pretende atuar em Cabo Verde através dos cursinhos preparatórios para estudantes que pretendem ingressar nas universidades brasileiras e portuguesas, além de desenvolver a alfabetização de jovens e adultos e trabalhar com a Arte e Educação.

Em relação a Rede Emancipa Angola, ela foi criada em 2022 com iniciativas de jovens angolanos, com vista a auxiliar estudantes angolanos a ingressar nas universidades brasileiras.

Figura 10 - Logotipo da Rede Emancipa Angola



Fonte: logotipo de Emancipa Angola (facebook da Rede Emancipa Angola, 2025, s.p.)

O acesso à educação tem sido difícil em Angola. Na aula inaugural do Emancipa Malês, ocorrida em 14 de maio de 2022, o coordenador da Rede Emancipa Angola, Ary Santos, afirmou que a parceria com a Rede Emancipa Malês é uma oportunidade para todos os estudantes. Yerma Tomás, também coordenadora da Rede Emancipa Angola, compartilhou da mesma ideia com o seu colega e ainda informou que:

Em Angola, mesmo quando entramos na universidade com um objetivo, com uma expectativa, acabamos frustrados por não termos essas nossas expectativas satisfeitas. A maioria possui essa expectativa de ter uma formação de qualidade, mas não, encontra mais dificuldades. Além de você não receber uma educação de acordo com aquilo que você perspectivou, você acaba tendo inúmeros gastos, porque aqui as universidades estão em lugares distantes de onde as pessoas moram. As pessoas têm que se deslocar, gastar muito dinheiro para chegar e para ter acesso ao material que é disponibilizado por essas universidades. (Vasconcelos et.al, 2023, p. 489).

Compreende-se que essas dificuldades de acesso à educação de qualidade em Angola poderão fazer com que os estudantes não tenham motivação para ingressar nas universidades, e aqueles que estão a estudar podem acabar por abandonar o estudo. Para evitar essas questões, o Estado precisa investir muito na educação do país. A coordenadora Yerma ainda explica que alguns estudantes vão para outros países para ter uma formação de qualidade e essa saída de estudantes angolanos deveria constituir uma prioridade para os governantes, tanto no que diz respeito à abertura de novas universidades, quanto no

fortalecimento do ensino básico. Salienta-se que o investimento do Estado deverá ir além das referidas ações para que Angola tenha um Ensino Superior de qualidade, contribuindo para o desenvolvimento do país.

No que se refere à Moçambique e São Tomé e Príncipe, recentemente a Rede Emancipa Malês também teve a colaboração com a Associação Kukula Pabhodzi de Moçambique e com a Federação Nacional das Associações Acadêmicas da Universidade de São Tomé e Príncipe (FNAAU-STP). Essas colaborações aconteceram no momento em que o professor do curso de Relações Internacionais Daniel de Lucca Reis Costa, se associou à Rede emancipa com a intenção de ampliar o alcance internacionalista da referida Rede. O professor começou a desenvolver, em 2023, o Projeto de Extensão *Emancipa Malês Além-Fronteiras: fortalecimento e ampliação da rede internacional do cursinho popular da UNILAB*. Foi através desse projeto que o Emancipa Malês iniciou a sua colaboração tanto com a Associação Kukula Pabhodzi de Moçambique, quanto com a Federação Nacional das Associações Acadêmicas da Universidade de São Tomé e Príncipe (FNAAU-STP).

Figura 11 - Logotipo da Associação Kukula Pabhodzi



Fonte: logotipo de Emancipa Moçambique (facebook da Rede Emancipa Moçambique, 2025, s.p.)

Figura 12 - Logotipo da Federação Nacional das Associações Acadêmicas da Universidade de São Tomé e Príncipe (FNAAU-STP)



Fonte: logotipo de Emancipa São Tomé e Príncipe (facebook da Rede Emancipa STP, 2025, s.p.)

Para fortalecer essas colaborações, a Rede Emancipa Malês às vezes conta com o apoio de alguns estudantes de Moçambique e São Tomé e Príncipe que atualmente estão a estudar na Unilab, concretamente no *campus* dos Malês.

Relativamente à Guiné-Bissau, a parceria com a Rede Emancipa Malês surgiu através dos/as estudantes e egressos/as da Unilab, que, com muita dedicação nos trabalhos durante um curto período, conseguiram expandir a Rede Emancipa Malês e o seu cursinho popular, tanto na capital Bissau quanto nas outras regiões da Guiné-Bissau.

2.4 REDE EMANCIPA GUINÉ-BISSAU

A Rede Emancipa Guiné-Bissau surgiu através da iniciativa de Alfa dos Santos Silom, atual coordenador da referida rede, depois de conhecer a Rede Emancipa Movimento Social de Educação Popular no Brasil e a Rede Emancipa Cabo Verde. Alfa decidiu convidar guineenses, estudantes e ex-estudantes da Unilab para criar a Rede Emancipa Guiné-Bissau. Em setembro de 2021, foi fundada a referida Rede por mim, por Alfa dos Santos Silom, doutorando em Dialectologia e Sociolinguística pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA), João Eusébio Imbatene, doutorando no Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa, na Universidade de São Paulo (USP) e Joarsem Bacar Embaló, mestrando no Programa de Pós-

graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Todos os fundadores mencionados são egressos da Unilab *campus* Malês, com exceção do Joarsem que é egresso da Unilab, *campus* Redenção, no estado do Ceará.

A Rede Emancipa Guiné-Bissau visava auxiliar estudantes guineenses a ingressar nas universidades públicas brasileiras, particularmente a Unilab. Ela tem a parceria com a Rede Emancipa Malês, Projeto de Extensão da Unilab/Malês, coordenada pela Professora Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre, docente da referida universidade.

Figura 13 - Logotipo da Rede Emancipa Guiné-Bissau



Fonte: logotipo de Emancipa Guiné-Bissau (Coordenação da Rede Malês Guiné-Bissau, 2025, s.p.)

Atualmente a equipe de coordenação da Rede Emancipa Guiné-Bissau está organizada da seguinte forma:

Quadro 4 - Lista de coordenadores/as da Rede Emancipa Guiné-Bissau

NOME COMPLETO	FUNÇÕES
Alfa Dos Santos Silom	Coordenador
Zelica Manuel Pereira	Vice-coordenadora
Joarsem Bacar Embaló	Secretário
Ângela Nanque	Vice-secretária
Habina Luís Nhanque	Responsável de comunicação e mídia

Fernando Gonçalves	Vice-responsável de comunicação e mídia
Tito Djata	Coordenador de articulação comunitária e territorial
Bacar Baldé	Coordenador de articulação comunitária e territorial
Bill Clinton Nanque	Coordenador de articulação comunitária e territorial
Teodor Miquenorre Miguel Mentesse Sa	Responsável de finança
Zelica Manuel Pereira	Coordenadora de monitoria (Bolsista)
Nhima. Mandjan	Coordenadora de monitoria (Voluntária)
Maria Luísa Djata	Coordenadora de Bissau
Julião Hortis Mandão	Coordenador de Bula
Mama Samba Buaró	Coordenador de Gabú
Mamadú Baldé	Coordenador de Ingoré
Feliciano Domingos Oliveira	Coordenador de São Domingos

Fonte: própria (2025).

A Rede Emancipa Guiné-Bissau está organizada a partir de uma coordenação principal, localizada no Brasil, que atua como eixo central de articulação. Essa coordenação é responsável por definir as atividades gerais, articular ações de maneira mais ampla e manter a conexão entre diferentes núcleos espalhados pelo país. Além dessa coordenação central, existem coordenadores locais de diferentes núcleos do país. Cada núcleo com a sua autonomia organizativa, o que permite adaptar as ações às necessidades e realidades locais.

O Núcleo de Bissau surgiu após a criação da Rede Emancipa Guiné-Bissau, em 2021. No princípio o núcleo não teve êxito, mas, ao longo do tempo, foram feitas mobilizações e realização de reuniões e a coordenação foi reestruturada no dia 4 de maio de 2023. A partir daquele processo, foram escolhidos sete (7) coordenadores/as do Núcleo de Bissau com as suas devidas funções.

QUADRO 5 - Lista de coordenadores/as do Núcleo Bissau

NOME COMPLETO	FUNÇÕES
Bacar Baldé	Coordenador
Nhima Mandjam	Vice-coordenadora
Samba Djau	Secretário
Luca Sanca	Vice-secretária
Maria Luísa Djata	Responsável de comunicação
Mussa Mané	Vice-responsável de comunicação
Mamadú Saliu Camará	Responsável de mídia

Fonte: própria (2025).

A tomada de posse desses coordenadores aconteceu no dia 23 de junho de 2023, no auditório Guimarães Rosa, como mostra a figura abaixo.

Figura 14 -Tomada de posse dos Coordenadores do Núcleo Bissau



Fonte: fotografia da tomada de posse dos Coordenadores do Núcleo Emancipa Bissau (Coordenação do Núcleo Emancipa Bissau, 2025, s.p.)

A tomada de posse aconteceu presencialmente em Bissau, no Centro Cultural Brasil Guiné-Bissau (CCBGB). Os coordenadores que estão no Brasil assistiram virtualmente a cerimônia. Em simultâneo, também participaram representantes da Rede Emancipa Movimento Social da Educação Popular no Brasil, que é a Rede Emancipa Nacional.

As funções da Coordenação Principal da Rede Emancipa Guiné-Bissau são:

- Divulgar editais de bolsas de estudo;

- Organizar e divulgar e preparar as aulas do curso, que acontecem de forma remota, por meio da ferramenta *Google Meet*;
- Promover ações formativas e debates em nível nacional;
- Articular a rede como um todo, garantindo comunicação entre os núcleos.

As funções dos coordenadores locais são:

- Organizar os estudantes e voluntários dos seus núcleos para cursos preparatórios presenciais;
- Promover encontros e ações comunitárias com objetivo de divulgar o projeto;
- Manter diálogo com a coordenação Principal para alinhar as propostas.

Esses coordenadores participavam ativamente nas reuniões e aulas do Emancipa Malês de forma remota. Em Bissau, também faziam reuniões com os seus membros e participavam nos vídeos de divulgação do projeto Emancipa Malês e de entrevistas nas rádios Sol Mansi e Jovem, em Bissau. Também foram as escolas de Ensino Médio: Dr. Rui Barcelos da Cunha e Agostinho Neto, com a finalidade de informar sobre o Projeto Emancipa Malês e o seu cursinho de Educação Popular para auxiliar o acesso de classes populares nas universidades brasileiras.

Inicialmente a Rede Emancipa Guiné-Bissau tinha contato apenas com estudantes da cidade de Bissau, mas, com passar do tempo, os coordenadores decidiram expandir a ação de Educação Popular para estudantes que estão nas outras regiões do país, e que pretendem cursar o ensino superior nas universidades brasileiras, visto que o acesso às universidades para esses estudantes guineenses é muito mais difícil porque as universidades estão fixadas apenas na capital do país.

Dentre os principais fatores que tornam o ensino superior inacessível à maioria da juventude guineense, destaca-se a centralização de todas as atividades nos centros urbanos, principalmente na capital Bissau. Desse modo, o acesso à educação torna-se difícil para os moradores das zonas mais distantes, sobretudo àqueles que não têm parentes residentes na capital. Com isso, depois de terminarem o Ensino Médio, esses/as estudantes são impossibilitados/as de ingressar no ensino superior, pelo fato de que a maioria das famílias não consegue arcar com os custos de moradia e de mensalidade nas universidades. (Balsalobre et al. 2024, s.p.)

Essa desigualdade educacional é um obstáculo e poderá trazer consequências graves tanto para os estudantes quanto para a Guiné-Bissau, uma vez que, com a falta de uma formação superior, esses estudantes são limitados de desenvolver as suas capacidades, ter

um trabalho digno e melhores condições de vida, alguns podem se tornar desempregados e refugiar na delinquência. Dessa forma, essa pessoa não poderá contribuir para o desenvolvimento da Guiné-Bissau, ou seja, o país não terá quadros qualificados para trabalhar nos serviços públicos, saúde, educação, energia etc. Sendo assim, Guiné-Bissau não terá crescimento econômico. Em virtude disso, a Rede Emancipa Guiné-Bissau começou a auxiliar estudantes das diversas regiões do país para ingresso nas universidades públicas brasileiras. Desse modo, além do Núcleo de Bissau, a Rede também abriu núcleos nas outras regiões do país.

No dia 5 de fevereiro de 2022, foi fundado o Núcleo de Bula, que estava sob a liderança de Pascoal António dos Santos Djata. Após os trabalhos desenvolvidos, a Rede Emancipa Malês, em colaboração com o Projeto Casa de Sol, implementou a primeira Escola Emancipa na cidade de Bula. Nos dias 10, 11 e 12 de novembro de 2023, estiveram presentes estudantes guineenses, principalmente residentes da cidade de Bula. O evento aconteceu presencialmente e de forma remota para quem se encontrava no Brasil. Também fizeram parte da primeira Escola Emancipa os coordenadores que estão no território brasileiro e representantes da Rede Emancipa Movimento Social da Educação Popular no Brasil.

Durante o evento da Escola Emancipa foram feitas muitas atividades, dentre as quais palestras sobre a importância de estudar no Brasil e benefícios da Rede Emancipa em Guiné-Bissau, visitas nas escolas e outros locais da cidade de Bula, e noite cultural, animada com atividades culturais. A Escola Emancipa em Bula foi um momento de aprendizagem, trocas de conhecimento e de lazer.

Figura 15 - Coordenadores/as e estudantes na primeira Escola de Emancipa em Bula



Fonte: Fotografia da primeira Escola Emancipa em Bula (Coordenação da Rede Emancipa Guiné-Bissau, 2025, s.p.)

A Rede Emancipa Guiné-Bissau continuou a levar a Educação Popular para outros lugares da Guiné-Bissau. No dia 5 de maio de 2025, foi inaugurado o Núcleo de Ingoré, de igual modo, a inauguração contou com a participação dos coordenadores residentes no Brasil que participaram virtualmente e os representantes da Rede Emancipa Movimento Social da Educação Popular no Brasil.

No dia 5 de abril de 2025, a Rede Emancipa Guiné-Bissau fez o lançamento de dois Núcleos: São Domingos e Gabú. O evento aconteceu de forma virtual e participaram os coordenadores e estudantes de Núcleos da Rede Emancipa Guiné-Bissau que estão no referido país, além de coordenadores e estudantes da Rede Emancipa Malês presentes no Brasil, e representantes do movimento de Confluência de Educação Popular que estabeleceu algumas parcerias com a Rede Emancipa Malês.

Durante o lançamento, a professora Sabrina Balsalobre, coordenadora da Rede Emancipa Malês, falou sobre a referida rede, as aulas virtuais que geralmente acontecem todos os sábados, as videoaulas, os cursos oferecidos na Unilab etc. Por outro lado, os representantes do movimento de Confluências de Educação Popular falaram sobre a

Educação Popular, a experiência da referida educação e a sua importância na vida das pessoas. O momento também serviu para intervenções de alguns estudantes que participaram do cursinho Emancipa Malês e que atualmente estão a estudar na Unilab. Eles/as falaram sobre a experiência de participação no cursinho e a aprovação no processo seletivo da Unilab. Além dessas intervenções, o coordenador da Rede Emancipa Malês, Alfa Silom, falou sobre a importância tanto da participação do cursinho Emancipa Malês quanto de estudar nas universidades públicas brasileiras, particularmente a Unilab. Mama Samba Buaró, coordenador de Gabú, e Feliciano Domingos, coordenador de São Domingos, mostraram-se satisfeitos em fazer parte da Rede Emancipa Malês e prometeram trabalhar afincadamente nas suas localidades para que os seus estudantes possam participar dos cursinhos da Rede Emancipa Malês e para que, num futuro próximo, possam estudar no Brasil.

Os coordenadores da Rede Emancipa Guiné-Bissau têm a intenção de abrir núcleos em todas as regiões da Guiné-Bissau para que a maioria das classes populares possam ingressar no Ensino Superior nas universidades públicas brasileiras e, após as formações, contribuam para o desenvolvimento da Guiné-Bissau.

Destaca-se que atualmente a Rede Emancipa Malês não está associada à Rede Emancipa Movimento Social de Educação Popular no Brasil. Sendo assim, os coordenadores da Rede Emancipa Malês fizeram reuniões e deliberaram a mudança do nome para Rede Malês, sendo um movimento autônomo, que continuou as suas atividades de Educação Popular auxiliando estudantes das classes populares.

Com passar do tempo, a Rede Malês estabeleceu algumas parcerias com o movimento de Confluências de Educação Popular.

Atualmente, a Rede Malês estabelece parceria com o movimento social Confluências de Educação Popular, o qual tem como lema central “a periferia é o centro”, cujo principal objetivo é o de lutar pelo direito à educação de qualidade de pessoas das periferias do Sul Global. Assim sendo, por meio dessa parceria entre a Rede Malês e o Confluências, anualmente, unem-se forças a fim de contribuir com a aprovação de candidatos/as de Guiné-Bissau, Moçambique, Angola, São Tomé e Príncipe e Cabo Verde em cursos de mestrado e de doutorado de universidades públicas brasileiras. (Balsalobre, 2024, s.p.)

Nesse sentido, compreende-se que essa parceria, além de ampliar o acesso às universidades públicas brasileiras para os estudantes africanos, poderá contribuir a fortalecer

os laços entre o continente africano e solo brasileiro, através de princípios de justiça social, equidade e a valorização dos conhecimentos das classes populares.

Figura 16- Logotipo do Movimento de Confluências de Educação Popular



Fonte: Logotipo de Confluências de Educação Popular (Coordenação da Rede Malês, 2025, s.p.)

A Rede Malês e os movimentos Confluências de Educação Popular lutam unidos pela democratização do direito à educação através da Educação Popular com vistas à transformação social.

CAPÍTULO 3

ESTUDANTES GUINEENSES DO CURSINHO POPULAR EMANCIPA MALÊS: DA EXPERIÊNCIA EM EDUCAÇÃO POPULAR A EXPERIÊNCIA NA UNILAB

No terceiro capítulo, são analisadas as entrevistas semiestruturadas com ex-estudantes do cursinho Emancipa Malês, que atualmente são estudantes na Unilab da Bahia e do Ceará. Alguns trechos das falas dos/as entrevistados foram trazidas e cruzadas com algumas bibliografias para melhor compreensão da análise, com suporte dos documentos oficiais do governo e outras referências bibliográficas que irão permitir a compreensão da construção de políticas, os desafios e as perspectivas do ensino superior na Guiné-Bissau.

A nossa pesquisa tem um caráter qualitativo, pois foi feita a descrição e a análise de relações sociais para melhor compreensão do fenômeno que foi investigado. Sendo assim, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com estudantes guineenses da Unilab que participaram remotamente das atividades do cursinho popular do projeto Emancipa Malês. Em tempo, salienta-se que a:

Entrevista semiestruturada combina um roteiro de questões previamente formuladas com novas questões abertas que podem surgir durante a interação entre os interlocutores. O entrevistador possui maior controle sobre o que se pretende saber, mas há espaço para reflexão espontânea do entrevistado sobre os assuntos abordados. (Oliveira et al. 2023, p. 221)

Em suma, esse tipo de entrevista é importante porque permite ao/à entrevistado/a se sentir à vontade para falar sobre um determinado assunto, podendo, dessa forma, aparecer conteúdos relevantes para a pesquisa. Como informado anteriormente, os dados mobilizados foram cruzados com a perspectiva teórica adotada na pesquisa.

É importante informar que, para a realização das entrevistas, este trabalho foi submetido ao Comitê de Ética do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) e gerado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCL), assinados pelos/as entrevistados/as, sendo seus nomes mantidos em sigilo ao longo do texto.

Salienta-se que a Rede Emancipa Malês inicialmente não registrava o número dos estudantes do seu cursinho aprovados no Processo Seletivo de Estudantes Internacionais da

Unilab, sendo assim, o projeto começou a registrar os estudantes em dezembro de 2024. De acordo com os dados do referido ano, foram aprovados 68 estudantes do cursinho Emancipa Malês para estudar Unilab, alguns no estado da Bahia e outros no Ceará. Mas, infelizmente, não se sabe se os 68 estudantes conseguiram viajar para o Brasil, visto que, como a maioria pertence às classes populares, geralmente passam por dificuldades financeiras para tratar as documentações e comprar a passagem.

As entrevistas foram realizadas com um universo de cinco (5) estudantes guineenses, número determinado devido ao curto tempo para execução da pesquisa. Os referidos estudantes tinham participado no cursinho Malês e atualmente estão a estudar na Unilab. Dois deles/as estão a estudar no campus do Ceará e os outros três estudantes no campus da Bahia. Foram entrevistadas três meninas e dois meninos. Os/as entrevistados/as estão a estudar em diferentes cursos oferecidos na referida universidade.

Quadro 6- Lista de Entrevistados/as da Pesquisa

Nome	Sexo	Gênero	Idade	Região de Nascimento em Guiné-Bissau	Curso na UNILAB	Entrada na UNILAB
Aua Baldé	Feminino	Mulher	23	Bissau	Administração Pública	2021.02
Berta Tchudá	Feminino	Mulher	24	Cacheu	Letras - Língua Portuguesa	2023.01
Carina Lopes Sanca	Feminino	Mulher	29	Bissau	Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades	2022.01
Daniel Gomes	Masculino	Homem	30	Bissau	Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades	2022.02
Francisco Cá	Masculino	Homem	27	Quínara	Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades	2022.02

Fonte: própria (2025).

Os/as entrevistados/as foram contactados através do whatsapp, por onde foram enviados os convites para a entrevista. Todos/as aceitaram imediatamente participar da entrevista, apesar de ser um momento de final de semestre em que geralmente eles têm muitos trabalhos da universidade para fazer. As entrevistas foram feitas nas datas e horários previstos, sendo a maioria realizada por aproximadamente uma hora. As perguntas que foram feitas aos entrevistados/as estavam baseadas no tema, objetivo geral, objetivos específicos e o problema da pesquisa, mas, principalmente o objetivo geral e a problemática da pesquisa. As perguntas estavam divididas em quatro (4) eixos: 1) Dados pessoais dos entrevistados(as); 2) História de vida educacional dos entrevistados(as); 3) O Cursinho Popular da Rede Emancipa Malês Estratégias Internacionalista de Educação Popular na Unilab; 4) O ingresso e a permanência de estudantes guineenses na Unilab. Em relação ao 1º Eixo, sobre dados pessoais dos entrevistados, como já dito, destaca-se que os dados dos/as entrevistados/as foram mantidos em sigilo.

Para a realização da análise das entrevistas foram criados três temas gerais: o primeiro tema se refere à história de vida educacional dos entrevistados/as, o segundo tem relação com o Cursinho Emancipa Malês e o terceiro diz respeito à Unilab. Todos esses temas gerais contêm subtemas, que foram desenvolvidos ao longo do trabalho.

3.1. HISTÓRIA DE VIDA EDUCACIONAL DOS/AS ENTREVISTADOS/AS

Este tema trata do percurso educacional dos/as entrevistados/as durante o processo da escolarização em Guiné-Bissau. O tema contém os seguintes subtemas: dificuldades encontradas ao longo da escolarização no referido país e oportunidades encontradas depois da escolarização. De acordo com as intervenções dos/as entrevistados/as, suas histórias de vida educacional foram marcadas por muitos desafios. Em relação às dificuldades encontradas, os/as entrevistados/as informaram dificuldades na mudança de escolas, dificuldades financeiras e de conciliar as atividades escolares com outras atividades. Apesar das diferentes dificuldades apresentadas pelos/as entrevistados/as, alguns se convergem, como é o caso das dificuldades financeiras e as dificuldades de conciliar as atividades escolares com outras atividades. No que se refere às dificuldades financeiras, Berta Tchudá nos dá o seguinte depoimento:

Quando comecei a estudar décima, décima primeira e décima segunda classe (Ensino Médio), estudei em Rui Barcelos da Cunha e morava em Cuntum Madina, as dificuldades começaram logo no transporte, para pagar o transporte todos os dias para ir para a escola. O meu pai era condutor (motorista) e trabalhava com toca-toca (transporte), no dia que ele não trabalhava, eu tinha que saber como é que eu vou chegar na escola e depois, como chegar em casa, como vou ir para a educação física. A falta de dinheiro para pagar transporte era uma das dificuldades que tive enquanto estudava. (Berta, 2025, s.p.)

Compreende-se, as dificuldades de acesso à escola enfrentada pela Berta durante o Ensino Médio na cidade Bissau, a falta de dinheiro para pagar o transporte pode comprometer o seu estudo. De igual modo, Francisco Cá também falou das dificuldades financeiras que passou quando estava a estudar, ele referia a falta de dinheiro para comprar os materiais escolares. Embora, eles não apresentam a mesma necessidade, mas, poderão sofrer as mesmas consequências negativas, uma vez que, com a ausência de dinheiro para pagar o transporte para ir à escola, Berta Tchudá não poderá assistir às aulas com frequência, e consequentemente poderá não ter um bom aproveitamento educacional, de igual modo, a falta de materiais escolares poderá diminuir a qualidade de aprendizagem do Francisco Cá. As narrativas desses estudantes em relação às dificuldades financeiras enfrentadas ao longo da escolarização em Guiné-Bissau, evidencia a falta de políticas públicas educacionais eficazes no país. Como afirma Rodrigues (2024, p.2) “A política pública educacional deve garantir direitos de acesso e permanência de todos os alunos com idades escolares, assim como a integração e o resgate da esperança dos jovens e adultos que têm o sonho de terminar seus ensinos e cursar um curso técnico ou superior”. São relevantes o acesso e a permanência dos estudantes para garantir o direito à educação e permitir a integração dos grupos menos favorecidos. Ainda sobre as dificuldades encontradas no período da escolarização em Guiné-Bissau, Daniel Gomes também passou por muitas dificuldades, tanto financeiras quanto de conciliar as atividades escolares com profissional, como explica na entrevista:

Quando comecei a estudar na escola privada, era um pouco difícil, porque trabalhava para conseguia pagar a mensalidade da minha escola. Depois que eu fui para a escola em Kwame Nkrumah também tive um pouco as dificuldades em relação a pagar transporte para ir à escola. Nós sabemos que não são coisas fáceis para nós, que somos filhos de pobres. Eu trabalhava, tinha salão na minha casa e cortava cabelo das pessoas, sendo assim, ficava um pouco sobrecarregado porque cortava cabelo depois ia para a aula, era uma coisa muito sobrecarregada para mim. Como nós sabemos, nosso princípio de estudo na Guiné-Bissau é muito diferente do Brasil. Então, fazer a gerência dessas cargas horárias ficava muito difícil

para mim. Eu dormia tarde, principalmente quando estava a estudar 12º ano, o horário de início das minhas aulas era 13h e saía às 17h. Entrava a aula e depois tinha que voltar para o salão para cortar cabelo e fechava o salão às 22h, depois dormia e tinha que acordar 6 ou 7 horas da manhã para preparar o salão antes da chegada dos clientes. Eu tinha tempo que eu reservava para fazer meus estudos, leituras. Na verdade, fiz um cronograma com plano de estudo, de acordo com o meu tempo de corte de cabelo e de fazer outros trabalhos, eu também criei esse plano de estudo. (Daniel, 2025, s.p.)

O relato de Daniel Gomes mostra as dificuldades que os estudantes de baixa renda passam durante os estudos em Guiné-Bissau, para custear as escolas ou universidades precisam trabalhar, desse modo, ficam sobrecarregados por conciliar as atividades acadêmicas, profissionais, outros estudantes conciliam os estudos com atividades domésticas, como informou a entrevistada Carina Lopes Sanca. Conciliar as referidas atividades pode comprometer o progresso educacional dos estudantes. Mais uma vez, reforço a ideia de implementação de políticas públicas educacionais eficazes para colmatar essas dificuldades. Entre os cinco (5) entrevistados: Berta Tchuda e Francisco Cá apontaram as dificuldades financeiras durante o período de escolarização, Daniel Gomes referiu em parte dificuldades financeiras e de conciliar as atividades escolares e profissional, Carina Lopes Sanca apresentou as dificuldades de conciliar os estudos com os trabalhos domésticos, apenas uma entrevistada referiu a mudança de escolas como dificuldades no percurso escolar em Bissau, a entrevistada Aua Baldé informa que, durante o seu estudo teve que mudar várias vezes da escola da Guiné-Bissau para a escola de Senegal, e vice-versa. Essa situação é complicada porque poderá trazer consequências negativas para Aua, visto que, o currículo dessas escolas não são mesmo, sendo assim, poderá atrapalhar o desenvolvimento tanto educacional quanto emocional da estudante, ou seja, ela poderá não conseguir acompanhar bem as aulas por causa das mudanças, e conseqüentemente poderá acarretar a sua reprovação, sendo reprovada a estudante não estará bem emocionalmente. Por isso, é importante não fazer muitas mudanças de escolas, principalmente escolas que se encontram em países diferentes, porque possivelmente as dificuldades serão ainda maiores, além dos conteúdos diferentes que o estudante poderá encontrar, se tratando de escola no exterior teria que adaptar ao país, a língua, cultura etc. Salientando que, os estudantes podem fazer a mudança de escola no país ou no exterior, mas, o que está sendo alertado diz respeito às constantes mudanças de escola que podem trazer consequências negativas para os

estudantes. O que também pode contribuir negativamente para o sucesso educacional do estudante é não saber conciliar as atividades escolares e outras atividades.

No que tange às oportunidades encontradas ao longo da escolarização, os/as entrevistados/as informaram: a entrada nas universidades e escola técnica, e inserção no mercado de trabalho. Aua disse que diminuiu a dificuldade a falar em público depois da escolarização, Berta destacou a aprovação no curso de corte e costura do SENAI em Bissau como uma oportunidade que conseguiu depois da escolarização, Carina informa, a oportunidade da escolarização, a entrada na universidade Colinas de Boé e trabalho de estagiária num jardim de infância (pré-escolar). Já o Daniel apresenta o recrutamento no serviço militar em Bissau e a entrada na Unilab no Brasil, Francisco refere a oportunidade de dar aula na igreja e no Programa de Educação Escolar (PEP). As oportunidades informadas pelos/as entrevistados/as, mostram que apesar das dificuldades financeiras, de mudança de escolas, de conciliar as atividades escolares e outras, conseguiram desenvolver habilidades significativas, no âmbito pessoal, acadêmico e profissional. Questionado sobre as oportunidades que teve depois da escolarização, Francisco Cá, afirma que:

Como uma pessoa que tem domínio de escrever e ler, dentro da igreja comecei a dar aula, como escola dominical, aquilo era uma coisa muito interessante naquela altura. Dava aula e depois participei também de um projeto, que é o Projeto Missionário Brasileiro, que é PEP, Programa de Educação Pré-escolar, trabalhei como educador auxiliar durante dois anos, de 2010 a 2012, ganhava um pouco porque na nossa cidade não tinha espaço para ganhar dinheiro, além daquela atividade doméstica com a família. (Francisco, 2024, s.p.).

O relato acima revela a importância que a escolarização tem na vida das pessoas, porque através dela é possível conseguir boas oportunidades, uma pessoa escolarizada tem a possibilidade de conseguir um emprego, além da experiência que vai adquirir no emprego também vai ganhar o dinheiro para ajudar na sua subsistência.

Por fim, de acordo com as informações trazidas pelos/as entrevistados/as, percebe-se que a Guiné-Bissau apresenta fragilidades em termos de acesso e permanência nas universidades e escolas, mas, apesar disso, os/as entrevistados/as não desistiram do estudo, se esforçaram e tiveram sucesso tanto nos estudos quanto no mercado de trabalho. Essas experiências são motivadoras, principalmente para os estudantes que estão a passar pelas dificuldades no processo de escolarização em Guiné-Bissau entenderem que podem mudar as suas histórias através do esforço e dedicação nos estudos e a exigência dos seus direitos,

nesse caso, o direito à educação de qualidade para todas as pessoas, particularmente as classes populares e grupos menos favorecidos. Apesar de que, não se pode pensar que uma pessoa pode conseguir o sucesso apenas através do esforço e desempenho, deixando de lado os privilégios e a classe social a que pertence.

3.2. O CURSINHO EMANCIPA MALÊS

O presente tema refere-se à participação dos estudantes no Cursinho Emancipa Malês e é composto pelos seguintes subtemas: 1) a descoberta do cursinho Emancipa Malês; 2) o impacto do Cursinho Emancipa Malês na formação acadêmica; 3) o impacto do Cursinho Emancipa Malês na formação humana. Sobre a descoberta do Cursinho Emancipa Malês, num total de cinco (5) entrevistados/as, três (3), Aua, Carina e Daniel, informaram que conheceram o cursinho através de coordenadores do projeto Emancipa Malês. Esse dado mostra o engajamento que os referidos coordenadores tiveram na divulgação do cursinho, prática relevante na medida em que vai permitir a participação ativa e o empoderamento das classes populares. Dois entrevistados, Berta e Francisco, disseram que souberam da existência do cursinho Emancipa Malês por meio de colegas da universidade. A partir disso, entende-se a relevância das ações dos coordenadores e redes de contato entre os estudantes como canais de acesso a informações e oportunidades no espaço universitário. Fortalecer esses dois pontos poderá permitir o maior conhecimento do projeto e o alcance dos seus objetivos.

Em relação ao subtema relativo ao impacto do cursinho na formação acadêmica, todos/as os/as cinco (5) entrevistados/as relataram a prática de redação promovida pela Rede Emancipa Malês como o fator principal na aprovação do Processo Seletivo de Estudantes Internacionais (PSEI) da Unilab. Nas declarações de Aua:

Nós sabemos que o ensino da Guiné nem todas as coisas são ensinadas, por exemplo, fazer resumo. Ensina-se nas escolas, mas raramente se vê. No cursinho aprendi a fazer redação e resumo da melhor forma, aprendi muitas coisas. Na prova da Unilab você se depara com isso, a redação tem a maior pontuação no processo seletivo. Com a ajuda do cursinho, fiz uma boa redação, por isso fui aprovada e estou no Brasil. E digo que é através do cursinho que consegui fazer a redação porque antes fazia, mas era uma coisa que fazia às vezes na escola, quando mandavam fazer, mas nem sempre nos deparávamos com isso. No cursinho, aprendi muito sobre fazer redação. (Aua, 2025, s.p.).

As informações acima apresentadas evidenciam as limitações do sistema educacional guineense, especificamente a prática de produção textual, resumo e redação, como esses conteúdos são ensinados esporadicamente na sua escola em Guiné-Bissau, o cursinho Emancipa Malês foi um elemento essencial no percurso da entrevistada, visto que contribuiu para a sua entrada na Unilab. Por outro lado, percebe-se que a entrevistada estava determinada a aprender mais sobre a redação. Essa determinação e o ingresso na Unilab é uma motivação tanto para seus colegas estudantes, assim como para os coordenadores da Rede Emancipa Malês para que possam continuar a trabalhar afincadamente para o ingresso das classes populares nas universidades públicas brasileiras. Ainda sobre o impacto do cursinho Emancipa Malês na formação acadêmica, todos os cinco entrevistados/as afirmaram que, depois das suas participações no cursinho, mudaram as suas concepções em relação à política educacional na Guiné-Bissau. Um deles/as explica:

Mudei a minha concepção depois das aulas do cursinho porque tinha algumas coisas que pensava que era normal não era normal. Depois que comecei a assistir as aulas do cursinho, as coisas que achava normal no nosso sistema educativo, agora sei que algumas coisas são anormais, como o caso de gratuidade do ensino. Dizem que as escolas públicas na Guiné-Bissau são gratuitas, mas não vejo essa gratuidade de uma forma 100% porque os estudantes ainda têm que pagar uma taxa para terem o acesso, enquanto o cursinho, ele é 100% gratuito. A pessoa não tem que pagar nenhum centavo para poder ter acesso às aulas. (Berta, 2025, s.p.)

A entrevistada Berta conta que, após a sua participação no cursinho Emancipa Malês, teve uma tomada de consciência em relação à política educacional na Guiné-Bissau, especificamente sobre a gratuidade do ensino do referido país. Nesse sentido, considera-se o impacto de uma formação crítica do cursinho, pois Berta só percebeu as anormalidades no sistema educativo guineense quando participou do cursinho e teve uma tomada de consciência. Assim sendo, no entendimento de Freire (1970), enquanto as pessoas oprimidas não tomam consciência do motivo das suas opressões, aceitam a opressão como algo normal e que não pode mudar, por isso que geralmente não lutam pela liberdade e por um lugar melhor no mundo e é nessa atitude que está a chamada “conivência” com o sistema opressor, não porque querem ser oprimidas, mas porque não tomaram a consciência de que podem mudar essa realidade. Isso explica a mudança de concepção que a entrevistada teve em relação à política educacional na Guiné-Bissau.

No que se refere ao subtema sobre o impacto do cursinho Emancipa Malês na formação humana, os cinco (5) entrevistados/as tiveram muitas opiniões em relação a essa questão. Eles relataram que o cursinho Emancipa Malês foi muito importante no desenvolvimento cognitivo, no crescimento pessoal e no amadurecimento emocional. Na perspectiva de Carina:

Emancipa me ajudou a amadurecer, tanto na minha vida acadêmica como pessoal porque no Emancipa tive amigos que me ajudaram, por exemplo, dois coordenadores de Emancipa. Quando cheguei no Brasil, tive dificuldade em fazer os meus trabalhos da universidade. Como já sabemos, na Guiné-Bissau os conteúdos de resumos, fichamentos nem se dão, pelo menos na escola que estudei não davam, um dos coordenadores me ajudou muito em relação a isso. Vou levar a Emancipa para a vida toda. (Carina, 2025, s.p.),

Em conformidade com a declaração da entrevistada Carina, compreende-se que, a Rede Emancipa Malês, não é apenas uma rede que preocupa com a preparação de estudantes das classes populares para o ensino superior brasileiro, mas é um lugar de acolhimento, em que os estudantes, além de aprender, também podem fazer amizades. O auxílio dos coordenadores no Brasil foi fundamental para que a entrevistada possa lidar com os obstáculos que apareceram na universidade.

Por outro lado, o entrevistado Daniel relata que o Emancipa realizou o seu sonho de estudar no Brasil, especificamente na Unilab. Essa fala mostra uma experiência marcante e transformadora do entrevistado no Emancipa e, através disso, compreende-se a ação de Emancipa como um ato político em impulsionar transformações profundas na vida dos seus estudantes. Assim como Daniel, Berta também mostra que o Emancipa é um lugar de crescimento pessoal.

Diria que Emancipa me ajudou bastante, porque se não fosse pela Emancipa, talvez eu não chegaria no Brasil para iniciar o processo de estudo. Talvez, posso dizer, de uma outra parte, é por causa da Emancipa, por causa das aulas que assistia, das formações que davam, me ajudou de uma forma assim, a forma como os professores davam aulas, são exemplos para seguir, independentemente da vida acadêmica, mas também na vida pessoal. Isso me ajudou bastante, enriqueceu-me bastante. (Berta, 2025, s.p.).

O depoimento da entrevistada Berta apresenta elementos essenciais no que se refere à relevância de uma formação popular para autonomia, como a formação popular

desenvolvida pelo Emancipa Malês. No entendimento da entrevistada, o Emancipa não contribuiu apenas na sua formação acadêmica, mas no seu crescimento moral e emocional. Berta falou sobre o comportamento dos professores como uma inspiração de vida para os estudantes, isso evidencia o engajamento desses professores para com os seus estudantes. Assim como Daniel e Berta, a entrevistada Aua também mostrou que o Emancipa foi importante tanto na sua vida acadêmica quanto pessoal.

Como pessoa, Emancipa agregou muitas coisas porque particularmente aprendi, não levando em conta que entrei para me inscrever na Unilab, mas aprendi muitas coisas no Emancipa, as pessoas que me ajudaram, carrego até hoje porque na Unilab também escrevo, faço muitas coisas e algumas dessas coisas aprendi no cursinho, o cursinho me ajudou bastante, também conheci muitas pessoas, que até hoje tenho uma boa relação com elas, fiz amizades. (Aua, 2025, s.p.).

A entrevistada Aua também destaca a importância da amizade e apoio social desenvolvidas no cursinho Emancipa Malês. De igual modo, o entrevistado Francisco relata a boa relação que teve com as pessoas no cursinho, principalmente com um coordenador no qual teve um contato direto.

Eu admirava bastante a disponibilidade de um dos coordenadores, e não conhecia ele, tivemos conversa fluída e tão humana. Ele se importava quando eu enviava mensagens a qualquer momento do dia, isso é uma coisa tão interessante. Também no grupo estávamos sempre a acompanhar tudo, qualquer momento do dia que os coordenadores da Rede Emancipa recebiam qualquer dúvida, perguntavam sobre o processo, sempre eles estavam disponíveis para responder, acompanhar o nosso processo, isso é muito significativo. Eu acho que não vou esquecer disso. (Francisco, 2025, s.p.).

Francisco informa como o processo de orientação com o coordenador foi bom ao constatar a importância de escuta e empatia desse coordenador e a horizontalidade durante os momentos que conversaram. A partir disso, compreende-se que o trabalho dos coordenadores é caracterizado pela escuta, cuidado e compromisso com os estudantes.

Em suma, entende-se que o cursinho Emancipa Malês contribui positivamente na construção acadêmica e social dos/as entrevistados/as.

3.3. A UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)

Este tema versa sobre o acesso e permanência de estudantes guineenses na Unilab, particularmente ex-estudantes do cursinho Emancipa Malês. O mencionado tema contém três (3) subtemas: A escolha ou não da Unilab como universidade para estudar; Unilab e a contribuição profissional e Unilab e a contribuição humana.

No que tange a escolha ou não da Unilab como uma universidade para estudar, nota-se que a maioria dos/as entrevistados/as inicialmente não tiveram escolhido a referida universidade para estudar, isso aconteceu devido à vários motivos, por causa das do cursinho Emancipa Malês, pelas dificuldades financeiras que não permitiriam a continuação do estudo na Guiné-Bissau, uma vez que, as universidades do país não são gratuitas, por outro lado, as influências de familiar e colegas sobre as oportunidades de estudo na Unilab, acabaram convencendo os/as entrevistados/as a inscrever no processo seletivo da referida universidade, como no caso da Carina, que relata que foi influenciado pelo seu primo.

No ano de 2022, ele me disse de novo para me inscrever no processo seletivo da UNILAB, informei que entreguei os meus documentos na embaixada de Portugal, ele disse Portugal? Você sabe das dificuldades que tem para estudar naquele país? disse a ele, temos que esperar, ele me disse que tem muitas dificuldades em Portugal, que eu deveria fazer algum curso no Brasil porque tem uma vantagem que iria receber o auxílio, e estudar sem preocupar com o pagamento das mensalidades da universidade, enquanto, em Portugal, eu teria que pagar a universidade, trabalhar e estudar também ao mesmo tempo. Fiz a equivalência e disse, vou estudar no Brasil. (Carina, 2025, s.p.).

O relato acima informa que a entrevistada Carina inicialmente queria estudar em Portugal, mas, após a conversa com o seu primo, percebeu os desafios de estudar no referido país e acabou por desistir e aceitar a ideia do seu primo para se inscrever no processo seletivo da Unilab. A decisão da entrevistada, foi feita depois de comparar os contextos educacionais de Portugal e Brasil, particularmente a Unilab, salienta-se, a função essencial da referida universidade como uma alternativa viável e receptiva para os estudantes africanos das classes populares.

Relativamente ao subtema, Unilab e a contribuição profissional, os/as entrevistados/as apontaram muitas questões: educação libertadora, a conscientização, a desconstrução social e a valorização cultural. No entendimento de Aua:

O ensino da Guiné é diferente da UNILAB. A UNILAB me prepara ainda mais, de uma forma mais aberta, me deixa à vontade, me deixa pensar, me deixa falar o que eu penso. A UNILAB está contribuindo muito, e está me preparando ainda mais, profissionalmente, eu diria que não destacar assim, mas fora, estarei mais livre. Estudando na UNILAB, como estou estudando, depois vou me formar, vou estar no mercado de trabalho, falar o que eu penso, trabalhar com pessoas, se inserir em qualquer lugar eu acredito que não terei problemas. (Aua, 2025, s.p.)

Conforme o relato da Aua entende-se que ela destacou a diferença entre o ensino em Guiné-Bissau e no Brasil, especificamente a Unilab, que valoriza a liberdade de pensamento e de expressão dos seus estudantes, por outro lado a entrevistada se sente preparada para ingressar no mercado de trabalho, estar livre para pensar e opinar e trabalhar com as pessoas, sem preocupação com os desafios que podem aparecer, por acreditar que estará muito preparada. Os professores da Aua permitem-na pensar e falar, porque sabem que ela também tem um conhecimento que pode compartilhar, isso é relevante no estudo, valorizar a autonomia do/a estudante, como explica Freire (1996) o ato de ensinar não é transferir conhecimento, mas, auxiliar os/as estudantes a aprender por si mesmos. O professor na sala de aula deve estar aberto, permitindo que os/as estudantes façam perguntas e tirem as suas dúvidas. A função do professor é estimular o pensamento e a aprendizagem de seus estudantes, não transferir o conhecimento e esperar que eles/as entreguem as respostas prontas. Neste sentido, é importante que os professores criem momentos para escutar e dialogar com os seus estudantes, isso poderá contribuir significativamente no processo de aprendizagem. Além disso, a escuta e o diálogo são relevantes no processo de desconstrução de pensamento, que não foram refletidos e foram reproduzidos. Baseado nessa questão, a entrevistada Berta explica que:

A UNILAB está contribuindo muito na minha formação profissional, o sistema da UNILAB está me desconstruindo. As coisas que eu acreditava ser, mas, que não são, as coisas que eu julgava, com a UNILAB vi que não devia. As coisas que eu fazia e que acreditava que eram coisas normais, agora estou vendo que não são coisas normais, por exemplo, eu estou fazendo letras-língua portuguesa, antes, quando alguém falava português, eu ria dizendo que a pessoa estava falando de uma forma errada. Antes eu dizia que nós em Guiné-Bissau, falamos português de Portugal, quando na verdade, não é, as coisas que eu tinha na minha cabeça, a UNILAB está me desconstruindo. (Berta, 2025, s.p.).

Baseado no depoimento da Berta, percebe-se que a Unilab tem um papel fundamental, no que concerne a desconstrução de ideias e de julgamentos que ela considerava corretos. A interação com as pessoas na universidade permitiu que ela repensasse as suas ideias e atitudes com relação a outras pessoas, a partir disso, entendemos a importância do ensino da Unilab na formação crítica dos seus estudantes. Por outro lado, compreende-se que a Berta não tinha conhecimento no que diz respeito a variações linguística, mas, além disso, acredita-se, que a colonização portuguesa, contribui para que ela cometesse o preconceito linguístico, valorizando o português falado pelos portugueses e menosprezando o português falado por alguns guineenses, pelo fato deles expressarem diferente dos colonizadores. A desconstrução das ideias da entrevistada sobre a forma que alguns guineenses falam português, vai permitir que ela respeite e valorize essa forma de expressar que é baseada na cultura desses falantes guineenses. E ainda sobre a questão cultural, Carina afirma que:

Ao cursar o BHU, que é a humanidades, ajudou-me a ser uma acadêmica e tanto nas tarefas, assim como na conscientização, pensar como é que podemos ajudar o nosso país e o Brasil, estando no Brasil o que podemos ajudar na nossa política educacional, assim como moral. A UNILAB me ajudou a ter conhecimento sobre o racismo, a nossa ancestralidade, que antes não tinha interesse em relação a esses conteúdos, porque sempre a questão de ancestralidade, eu a endemonizava porque sou cristã católica, mas a UNILAB despertou uma consciência em mim, tanto coletiva, assim como a nossa essência. Eu tenho mais uma vez de agradecer à UNILAB, porque ajudou-me e iluminou a minha mente sobre essas questões. Espero também ser um bom profissional com esses estudos que recebi aqui na UNILAB e levar tudo em conta. (Carina, 2025, s.p.).

O relato da entrevistada evidencia como curso de Humanidades contribuiu para a sua transformação pessoal e acadêmica, estimulando uma consciência crítica e sociopolítica. Os ensinamentos da igreja católica, que fez a Carina a ter uma visão negativa em relação a ancestralidade africana, foi utilizado os ensinamentos ocidentais para colonizar a mente da entrevistada, com o objetivo de ela valorizar a cultura ocidental e desprezar a cultura africana, ou seja, através da colonização mental ela passou a aceitar o saber ocidental como um saber legítimo e a desprezar o saber africano, pensando que não é um saber, mas algo ruim para a sociedade. Mediante essas situações, é importante o papel dos professores no que Freire chama de “conscientização”, que é fazer com que o estudantes tornam conscientes da situação que estão, depois seguir o processo que Amílcar Cabral chama de “descolonização das mentes”, que é libertar a mente dos estudantes da dominação colonial,

segundo Gadotti (2012) Paulo Freire e Amílcar Cabral, compartilham a ideia de que para haver uma libertação, é fundamental romper com a mentalidade colonial, conforme dizia ANO DAS OBRAS? Cabral, não há liberdade sem descolonização das mentes. Uma pessoa com mente descolonizada se torna livre, começa a pensar por si mesma, conhece, respeita e valoriza a sua realidade. Em relação à essa questão, Daniel relatou que:

Eu tive oportunidade de estudar sobre as realidades africanas, história africana, que nunca tinha oportunidade de estudar, através da UNILAB conheci várias histórias sobre a realidade africana, a questão da espiritualidade, as crenças africanas. Através da UNILAB trazendo esse conhecimento decolonial, está me tornando um acadêmico com outro olhar, não um olhar bem centralizado do ponto de vista europeu. (Daniel, 2025, s.p.).

O entrevistado explica que teve o contato com os conteúdos referente ao continente africano na Unilab, e através daquele processo formativo crítico mudou a sua visão de mundo, que antes estava direcionado apenas para os conteúdos eurocêntricos. Consta-se que Daniel passou pela descolonização das mentes na Unilab, o que permitiu que ele aprendesse sobre outra realidade, especificamente a realidade africana. Salienta-se a relevância da diversidade dos conteúdos para promover a inclusão e enriquecer o repertório dos estudantes. Para isso, os professores precisam criar muitas possibilidades de aprender. Na perspectiva de Francisco, na Unilab aprendem de diversas formas.

Na UNILAB somos ensinados a prestar atenção aos fenômenos, aos fatos sociais, porque eu lembro que na Guiné-Bissau quase não se assiste filmes e quase não se escutam músicas, essas questões, parece que não tem espaço no seio acadêmico. Mas, na UNILAB um filme, você é ensinado a ter um olhar a partir da imagem, da música, do filme, isso é muito relevante. (Francisco, 2025, s.p.).

Francisco conta que na Unilab existe uma pluralidade de metodologias de ensino, diferente de espaços escolares em que estudou na Guiné-Bissau, que raramente os/as estudantes aprendem com música, filme, imagem, que são expressões culturais que podem possibilitar a formação política e sociocultural dos/as estudantes. Mais uma vez, a Unilab mostra o seu compromisso com a formação científico e cultural dos/as estudantes, com vista à transformação social.

Portanto, de acordo com os relatos dos/as entrevistados/as, constata-se que a Unilab está a contribuir positivamente na formação profissional deles/as, visto que, os professores

trabalham com a perspectiva de educação conscientizadora, libertadora, com uma visão de descolonização de mentes e a valorização de outras realidades, particularmente realidades do continente africano.

No que toca ao subtema Unilab e a contribuição humana, pode se perceber que os cinco (5) entrevistados/as, falaram acerca de vários assuntos, entre os quais: a convivência com novas pessoas, a adaptação num lugar novo, o ganho da maturidade e responsabilidade, a reciprocidade, a desconstrução das ideias em relação a uma realidade e não se mostrar indiferente perante preconceito e discriminação.

Questionada sobre a como a Unilab está a contribuir para a sua formação humana, Aua explica a sua experiência quando chegou no Brasil para estudar na Unilab, destacou uma recepção boa das pessoas que a acolheram. Salienta-se que, a Unilab estabeleceu o acolhimento de estudantes veteranos a estudantes calouros, nos primeiros momentos da chegada dos calouros. Esse processo de acolhimento, para alguns/algumas estudantes é bom, como no caso da entrevistada, ela teve uma convivência boa com os/as seus/as acolhedores/as, enquanto, em outros casos, os/as estudantes não se interagem bem e acabam se afastando. Mediante a essas situações, é preciso que a Unilab faça com que os/as estudantes morram na residência estudantil da universidade, acredito que estando no referido lugar com regras que serão estabelecidas, poderá evitar possíveis problemas entre estudantes acolhidos/as e os acolhedores/as.

Ao entrevistado Daniel também foi feita a pergunta sobre a como a Unilab está a contribuir para a sua formação humana. Diferente da Aua, Daniel relatou sobre a desconstrução de ideias que teve na Unilab em relação ao seu costume ancestral em Guiné-Bissau, assunto que já tinha sido mencionado anteriormente e que agora volta para falar do impacto humano. Nas declarações de Daniel:

A UNILAB está contribuindo para a minha formação humana, tornando-me uma pessoa que é capaz de lidar com a questão própria de certas realidades. Por exemplo, em Bissau, estava numa sociedade onde os princípios do meu costume ancestral eram vistos como se fossem uma coisa má, de feitiço. Mas, com a UNILAB, já tenho outro pensamento sobre a minha própria realidade e sobre a forma de lidar comigo mesmo, com a minha sociedade e a forma de interagir com as pessoas. Tem certas colocações que eu posso agregar através dessa formação de área da humanidade. E uma parte que acho muito importante, que são os livros, os rituais, que agora não posso mais ignorar como uma pessoa, essas coisas fazem parte mesmo da minha convivência humana. Sendo uma pessoa que saiu de outra realidade, vou voltar a Guiné-Bissau e respeitar sempre os

rituais porque eles fazem parte da minha identidade. E sempre vou ter outro olhar sobre a minha própria identidade. (Daniel, 2025, s.p.).

O entrevistado também passou pelo processo que Cabral chama de “descolonização das mentes”. Em Guiné-Bissau, associava os princípios do seu costume ancestral como algo ruim, mas, após despertar a consciência durante o processo formativo na Unilab, teve a mudança de mentalidade e a valorização da sua cultura de origem. Constatase que o relato do entrevistado mostra na prática o que Cabral considerou como uma verdadeira libertação. Um povo que conseguiu a independência do seu país só será completamente livre quando libertar-se culturalmente, valorizar a sua cultura sem preconceito e sentimento de inferioridade. É importante conhecer e aprender sobre outras culturas, inclusive do opressor, mas, não submeter-se a essa cultura. É relevante fortalecer a positividade da cultura e recusar influências de culturas que enfraquecem ou mostram superioridade, por esse motivo, se os opressores têm o objetivo de acabar com a cultura dos oprimidos, o processo de libertação é um ato de cultura (Cabral, 1980, p.59). Essa afirmação demonstra que a cultura é fundamental no processo da descolonização das mentes dos oprimidos, também no que Cabral denomina de reafirmação das mentes, que é reconectar e valorizar a sua cultura. Porém, para que isso aconteça, é necessário inicialmente que o povo seja conscientizado para que possa se desconstruir e estar preparado para reafirmar as mentes. E ainda sobre a conscientização, Carina disse que estando na Unilab, começou a se importar com as pessoas, destaca a consciência coletiva como um meio para possibilitar mudanças de comportamentos, compreende a função da Unilab em formar estudantes mais emotivas aos problemas das pessoas e da sociedade. Como relata Francisco:

Não ficar em silêncio diante da discriminação dos outros porque nas áreas humanas somos ensinados sobre o racismo, preconceito, xenofobia, várias questões. Eu, como humano, tendo um conjunto dessas informações voltadas a essas questões, eu tenho que atuar não de uma forma assim, direta, mas não devo ficar em silêncio, vendo um ser humano a ser injustiçado, a ser discriminado, isso é uma contribuição para mim como um ser humano, de saber olhar para os outros, de entender que não sou melhor do que os outros. Eles têm as suas formas de ver o mundo, eu também tenho a minha forma de ver o mundo, preciso dialogar com os outros para entender o que é que eles têm que não tenho, e como podemos dialogar, fazer essa troca da nossa experiência, das nossas histórias. (Francisco, 2025, s.p.).

Com base nesse depoimento, percebe-se que a formação nas áreas humanas na Unilab permite que os/as estudantes tenham um entendimento referente a algumas injustiças, como racismo, preconceito, xenofobia etc. Francisco passou por esse processo, e atualmente, compreende que não pode ficar indiferente perante as injustiças, respeitando as diferenças e estando mais aberto para o diálogo.

Conforme os relatos dos/as entrevistados, compreende-se que o trabalho da Unilab, no que diz respeito à transformação social, estimula tanto o desenvolvimento acadêmico quanto o crescimento humano, tornando os estudantes mais responsáveis, empáticos e contribuindo para que eles/as tenham o respeito e a valorização das culturas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que esta dissertação faz parte de uma pesquisa inovadora que trata da preparação das classes populares guineenses por meio do cursinho Emancipa Malês, para o ingresso na Unilab, utilizou-se algumas bibliografias de autores que pesquisam sobre o Ensino Superior guineense, a Unilab, os cursinhos populares, a Rede Emancipa no Brasil, Cabo Verde, Angola e Guiné-Bissau, a Associação Kukula Pabhodzi de Moçambique e a Federação Nacional das Associações Acadêmicas da Universidade de São Tomé e Príncipe (FNAAU-STP). Além disso, foram feitas entrevistas semiestruturadas com estudantes guineenses que participaram no cursinho Emancipa Malês e atualmente estão a estudar na Unilab. Os dados das entrevistas foram analisados e cruzados com algumas bibliografias.

A pesquisa foi realizada com a finalidade de analisar o papel da Educação Popular na preparação dos jovens de classes populares da Guiné-Bissau para o ingresso no Ensino Superior na Unilab. Em relação aos objetivos específicos da pesquisa, foram cumpridos a maior parte daquilo que foi definido. Relativamente sobre as políticas públicas de acesso à educação superior na Guiné-Bissau, constata-se a inexistência de políticas eficazes no país, o que dificulta o desenvolvimento do ensino superior guineense. Além disso, aponta-se para mudança da política educacional no país como uma das soluções para a melhoria da educação da Guiné-Bissau. Outro objetivo cumprido trata da análise da Educação Popular da *Rede Emancipa: Movimento Social da Educação Popular*, pois os resultados da pesquisa demonstraram que essa rede, além de preparar os estudantes para os pré-vestibulares, também promove uma educação política, contra as desigualdades sociais. No que tange à *Rede Emancipa Guiné-Bissau*, é uma rede de educação popular recente que desenvolve os trabalhos com objetivo de auxiliar os estudantes guineenses das classes populares a

ingressarem nas universidades públicas brasileiras, principalmente Unilab. A Rede Emancipa está dando uma contribuição positiva em Guiné-Bissau levando o cursinho Emancipa Malês para as classes populares, particularmente para as pessoas que vivem nos interiores do território guineense, através da abertura de núcleos dos diferentes lugares da Guiné-Bissau e da promoção de atividades educativas chamadas “Escola Emancipa”, que estimulam os/as estudantes a continuar os estudos e ter uma formação superior. Relativamente aos objetivos sobre a caracterização dos tipos da educação que existem no território guineenses e a compreensão da presença da Educação Popular no período pré-colonial e durante as lutas pela independência da Guiné-Bissau, esses objetivos foram parcialmente desenvolvidos e podem ser aprofundados em trabalhos futuros

Compreende-se que, através do cursinho popular do Emancipa Malês, os estudantes conseguiram ingressar na Unilab. No decorrer do cursinho popular os/as estudantes foram auxiliados/as a fazer as redações e exercícios matemáticos, que são conteúdos que aparecem nos exames do Processo Seletivo de Estudantes Internacionais (PSEI) da Unilab. Devido às fragilidades no ensino guineense, destaca-se a relevância do cursinho Emancipa Malês como elemento crucial na aprovação dos/as estudantes no PSEI e ingresso na Unilab, visto que, através do cursinho, os/as estudantes conseguiram aprimorar a redação e adquirir conhecimentos. Além disso, o cursinho não é apenas um espaço de formação acadêmica, mas também de formação pessoal, um lugar de acolhimento e de empoderamento.

O cursinho Emancipa Malês teve um impacto positivo na Guiné-Bissau porque, por meio dele, muitos/as estudantes guineenses conseguiram ingressar na Unilab e outras universidades públicas brasileiras através do *Projeto Emancipa Pós-Graduação*. Sendo assim, compreende-se a relevância desta pesquisa, na medida em que vai permitir pensar iniciativas de cursinho populares na Guiné-Bissau como meio de preparação de estudantes para ingressarem nas universidades no país e no exterior, principalmente no Brasil. Além disso, esses cursinhos populares possibilitam uma formação conscientizadora e transformadora aos estudantes.

Após a formação superior, esses/as estudantes poderão contribuir para a melhoria da educação na Guiné-Bissau, uma vez que ela enfrenta vários desafios entre os quais a falta de infraestrutura adequada, atraso no pagamento de salário dos/as professores/as, o currículo eurocêntrico herdado dos colonizadores, a ausência de gratuidade para o acesso e permanência dos estudantes, principalmente aqueles/as que moram nos interiores da Guiné-Bissau, a falta de transparência na contratação de professores/as, não aplicabilidade das leis

do Ensino Superior no país etc. A perspectiva de uma Educação Popular, oferecendo cursinhos, poderá ajudar na capacitação de muitas pessoas em Guiné-Bissau, reduzindo o analfabetismo, a delinquência juvenil e contribuindo para o desenvolvimento do país. Em relação ao Brasil, essa pesquisa poderá possibilitar que outros projetos de cursinhos populares e universidades existentes no país possam se espelhar nas metodologias de ensino do Cursinho Emancipa Malês e Unilab, baseadas na educação libertadora, emancipatória, promovendo a descolonização das mentes e a valorização cultural da população local. Isso poderá contribuir para o desenvolvimento do ensino superior brasileiro.

Esperamos que este trabalho possa contribuir com o debate sobre a democratização do Ensino Superior na Guiné-Bissau no que se refere à ampliação do acesso das classes populares às universidades. Além disso, essa pesquisa poderá permitir que se pensem estratégias para garantir a permanência das classes populares no Ensino Superior e que se ampliem as discussões relativas à desconstrução do currículo escolar guineense eurocêntrico e a promoção de iniciativas com práticas pedagógicas voltadas à formação crítica e emancipadora nas universidades, permitindo que sejam estudadas questões relacionadas com a realidade guineense. Com isso, ainda esperamos cooperar com o fortalecimento da relação entre as universidades e a sociedade.

Essa pesquisa poderá servir para que futuros pesquisadores da temática relacionada à Educação Popular possam utilizá-la para fazer embasamento teórico nos seus trabalhos. Também abre caminhos para investigar e aprofundar mais sobre a Educação Popular desenvolvida pela Rede Emancipa Malês, estendendo a análise do processo de preparação de estudantes de Angola, Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe para o ingresso na Unilab, visto que o seu foco foram os/as estudantes guineenses. Além disso, pode-se fazer uma pesquisa mais aprofundada sobre o desenvolvimento da Educação Popular nos períodos pré-colonial, colonial e pós-colonial na Guiné-Bissau e o seu impacto na sociedade.

É importante salientar, no entanto, que esta pesquisa, por ser inovadora, não foi de fácil realização. Além disso, um dos limites para construção deste trabalho diz respeito ao curto tempo de execução da pesquisa.

REFERÊNCIAS

AQUINO, L. Apontamentos desde Guaíba (RS) sobre as percepções do trabalho realizado na Rede Emancipa-Alfabetização. In: VASCONCELOS, J. S.; MENDES, M. T.; MUSSI, D. X. H. (org.) **Paulo Freire e a Educação Popular: Esperançar em tempos de barbárie**. 1 ed. Elefante, São Paulo, 2023. p. 389-394.

ARAGÃO, R. C; et al. **Cursinho Popular Emancipa: movimento de Educação Popular**. Revista de Educação Popular, v. 14, n. 2, p. 83-92, 7 mar. 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/29589>> Acesso em: 05/05/2023. DOI: <https://doi.org/10.14393/REP-v14n22015-art07>

BALSALOBRE, Sabrina Rodrigues Garcia; SILOM, Alfa dos Santos; Tavares, Cidália Mendes Correia; Mané, Nembali. **Cursinho Popular da Rede Emancipa Malês: Parceria Brasil-África em Educação Popular**. Rizoma Freireano. v. 37, 2024. Disponível em: <<https://www.rizoma-freireano.org/articles-3737/cursinho-popular-da-rede-emancipa>> Acesso em: 24/08/2024.

BARROS, A. T. S. B.; CABRAL, F. B.; MEDEIROS, I. F.; JUNIOR, J. M. E.; SILVA, L. I. C.; CORDEIRO, P. M. A. Educação Popular na Amazônia: Dez anos da Rede Emancipa Belém. In: VASCONCELOS, J. S.; MENDES, M. T.; MUSSI, D. X. H. (org.) **Paulo Freire e a Educação Popular: Esperançar em tempos de barbárie**. 1 ed. Elefante, São Paulo, 2023. p. 353-370.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação Popular**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRUNO, Janete Machado. **Conceitos e Temas da Educação Popular Brasileira**. Anais VII CONEDU- Edição Online. Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em:<<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/68184>> Acesso em: 01/12/2024

CAMPOS, Américo. **História da Cidade de Bissau (Até 1915)**. Rebordosa, 2013.

CORDEIRO, Paula Maíra Alves. **Educação Popular e Emancipação das mulheres: o que dizem as egressas do cursinho popular Paulo Fonteles, da Rede Emancipa Belém**. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) - UFPA, Belém.

COSTA. António João Bico Ufaro da. **Perspetivas do Reitor (R) ou Diretor das Instituições do Ensino Superior (DIES) sobre o Estatuto da Carreira Docente Universitária da Guiné-Bissau (ECDU-GB)**. Dissertação (Mestrado)- Universidade de Lisboa, Instituto de Educação, Lisboa, 2023.

CONCEIÇÃO SILVA, L. I.; ALVES CORDEIRO, P. M., & MARTINS EVANGELISTA JÚNIOR, J. (2022). **Processos de educação popular das juventudes negras e periféricas: significados e contribuições da Rede Emancipa de cursinhos populares em Belém** –

Pará. **Momento - Diálogos Em Educação**, 31(01), p. 57–74. Disponível em: <https://doi.org/10.14295/momento.v31i01.13676>

ESIC. Estudo Diagnóstico do Ensino Superior e Investigação Científica: Oportunidades e Recomendações. FEC-Fundação Fé e Cooperação, Bissau, junho de 2022.

FERREIRA, Dulcinéia de Fátima; CAMPOS, Ana Maria de. **Educação de jovens e adultos como Educação Popular: direito a ser conquistado.** Crítica Educativa (Sorocaba/SP), v. 3, n. 3, p. 66-77, ago./dez.2017

VIEIRA, Derik Neves; CALDAS, Roseli Fernandes Lins. **Os sentidos e os significados do cursinho popular: história de vida.** Rev. Ed. Popular, Uberlândia, v. 16, n. 3, p. 139-155, set./dez. 2017

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** Paz e Terra. São Paulo, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1970.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. **Que Fazer: Teoria e Prática em Educação Popular.** 41 Edição. VOZES. Petrópolis, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia o oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

GUINÉ-BISSAU. **Leis de bases do Sistema Educativo.** Bissau: MEC, 2010.

GOHN. Maria da Gloria Gohn. **Retrospectiva sobre a Educação Popular e os Movimentos Sociais no Brasil.** Movimento-Revista de Educação, Niterói, ano 4, n.7, p.10-32, jul./dez. 2017.

LOPES, L. C. Entrevista Cibele Lima – Rede Emancipa. **Revista Crioula USP**, n. 16, dezembro de 2015.

Lucena, H. M. de A., Caramelo, J. C. P., & Silva, S. B. da. (2019). **Educação Popular e juventude: o movimento social como espaço educativo.** *Cadernos De Pesquisa*, 49(174), 290–315. Recuperado de <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/6754> Acesso: 11/11/2024

MACHADO, S. X. **A democratização do acesso ao Ensino Superior no Brasil e os cursinhos populares da Rede Emancipa.** 2020. 127 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social) — Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2020.

MANÉ. Nembali. **Ensino de História em Guiné-Bissau: colisões entre eurocentrismo e realidades históricas do país.** 2021. 104f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) – Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2021.

MENDES, Afonso José. **Políticas educacionais e formação de professores na Guiné-Bissau: um olhar a partir da Escola Normal Superior Tchico Té- ENSTT.** (Dissertação de Mestrado) Universidade Estadual do Ceará. 2023

MENDES, Leonel Vicente. **(Des)Caminhos do sistema de ensino guineense: avanços, recuos e perspectivas.** Curitiba: CRV. 2019. 242p.

OLIVEIRA, Silvaney de; GUIMARÃES, Orliney Maciel; FERREIRA, Jacques de Lima. **As entrevistas semiestruturadas na pesquisa qualitativa em educação.** Revista Linhas, Florianópolis, v. 24, n. 55, p. 210-236, maio/ago. 2023.

PINHEIRO, L. S.; BOVOLenta, M. B.; GRICHTCHOUK, O. É possível educar para a liberdade em um espaço de privação de liberdade? Considerações sobre Educação Popular, socioeducação e as lutas pela vida no Rio de Janeiro. In: VASCONCELOS, J. S.; MENDES, M. T.; MUSSI, D. X. H. (org.) **Paulo Freire e a Educação Popular: Esperançar em tempos de barbárie.** 1 ed. Elefante, São Paulo, 2023. p. 373-386.

PROJETO **Rede Malês Pós-graduação.** São Francisco do Conde, 2025.

REDE. EMANCIPA. **Emancipa 10 anos: educando para a liberdade.** São Paulo: Rede Emancipa Movimento Social de Educação Popular, 2017.

RELATÓRIO FINAL do **Projeto Emancipa Malês Estratégias Internacionalista de Educação Popular na UNILAB.** São Francisco do Conde, 2024.

REIS, Ana Lúcia da Silva. **Escola-piloto do PAIGC.** Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH), Departamento de Línguas, Culturas e Literaturas Modernas, Universidade Nova de Lisboa, 2020.

RODRIGUES, Faustino Manuel. Desigualdade de acesso escolar e avaliação de políticas públicas educacionais na Guiné-Bissau: desafios e avanços. **Revistas Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 24 nº 12, 9 de Abril de 2024. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/24/12/desigualdade-de-acesso-escolar-e-avaliacao-de-politicas-publicas-educacionais-na-guine-bissau-desafios-e-avancos>
Acesso em: 14 /03/2025

ROMÃO, José Estácio & GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire e Amílcar Cabral: a descolonização das mentes.** São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2012.

SANI, Q.; OLIVEIRA, M. R. Educação Superior e desenvolvimento na Guiné Bissau: Contribuições limites e desafios. Revista pedagógica, Chapecó, v.16, n.33, p.127-152, jul./dez. 2014.

SANTOS, Maria Raiana Barbosa Dos. **Educação Popular no Contexto da Escola.** Anais VII CONEDU- Edição Online. Campina Grande : Realize Editora, 2020. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/68465>> Acesso em: 01/12/2024.

SCANTAMBURLO, Luigi. **O léxico do crioulo guineense e as suas relações com o português: o ensino bilíngue português-crioulo guineense.** (Tese) 2013. 371f. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2013

SEIDI, Mutaro. **Burocratas de Nível de Rua e a Implementação de Políticas Ensino Superior na Guiné-Bissau:** Limitações e Mecanismos de Coping. Dissertação (Mestrado) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas-IFCH, Porto Alegre, 2024

SILVA, Izabella Andrade. Educação e Direitos Humanos: Um estudo de caso da Rede Emancipa. **Polifonia Revista Internacional da Academia Paulista de Direito**, n. 5, Nova série, 2020. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7011-8245> Acesso: 12/06/2024.

SIMÕES, J. L. A Educação Popular no ensino do português como língua de acolhimento (PLAC) para imigrantes em São Paulo. In: VASCONCELOS, J. S.; MENDES, M. T.; MUSSI, D. X. H. (org.) **Paulo Freire e a Educação Popular:** Esperançar em tempos de barbárie. 1 ed. Elefante, São Paulo, 2023. p. 415-425.

SOUTO, B. F.; FILHO, K. B. O.; PEREIRA, M. A. M.; AMORIM, M. M. T.; MACHADO, X. M. O Pensamento de Paulo Freire como referência para as ações do Cursinho Popular Darcy Ribeiro da Rede Emancipa em Montes Claros (MG). In: VASCONCELOS, J. S.; MENDES, M. T.; MUSSI, D. X. H. (org.) **Paulo Freire e a Educação Popular:** Esperançar em tempos de barbárie. 1 ed. Elefante, São Paulo, 2023. p. 397-413.

SUCUMA, Arnaldo. **A participação do Estado e Ensino Superior no processo de desenvolvimento da Guiné-Bissau.** Anais do Encontro Internacional e Nacional de Política Social, v. 1, n. 1, 2015.

_____. **Breve histórico sobre a construção do estado da Guiné-Bissau.** Cadernos de História UFPE, v. 9, n. 9, 2017.

_____. **O Ensino Superior na Guiné-Bissau:** elementos estruturais, conjunturais e suas implicações no desenvolvimento das universidades guineenses. (Tese) 2018. 207f. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Universidade de Pernambuco, Recife, 2018.

TEIXEIRA, Ricardino Jacinto Dumas. **Cabo Verde e Guiné-Bissau:** as relações entre a sociedade civil e o estado – Recife: Ed. do Autor, 2015.

TORRES CARRILLO, Alfonso. A Educação Popular no início do século 21. Revista de Educação Popular, Uberlândia, n. Edição Especial, p. 31–45, 2023. DOI: 10.14393/REP-2023-71154. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/71154>. Acesso em: 11/11/ 2024.

VASCONCELOS, J. S.; MENDES, M. T.; MUSSI, D. X. H. (org.) **Paulo Freire e a Educação Popular:** Esperançar em tempos de barbárie. 1 ed. Elefante, São Paulo, 2023. p. 397-413.

APÊNDICE 1

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

Planejamento das Entrevistas Individuais

Local: Plataforma ConferênciaWeb da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa.

Número de Pessoas: cinco (5) entrevistados/as

Critérios de seleção das pessoas entrevistadas:

- ser nascido na Guiné-Bissau;
- ser estudante da Unilab
- ter feito o curso preparatório da Rede Emancipa Guiné-Bissau para ingresso na Unilab.

Tempo Previsto: 1h30 a 2h

Contato: convite pelo aplicativo de mensagens *WhatsApp*

Eixo 1- Dados Pessoais dos Participantes

1-Nome:

2-Sexo:

3-Gênero:

4-Idade:

5-Região da Guiné-Bissau:

6-Curso na Unilab:

7-Data de Entrada na Unilab:

Eixo 2-História de Vida Educacional dos Participantes

1-Como você se alfabetizou?

2-Seus pais ou responsáveis são alfabetizados?

2- Onde você cursou o Ensino Secundário?

3-Que lembranças você tem dessa fase da sua escolarização?

4-Que dificuldades enfrentou?

5-Que oportunidades apareceram depois da escolarização?

Eixo 3- O Cursinho Popular da Rede Emancipa Malês: Estratégias Internacionalista de Educação Popular na UNILAB

- 1-Como conheceu o Cursinho Popular Emancipa Malês?
- 2- De que forma o cursinho Popular Emancipa Malês contribuiu para a sua aprovação no Processo Seletivo de Estudantes Internacionais da Unilab?
- 3- O que o Emancipa agregou em você em termos de formação humana?
- 4-Como o Projeto Emancipa Malês motiva a participação das meninas no cursinho para o ingresso no Ensino Superior?
- 5-Depois da sua participação no Cursinho Popular Emancipa Malês você mudou a sua concepção em relação à política educacional na Guiné-Bissau? Por quê?
- 6- Você já tinha participado de um cursinho popular? Caso sim, fale um pouco sobre essa experiência.
- 7-Você já tinha participado de algum outro projeto de Educação Popular? Qual? Como foi?
- 8-Como você vê o impacto da Educação Popular na Sociedade Guineense?

Eixo 4- O Ingresso e a Permanência de estudantes Guineenses na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab)

- 1- Porque escolheu a Unilab como uma universidade para estudar?
- 2- Como é o sistema de ensino da Unilab?
- 3- De que forma a Unilab está a contribuir para a sua formação profissional?
- 4- De que forma a Unilab está a contribuir para a sua formação humana?

APÊNDICE 2

QUADRO METODOLÓGICO DA ENTREVISTADA AUA

TEMA	SUBTEMA	UNIDADE DE SIGNIFICADO	FALA DO/DA ENTREVISTADA
HISTÓRIA DE VIDA EDUCACIONAL	Dificuldades enfrentadas	Muitas mudanças de escola.	Dificuldades? Não sei se enfrentei, mas durante esse processo eu tive que sair algumas vezes da escola, viajar, sai de casa, porque estudei aí na Escola da Rosa, do Jardim (creche) ao 9º ano. Só que no 6º ano eu tive que sair, ir para o Senegal, Dakar viver com a minha tia. Fiquei no 9º ano, quase no meio do 6º ano. Ao chegando lá, tive que recomeçar, fiz o 5º ano de novo, por causa da língua até o 9º ano, depois voltei novamente, voltei para essa escola e fiz o meu 9º ano.
	Oportunidades encontradas	Diminuiu a dificuldade de falar em público.	Eram grandes as oportunidades porque estudando na Escola da Rosa, estava aprendendo melhor. Eu me tornei uma pessoa melhor estudando ali porque faziam concursos, você era obrigado a participar, a sair fora, a viajar por regiões. E participar desse concurso me ajudou. Eu, até hoje, tenho dificuldade de falar em público, mas são mínimas agora. Mas antes eram grandes. E na nossa escola éramos obrigados a falar em público, não era todo dia, mas todos eram obrigados em algum momento participar de algum concurso. E isso te obrigava a ficar à frente das pessoas. Então, eram

			oportunidades que me ajudaram muito.
O CURSINHO EMANCIPA MALÊS	A descoberta do cursinho	Através de um coordenador da Rede Emancipa Malês.	Eu conheci esse projeto através do meu tio, que estava na Bahia, um coordenador, mas quem me adicionou no grupo foi outro coordenador. Antes mesmo de eu me inscrever para a bolsa da UNILAB.
	O impacto do cursinho na formação acadêmica	No cursinho aprendeu a fazer a redação.	Nós sabemos que o ensino da Guiné, nem todas as coisas são ensinadas, por exemplo, fazer resumo, ensina-se nas escolas, mas raramente se vê, no cursinho aprendi a fazer redação e resumo da melhor forma, aprendi muitas coisas. Na prova da UNILAB você se depara com isso, a redação tem a maior pontuação no processo seletivo, com a ajuda do cursinho, fiz uma boa redação, por isso, fui aprovada e estou no Brasil. E digo que é através do cursinho que consegui fazer a redação porque antes fazia, mas, era uma coisa que fazia às vezes na escola, quando mandavam fazer, mas, nem sempre nos deparávamos com isso. No cursinho, aprendi muito sobre fazer redação.
		Conteúdos repetidos, a política educacional guineense deve ser mudada.	A política deve ser mudada. Eu diria que a política educacional na Guiné deve ser mudada um pouco porque é muito estruturado. Eu diria que burocrática ou estruturado, não sei qual é a palavra que se encaixa. Crescemos e aprendemos... vimos aqueles livros de “A mamã...” da 1ª classe, da 2ª classe, do “O Rui...”, e é tudo isso. Aqueles que já

			estudaram, passaram por isso. Nós passamos por isso. Aqueles que estão atrás, vão passar por isso, é muito direcionado diferentemente do Brasil. Eu diria que deveria ter mais modalidades. Não só andar por esse caminho, que é um caminho único, que todo mundo faz. A política deve ser mudada, é muito necessário.
	O impacto do cursinho na formação humana	No cursinho conheceu pessoas que atualmente são amigos.	Como pessoa, Emancipa agregou muitas coisas porque particularmente aprendi, não levando em conta que entrei para me inscrever na UNILAB, mas aprendi muitas coisas no Emancipa as pessoas que me ajudaram, carrego até hoje porque na UNILAB também escrevo, faço muitas coisas, e algumas dessas coisas aprendi no cursinho, o cursinho me ajudou bastante, também conheci muitas pessoas, que até hoje tenho uma boa relação com elas, fiz amizades
A UNILAB	A escolha ou não da UNILAB como uma universidade para estudar	Não foi uma escolha, mas, uma oportunidade que apareceu.	Eu não escolhi a UNILAB. Eu vim porque era uma oportunidade de bolsa que vi, me inscrevi, não é porque vi outras universidades e entre elas escolhi a UNILAB. Não foi uma escolha, era uma oportunidade que vi porque estava a tentar outras bolsas não deu certo, estavam a demorar, me inscrevi na UNILAB como uma oportunidade de estudo, pensei, entre as bolsas que estava a concorrer, uma poderia dar certo, e deu.
			O ensino da Guiné é diferente da UNILAB. A UNILAB me prepara ainda mais, de uma forma mais aberta, me deixa à vontade, me

	UNILAB e a contribuição profissional	A UNILAB me deixa pensar e falar o que penso.	deixa pensar, me deixa falar o que eu penso. A UNILAB está contribuindo muito, e está me preparando ainda mais, profissionalmente, diria que não destacar assim, mas fora, estarei mais livre. Estudando na UNILAB, como estou estudando, depois vou me formar, vou estar no mercado de trabalho, falar o que eu penso, trabalhar com pessoas, se inserir em qualquer lugar acredito que não terei problemas.
	UNILAB e a contribuição humana	A UNILAB me ensinou a conviver com as pessoas que me acolheram.	Na UNILAB tendo várias nacionalidades, a primeira coisa é a questão da cultura, a adaptação, mas estando aí convivendo, inicialmente, como você sabe tem o processo de acolhimento na chegada na UNILAB, esse processo é a primeira coisa que enfrenta convivendo com pessoas que você não conhece, só sabe o nome, a pessoa abertamente te acolheu, e deve conviver com ela ou com elas, depende, então, eu mesma aprendi muito porque antes só vivia com a minha família, fui para o Senegal com minha tia. É a primeira vez que eu estava a conviver com pessoas que nunca conheci, não conhecia antes.

QUADRO METODOLÓGICO DA ENTREVISTADA BERTA

TEMA	SUBTEMA	UNIDADE DE SIGNIFICADO	FALA DO/DA ENTREVISTADA
			Quando comecei a estudar décima, décima primeira e décima segunda classe (Ensino Médio),

HISTÓRIA DE VIDA EDUCACIONAL	Dificuldades enfrentadas	Dificuldades financeiras para pagar a escola e pegar transporte.	estudei em Rui Barcelos da Cunha e morava em Cuntum Madina, as dificuldades começaram logo no transporte, para pagar o transporte todos os dias para ir para a escola. O meu pai era condutor (motorista) e trabalhava com toca-toca (transporte), no dia que ele não trabalhava, eu tinha que saber como é que eu vou chegar na escola e depois, como chegar em casa, como vou ir para a educação física. A falta de dinheiro para pagar transporte era uma das dificuldades que tive enquanto estudava.
	Oportunidades encontradas	Conseguiu a vaga no SENAI, trabalhou como professora e Secretária numa escola.	Depois que terminei os meus liceus, fui concorrer para a escola do SENAI em Guiné-Bissau, a Escola de Cooperação Brasil Guiné-Bissau, não sei se você já ouviu falar? Como estava dizendo, eu fui concorrer para aquela escola e consegui a vaga para estudar. Eu tinha ido fazer a inscrição para o curso de planificação. Mas naquela escola para fazer a inscrição, tens que dormir na escola, porque senão você não consegue a vaga. Como não conseguia ir à escola, a minha colega foi só que chegou tarde, não conseguiu a vaga para fazer a inscrição na planificação, já tinham encerrado a inscrição naquele curso, ela me inscreveu na corte e costura, fomos, fizemos o teste e conseguimos, diria que, se não estudasse, eu não iria conseguir porque a forma que a prova veio, se não fosse pela escola, eu não iria conseguir. Depois, fui apresentar o meu

			currículo e a carta de motivação numa das escolas em Cuntum Madina, consegui a vaga de trabalho, eu já estava trabalhando na Guiné-Bissau numa escola, no primeiro e segundo ano, trabalhei na secretaria.
O CURSINHO EMANCIPA MALÊS	A descoberta do cursinho	Através de uma colega da universidade.	Conheci o cursinho através de uma colega minha que atualmente também está no Brasil, ela veio na semana passada. Estávamos a estudar junto na Escola 17 de Fevereiro. Um dia apresentei uma ideia para ela, eu disse, quero fazer inscrição para a UNILAB, ela me disse, eu tenho um grupo, nesse grupo orientam às pessoas todas as semanas em relação as aulas, porque o primo dela parece que você conhece mesmo, é o fulano. Foi ele que indicou para ela, e ela indicou para mim, me mandou o link, acessei o grupo e comecei a assistir as aulas.
	O impacto do cursinho na formação acadêmica	Assistia aula e praticava a redação.	O cursinho contribuiu na minha aprovação de uma forma muito positiva, porque inicialmente quando pensei em fazer a inscrição, pensei, mas vou fazer a inscrição, não sei como costuma vir a prova, não sei o que vai cair na prova, fiquei assim, mas, depois que ela me indicou o grupo do Cursinho, ou seja, o grupo Rede Malês, aderi, quando comecei a assistir as aulas, vi que iria ser muito interessante, as coisas que davam no Cursinho me ajudaram bastante. Eu preferia, não fazer uma outra coisa, mas, não ausentar as aulas de Emancipa, fazia as redações sempre e mandava, toda semana,

			mandava mensagem para um dos coordenadores, dizendo já fiz a redação, faz a correção da minha redação, ele sempre também me atendia, corrigia e depois me devolvia, dizia tem que melhorar isso, tem que melhorar aquilo, tem que fazer isso, tem que fazer aquilo. Quando fui fazer a prova, não havia alguma coisa assim de novidade porque as coisas que caíram na prova, são as coisas que já tinha visto no cursinho, já tinha mais ou menos, minimamente, uma noção do que iria cair, a prova não foi tão difícil para mim.
		Percebeu não existe gratuidade nas escolas públicas da Guiné-Bissau.	Mudei a minha concepção depois das aulas do cursinho porque tinha algumas coisas que pensava que era normal, que não era normal, depois que comecei a assistir as aulas do cursinho, as coisas que achava normal no nosso sistema educativo, agora sei que algumas coisas são anormais, como o caso de gratuidade do ensino, dizem que as escolas públicas na Guiné-Bissau são gratuitas, mas não vejo essa gratuidade de uma forma 100%, porque os estudantes ainda têm que pagar uma taxa para terem o acesso, enquanto o cursinho, ele é 100% gratuito. A pessoa não tem que pagar nenhum centavo para poder ter acesso às aulas.
	O impacto do cursinho na formação humana	Conheceu professor/a que são sua referência na vida acadêmica e pessoal	Diria que Emancipa me ajudou bastante, porque se não fosse pela Emancipa, talvez eu não chegaria no Brasil para iniciar o processo de estudo. Talvez, posso dizer, de uma outra parte é por causa da Emancipa, por causa das aulas que assistia, das formações que

			davam, me ajudou de uma forma assim, a forma como os professores davam aulas, são exemplos para seguir, independentemente da vida acadêmica, mas também na vida pessoal, isso me ajudou bastante, enriqueceu-me bastante.
A UNILAB	A escolha ou não da UNILAB como uma universidade para estudar	Não foi uma escolha, fui influenciado por colegas que estão no Brasil.	Não foi uma escolha, não foi uma iniciativa minha de fazer inscrição para a UNILAB e nem para um outro país, porque eu tinha na minha cabeça que eu vou fazer inscrição, de bolsa para Brasil, Portugal e outros países, depois quem vai bancar essa bolsa para mim? Porque eu sabia que o meu pai não iria fazer isso para mim, não tinha essa coisa na minha cabeça de fazer uma inscrição para bolsa de qualquer país. Mas, eu fui influenciada por colegas que já estão no Brasil, que diziam inscreva, se você inscrever vai conseguir ajuda, eu dizia não, prefiro não inscrever, se eu inscrever e depois saber que consegui, mas, por causa do dinheiro não fui, isso vai me estressar ainda mais, então, prefiro não fazer a inscrição. Disseram não, faça inscrição, decidi fazer inscrição, fui fazer a inscrição e a prova, como havia dito, que eu não queria fazer prova nenhuma para depois ver que não consegui porque os meus pais não conseguiram bancar as despesas para eu chegar aqui.
			A UNILAB está contribuindo muito na minha formação profissional, o sistema da UNILAB está me desconstruindo.

	UNILAB e a contribuição profissional	A UNILAB está me desconstruindo.	As coisas que eu acreditava ser, mas, que não são, as coisas que eu julgava, com a UNILAB vi que não devia. As coisas que eu fazia e que acreditava que eram coisas normais, agora estou vendo que não são coisas normais, por exemplo, eu estou fazendo letras-língua portuguesa, antes, quando alguém falava português, eu ria dizendo que a pessoa estava falando de uma forma errada. Antes eu dizia que nós em Guiné-Bissau, falamos português de Portugal, quando na verdade, não é, as coisas que eu tinha na minha cabeça, a UNILAB está me desconstruindo.
	UNILAB e a contribuição humana	Longe da família, a UNILAB está me ajudando a ser mais madura e responsável.	É a primeira vez, que eu estou afastada da minha família. Eu já estou acostumada, mas, os primeiros momentos foram muito difíceis, de encarar esse momento de ficar longe do meu pai, da minha mãe, embora que eu nem vivia com a minha mãe, só vivia com o meu pai, mas, é difícil mesmo. Mas, acredito que se outras pessoas vieram no Brasil e conseguiram formar, eu também vou conseguir. Apesar de cada ser humano ser único. A forma como eu encaro as coisas talvez não seja dessa mesma forma como a outra pessoa também vai encarar a mesma coisa. A UNILAB está me ajudando bastante a tornar uma pessoa muito mais madura e responsável.

QUADRO METODOLÓGICO DA ENTREVISTADA CARINA

TEMA	SUBTEMA	UNIDADE DE SIGNIFICADO	FALA DA ENTREVISTADA
HISTÓRIA DE VIDA EDUCACIONAL	Dificuldades enfrentadas	Dificuldade em conciliar as atividades domésticas e escolares.	A dificuldade que eu passava, a fase da adolescência, é uma fase muito complicada porque os encarregados de educação deixavam algumas tarefas de casa para fazer, e não podia deixar de fazer. Como tinha dito, fui criado pelo meu tio, a esposa dele deixava algumas tarefas e essa divisão de tarefas, às vezes dificultava porque de manhã vou para a escola e à tarde, quando voltar para casa, tenho as minhas tarefas que já estão me esperando, e tenho que fazer aquelas tarefas todas para depois estudar, isso é algumas dificuldades, mas com força de vontade consigo fazer tudo.
	Oportunidades encontradas	Ingressar na Universidade Colinas de Boé, ser estagiária de jardim de infância (pré-escola).	A escolarização trouxe várias oportunidades porque quando fiz o meu 12º ano (3º ano do Ensino Médio), iniciei o estudo na universidade Colinas de Boé(...) Fui estagiária de jardim de infância (creche ou pré-escola) Cantinho mágico, trabalhei com as crianças do movimento valente. A escola deu-me aquela oportunidade e continua me dando oportunidade.
	A descoberta do cursinho	Através de um coordenador da	Eu conheci o Cursinho através do meu amigo um dos coordenadores da Emancipa, ele falou-me sobre o cursinho porque o meu primo pediu-lhe para me fazer a inscrição no processo da UNILAB. Ele me disse que tinha

O CURSINHO EMANCIPA MALÊS		Rede Emancipa Malês	que entrar no grupo do cursinho, que é muito bom, para me ajudar no processo, porque vou ter que fazer redação. Eu disse, mas eu já sei fazer redação, não preciso do cursinho. Ele me disse, não, tem que entrar para aperfeiçoar mais, para te ajudar a fazer a prova, eu disse como tens o meu número, pode me adicionar no grupo, e ele adicionou-me no grupo, mas não participava nas reuniões e nas aulas porque não tinha interesse, mas, depois comecei a comprar internet, a assistir as aulas achei muito bom o cursinho e ajudou também muito no processo.
	O impacto do cursinho na formação acadêmica	Percebeu que precisava aprimorar a forma de fazer redação.	Antes eu pensava que esse cursinho iria trazer tudo aquilo que eu sabia da redação na Guiné-Bissau, mas percebi a diferença em termos de palavras, como usar os conetivos, por exemplo, ao iniciar a redação, quais são os conetivos que deveria usar, no desenvolvimento e conclusão da redação. Isso me ajudou bastante, porque eu ia escrever de qualquer forma, como fazia na Guiné-Bissau, não iria saber quais os conetivos usar em cada parte da redação. Então, o cursinho me ajudou bastante e tenho só que agradecer. Os conhecimentos que já tinha e aquilo que adquiri no cursinho ajudou mais.
		Aprendeu que a educação não é feita apenas pelo Estado nas instituições escolares.	O cursinho sempre ajuda. Não só esperar que o Ministério da Educação faça alguma coisa, ou seja, a educação não é feita só dentro de instituições escolares, mas sim pelas comunidades. A ideia de ser também feita nas

			tabancas (aldeias), não só para esperar a escola em si, mas tem pessoas que podem ajudar.
	O impacto do cursinho na formação humana	Como pessoa Emancipa ajudou-lhe a amadurecer.	Emancipa me ajudou a amadurecer, tanto na minha vida acadêmica como pessoal, porque no Emancipa tive amigos que me ajudaram, por exemplo, dois coordenadores de Emancipa. Quando cheguei no Brasil tive dificuldade em fazer os meus trabalhos da universidade, como já sabemos na Guiné-Bissau, os conteúdos de resumos, fichamentos nem se dão, pelo menos na escola que estudei não davam, um dos coordenadores me ajudou muito em relação a isso. Vou levar a Emancipa para a vida toda.
A UNILAB	A escolha ou não da UNILAB como uma universidade para estudar	No início não foi escolha, mas, depois de conhecer as vantagens foi uma escolha.	No ano de 2022, ele me disse de novo para inscrever no processo seletivo da UNILAB, informei que entreguei os meus documentos na embaixada de Portugal, ele disse Portugal? Você sabe das dificuldades que tem para estudar naquele país? disse a ele, temos que esperar, ele me disse que tem muitas dificuldades em Portugal, que eu deveria fazer algum curso no Brasil porque tem uma vantagem que iria receber o auxílio, e estudar sem preocupar com o pagamento das mensalidades da universidade, enquanto, em Portugal, eu teria que pagar a universidade, trabalhar e estudar também ao mesmo tempo. Fiz a equivalência e disse, vou estudar no Brasil.

	UNILAB e a contribuição profissional	UNILAB conscientizou-me, endemonizava a ancestralidade.	Ao cursar o BHU, que é a humanidades, ajudou-me a ser uma acadêmica e tanto nas tarefas, assim como na conscientização, pensar como é que podemos ajudar o nosso país e o Brasil, estando no Brasil o que podemos ajudar na nossa política educacional, assim como moral. A UNILAB me ajudou a ter conhecimento sobre o racismo, a nossa ancestralidade, que antes não tinha interesse em relação a esses conteúdos, porque sempre a questão de ancestralidade, eu a endemonizava porque sou cristã católica, mas a UNILAB despertou uma consciência em mim, tanto coletiva, assim como a nossa essência. Eu tenho mais uma vez de agradecer à UNILAB, porque ajudou-me e iluminou a minha mente sobre essas questões. Espero também ser um bom profissional com esses estudos que recebi aqui na UNILAB e levar tudo em conta.
	UNILAB e a contribuição humana	Estando na UNILAB começou a se importar com outras pessoas.	Como pessoa, a UNILAB ajudou-me a pensar mais na outra pessoa porque eu ficava na minha, os meus problemas que me importam, os problemas dos outros não, não me interessavam, e pensava, não vai fazer alguma falta, mas, estando na UNILAB, vi a integração das pessoas comigo, a fazer a reciprocidade com outras pessoas, mas, antes, eu era na minha, mesmo na Guiné-Bissau, os meus problemas que me preocupavam, a minha mãe sempre me dizia, fulana tens que focar em outras pessoas e não só

			em você, você é muito egoísta. Minha mãe sempre me dizia, tem que se importar com as pessoas, mesmo os meus irmãos em casa, os problemas deles, se eles me explicassem e queriam alguma opinião minha, eu dava, se não me explicassem, nem me interessava em saber, deixava-os resolver sozinhos. Mas, a UNILAB está me ensinando muito, espero que continue me ensinando, aprendo bastante com a UNILAB, tanto na minha formação profissional, assim como moral.
--	--	--	---

QUADRO METODOLÓGICO DA ENTREVISTADO DANIEL

TEMA	SUBTEMA	UNIDADE DE SIGNIFICADO	FALA DO ENTREVISTADO
HISTÓRIA DE VIDA EDUCACIONAL	Dificuldades enfrentadas	Dificuldade em conciliar o estudo com o trabalho profissional, e dificuldade financeira.	Quando comecei a estudar na escola privada, era um pouco difícil, porque trabalhava para conseguia pagar a mensalidade da minha escola. Depois que eu fui para a escola em Kwame Nkrumah também tive um pouco as dificuldades em relação a pagar transporte para ir à escola. Nós sabemos que não são coisas fáceis para nós, que somos filhos de pobres. Eu trabalhava, tinha salão na minha casa e cortava cabelo das pessoas, sendo assim, ficava um pouco sobrecarregado porque cortava cabelo depois ia para a aula, era uma coisa muito sobrecarregada para mim. Como nós sabemos, nosso princípio de estudo na Guiné-Bissau é muito diferente do Brasil. Então, fazer a

			gerências dessas cargas horárias ficava muito difícil para mim. Eu dormia tarde, principalmente quando estava a estudar 12º ano, o horário de início das minhas aulas era 13h e saía às 17h. Entrava a aula e depois tinha que voltar para o salão para cortar cabelo e fechava o salão às 22h, depois dormia e tinha que acordar 6 ou 7 horas da manhã para preparar o salão antes da chegada dos clientes. Eu tinha tempo que eu reservava para fazer meus estudos, leituras. Na verdade, fiz um cronograma com plano de estudo, de acordo com o meu tempo de corte de cabelo e de fazer outros trabalhos, eu também criei esse plano de estudo.
	Oportunidades encontradas	Recrutamento para o serviço militar em Guiné-Bissau, e estudar no Brasil.	As oportunidades que tive foi uma dessas para vir estudar no Brasil. Na escola Kwame Krumah conheci colegas que eu partilhava na organização, porque eu fiz parte de uma organização estudantil, os colegas que eu conheci na escola que me motivaram a vir estudar no Brasil. Quando estava a estudar 12º ano fui recrutado para o serviço militar, e naquela altura eles me pediram declaração de nível de escolaridade. Fui a escola e pedi a declaração para o processo de recrutamento, depois que entreguei essas documentações, comecei no Serviço de Migração, fiz três anos, depois vim estudar no Brasil.
	A descoberta do cursinho	Através de um coordenador da	Eu conheci o cursinho quando iniciou em 2021, através de um

O CURSINHO EMANCIPA MALÊS		Rede Emancipa Malês.	colega que está estudando no Ceará.
	O impacto do cursinho na formação acadêmica	Participava nas aulas e fazia os exercícios.	Para mim essa é a parte mais bonita da entrevista, graças à Deus e graças ao Cursinho consegui estar hoje no Brasil. Depois de passar um tempo que conheci o Cursinho, comecei a pensar o seguinte, todos os exercícios que eles davam, para mim era uma coisa que comecei a encarar como se fosse um desafio que eu tinha para cumprir. O Cursinho foi quase 75% do meu processo para poder estar no Brasil porque não só na parte das aulas, mas também no preparativo para ingressar na UNILAB. O Cursinho foi quase tudo para mim. Os meus colegas que naquela altura passavam informações para mim, faziam muita coisa para mim. E como já tinha dito 75% da minha aprovação vou graças ao cursinho porque sempre acatava o que diziam nas aulas, fazia os exercícios, eu também me esforçava muito.
		No cursinho, percebeu que não deviam pagar as mensalidades das escolas e universidades na Guiné-Bissau.	Eu conversei com a minha orientadora, ela me falou para fazer um artigo mais voltado à questão da educação. Para mim, a educação envolvendo nesse processo, acho que a perspectiva educacional da Guiné-Bissau precisa de outros métodos, por exemplo, essa questão de pagar mensalidades nas universidades e nem só. O cursinho popular que eu estou envolvido, ele faz tudo de graça, sem pagar nada. Mas, na

			Guiné-Bissau as organizações estudantis não dão qualquer apoio sobre a questão da educação gratuitamente. Participando do cursinho que comecei a mudar meus pensamentos sobre a questão da educação, o meu olhar sobre a questão da educação. Através do cursinho, atualmente consegui ter outro olhar sobre a questão da educação e própria atuação dessas organizações, que na Guiné-Bissau não são organizações de educação popular, mas são organizações de currículo extraescolar, que são de educação informal.
	O impacto do cursinho na formação humana	Emancipa realizou o seu sonho.	Como pessoa, Emancipa me fez realizar o meu sonho de estudar no Brasil.
A UNILAB	A escolha ou não da UNILAB como uma universidade para estudar	A motivação do Cursinho Popular que lhe fez escolher a UNILAB, também não tinha outra opção.	Na verdade, foi uma curiosidade, através do cursinho popular, me motivou muito...a história que eles contavam sobre a UNILAB, sobre os benefícios, sobre o próprio ensino do Brasil, foi mais a motivação do Cursinho Popular que me fez escolher a UNILAB. Na verdade, nunca tive a curiosidade de tentar pesquisar para saber quais as oportunidades que a UNILAB tem, quais são, por exemplo, os métodos de ensino. Mas, acho que não tive outra oportunidade no plano B para fazer outra escolha, a não ser a UNILAB
			Eu tive oportunidade de estudar sobre as realidades africanas, história africana, que nunca tinha oportunidade de estudar, através da UNILAB conheci várias

	UNILAB e a contribuição profissional	Na UNILAB aprendeu sobre a sua realidade e desconstruiu.	histórias sobre a realidade africana, a questão da espiritualidade, as crenças africanas. Através da UNILAB trazendo esse conhecimento decolonial, está me tornando um acadêmico com outro olhar, não um olhar bem centralizado do ponto de vista europeu.
	UNILAB e a contribuição humana	Desconstrução da sua própria realidade e valorização da sua cultura.	A UNILAB está contribuindo para a minha formação humana, tornando-me uma pessoa que é capaz de lidar com a questão própria de certas realidades, por exemplo, em Bissau estava numa sociedade onde os princípios do meu costume ancestral eram vistos como se fosse uma coisa má, de feitiço. Mas, com a UNILAB, já tenho outro pensamento sobre a minha própria realidade e sobre a forma de lidar comigo mesmo, com a minha sociedade e a forma de interagir com as pessoas. Tem certas colocações que eu posso agregar através dessa formação de área da humanidade. E uma parte que acho muito importante, que são os livros, os rituais, que agora, não posso mais ignorar como uma pessoa, essas coisas fazem parte mesmo da minha convivência humana. Sendo uma pessoa que saiu de outra realidade, vou voltar a Guiné-Bissau e respeitar sempre os rituais porque eles fazem parte da minha identidade. E sempre vou ter outro olhar sobre a minha própria identidade.

QUADRO METODOLÓGICO DA ENTREVISTADO FRANCISCO

TEMA	SUBTEMA	UNIDADE DE SIGNIFICADO	FALA DO ENTREVISTADO
HISTÓRIA DE VIDA EDUCACIONAL	Dificuldades enfrentadas	Dificuldades financeiras para ter materiais escolares.	A minha família é pobre, família classe baixa, tinha dificuldade enorme em ter os materiais, desde início da escolarização não conseguia materiais. Eu lembro do meu tio, eu era o querido dele sempre se preocupava comigo e comprava algumas coisas para mim. Além de materiais escolares, também não tinha essa oportunidade de ter os vestuários, sapatos chiques para ir à escola. Eu tinha materiais, mas não eram do tipo que eu queria, sabe aquela coisa da infância, você vai querer ter igual dos colegas, esquecendo que a família não tem a mesma condição financeira, sentia falta de ter cadernos que queria, e por exemplo, a mochila, eu lembro que, no início das aulas, era o momento que não conseguia ter a mochila, sempre estava com o caderno nas mãos ou colocava na sacola. Passava um tempo para depois ter uma mochila, às vezes tinha caderno, mas não o suficiente do que poderia ter.
	Oportunidades encontradas	Dava aula na igreja, trabalhou no programa de educação pré-escolar (PEP).	Como uma pessoa que tem domínio de escrever e ler, dentro da igreja comecei a dar aula, como escola dominical, aquilo era uma coisa muito interessante naquela altura. Dava aula e depois participei também de um projeto, que é o Projeto Missionário Brasileiro, que é PEP, Programa de Educação Pré-escolar, trabalhei como educador auxiliar durante dois anos, de 2010 a 2012, ganhava um pouco porque na

			nossa cidade não tinha espaço para ganhar dinheiro, além daquela atividade doméstica com a família.
O CURSINHO EMANCIPA MALÊS	A descoberta do cursinho	Através de uma amiga e colega da universidade.	Eu estava estudando na universidade Colinas de Boé, cursando sociologia. Estava quase no final do primeiro ano do curso, um cunhado meu que atualmente está no Brasil me deu informação sobre o processo da UNILAB, foi ele que me inscreveu no processo seletivo, e eu estava com uma amiga, minha colega da turma, ela também se inscreveu no processo seletivo da UNILAB, mas, na altura não sabia que ela se inscreveu, depois, saiu os nossos nomes, começamos a conversar, o que vamos fazer para conseguirmos ser selecionados.
	O impacto do cursinho na formação acadêmica	Dicas de redação de um dos coordenadores e práticas de exercícios do cursinho.	O cursinho contribuiu bastante, porque como falei tinha um dos coordenadores de Emancipa, que me dava as dicas bastante interessantes que me ajudaram muito. E aqueles exercícios que eu fazia, e quando Jardel observava e falava você está num bom caminho, isso me dava mais confiança, assim acreditei que iria conseguir, e dizia vou conseguir. Felizmente, no nosso curso de Humanidades, na nossa entrada, fiquei na segunda posição, foi com a ajuda de Emancipa Malês que fiquei naquela posição.
		Mudou a sua concepção em relação a política	A resposta, não é bem assim, sim, porque eu não tinha, um conhecimento sobre a política educacional na Guiné-Bissau, não dei atenção a essa questão. Eu não conseguia ver a atuação do

		educacional da Guiné-Bissau.	Emancipa como se fosse uma política educacional, como uma coisa de incentivar, não tinha essa noção, mas, hoje estou percebendo que sim, é necessário que haja mais projetos ou atuação política voltada a essa questão. Não vou dizer que sim, como falei, porque era uma coisa que eu não estava ligado.
	O impacto do cursinho na formação humana	Os coordenadores da Emancipa são muito prestativos.	Eu admirava bastante a disponibilidade de um dos coordenadores, e não conhecia ele, tivemos conversa fluída e tão humana, ele se importava quando eu enviava qualquer momento do dia, isso é uma coisa tão interessante. Também no grupo, estávamos sempre a acompanhar tudo, qualquer momento do dia que os coordenadores da Rede Emancipa recebiam qualquer dúvida, pergunta sobre o processo, sempre eles estavam disponíveis para responder, acompanhar o nosso processo, isso é muito significativo. Eu acho que não vou esquecer disso.
	A escolha ou não da UNILAB como uma universidade para estudar	UNILAB não foi uma escolha inicial, queria estudar em Portugal, mas pelas condições decidi escolher a UNILAB.	Falando sério, não escolhi a UNILAB, ela foi algo que aconteceu ao longo da minha vida e aceitei, porque, sabe, na Guiné-Bissau nós temos aquela visão mais próxima de ir estudar em Portugal, eu também era daqueles que sempre sonhava em estudar, não importava onde seria, estudar era o meu sonho. Mas, teve um momento que estudar em Portugal ficou mais próximo de mim, porque no momento que estava no processo da UNILAB, eu tinha conseguido uma vaga em Portugal

A UNILAB			só que por alguns motivos, não deu certo. A UNILAB, como disse, quando eu estava na Universidade Colinas de Boé, fiz a inscrição no seu processo seletivo e recebi várias orientações de certas pessoas, dizendo que a UNILAB é melhor porque conseguiria estudar, e em Portugal às vezes existem pessoas que ao chegarem, acabam desistindo de estudar, eu não queria desistir de estudar, diante dessas duas questões decidi escolher a UNILAB. Não foi uma escolha inicial, mas é por causa daquele desejo de querer estudar, que escolhi a UNILAB.
	UNILAB e a contribuição profissional	A UNILAB tem diversas metodologias de ensino, o que não acontece em Guiné-Bissau.	Na UNILAB somos ensinados a prestar atenção aos fenômenos, aos fatos sociais, porque eu lembro que na Guiné-Bissau quase não se assiste filmes e quase não se escutam músicas, essas questões, parece que não tem espaço no seio acadêmico. Mas, na UNILAB um filme, você é ensinado a ter um olhar a partir da imagem, da música, do filme, isso é muito relevante.
	UNILAB e a contribuição humana	Não ficar indiferente perante preconceito e discriminação com as pessoas.	Não ficar em silêncio diante da discriminação dos outros porque nas áreas humanas somos ensinados sobre o racismo, preconceito, xenofobia, várias questões. Eu como humano tendo um conjunto dessas informações voltadas a essas questões, eu tenho que atuar não de uma forma assim, direta, mas, não devo ficar em silêncio, vendo um ser humano a ser injustiçado, a ser discriminado, isso é uma contribuição para mim

			como um ser humano, de saber olhar para os outros, de entender que não sou melhor do que os outros, eles têm as suas formas de ver o mundo, eu também tenho a minha forma de ver o mundo, preciso dialogar com os outros para entender o que é que eles têm que não tenho, e como podemos dialogar, fazer essa troca da nossa experiência, das nossas histórias.
--	--	--	---